



INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA
CAMPUS BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

ANÍVEA ARAUJO COSTA

PROVOCAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NO CURSO SUPERIOR
DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

Brasília
Maio de 2025

ANÍVEA ARAUJO COSTA

**PROVOCAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NO CURSO SUPERIOR
DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Brasília do Instituto Federal de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Veruska Ribeiro Machado

Brasília
Maio de 2025

C837 Costa, Anívea Araujo.

Provocações sobre as questões de gênero no curso superior de Tecnologia em Agroecologia. / Anívea Araujo Costa. – Brasília, 2025.

117 f. : il. color.

Orientador: Veruska Ribeiro Machado.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2025.

1. Gênero. 2. Agroecologia. 3. Educação e Trabalho. 4. Curso Superior. 5. Empoderamento. I. Machado, Veruska Ribeiro. (orient.). II. Título.

CDU 378:171.72



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

No dia 05 de maio de 2025, às 16h, no(a) Reitoria IFB - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, localizada no Edifício Siderbrás/Setor de Autarquias, ocorreu a defesa pública de dissertação do(a) mestrando(a) Arívela Araújo Costa, intitulada "PROVOCAÇÕES SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO NO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGRONECOLOGIA". Reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos(as) professores(as): Dra. Veruska Ribeiro Machado (presidente e orientador(a)), Dra. Débora Leite Silvano e Dra. Francilene Eulália de Souza, a fim de arquivar o(a) mestrando(a). Aberta a sessão pelo(a) presidente, cedeu ao(s) candidato(a), na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo, em seguida, questionado(a) pelos membros da banca examinadora, tendo dado as explicações necessárias. Os membros da banca consideraram a dissertação:

aprovada.

não aprovada.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Veruska Ribeiro Machado
(presidente e orientador(a))

Prof. Dra. Débora Leite Silvano

Documento assinado digitalmente
gouvbr FRANCILANE EULÁLIA DE SOUZA
Data: 04/06/2025 11:14:03-0000
Verifique em <https://sistema.if.gov.br>

Prof. Dra. Francilane Eulália de Souza

Candidata:

Documento assinado digitalmente
gouvbr ANNE LARAJO COSTA
Data: 04/06/2025 11:14:03-0000
Verifique em <https://sistema.if.gov.br>

Aluno(a): Anne Larajo Costa

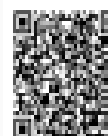
Documento assinado eletronicamente por:

- **Vanessa Ribeiro Machado, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 04/06/2025 11:59:52.
- **Debora Leite Silvano, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 05/06/2025 09:31:37.

Este documento foi emitido pelo SIAP em 04/06/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://siap.ifb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 622506

Código de Autenticação: 25d989ba63





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

No dia 05 de maio de 2023, às 16h, no(a) Reitoria IFB - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília, localizada no Edifício Siderbrás/Sector de Autarquias, ocorreu a defesa pública do produto educacional do(a) mestrando(a) *Anívia Araújo Costa*, intitulado "AS PERSPECTIVAS DE TRABALHO DAS ESTUDANTES DO CURSO SUPERIOR DE AGROECOLOGIA". Reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos(as) professores(as): Dra. Veruska Ribeiro Machado (presidente e orientador(a)), Dra. Débora Leite Silveira e Dra. Francilaine Estilín de Souza, a fim de argüirem o(a) mestrando(a). Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube ao(à) candidato(a), na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo, em seguida, questionado(a) pelos membros da banca examinadora, tendo dado as explicações necessárias. Os membros da banca consideraram o produto educacional:

(x) válido.

() não válido.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Veruska Ribeiro Machado

(presidente e orientador(a))

Prof. Dra. Débora Leite Silveira

Prof. Dra. Francilane Estília de Souza

Candidata:

Aluno(a): Arívida Araújo Costa

Documento assinado eletronicamente por:

- **Veruska Ribeiro Machado, PROFESSOR ENS BÁSICO TECH TECNOLÓGICO**, em 04/06/2025 14:22:07.
- **Deborah Leite Silveira, PROFESSOR ENS BÁSICO TECH TECNOLÓGICO**, em 05/06/2025 09:33:07.

Este documento foi emitido pelo SIAEP em 04/06/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suaq.ifs.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 622512
Código de Autenticação: 8da718b376



Dedico este trabalho a minha mãe, Geralda de Araújo Costa (in memoriam), às minhas irmãs, Genesi Rodrigues Rocha (in memoriam) , Eli Rodrigues Alves (in memoriam), à Djalmira de Souza Moreira e à Luciene de Araujo Costa, por serem elas as primeiras pessoas de quem eu tenho lembranças, saudosas, ao pensar no meu contato com a terra ainda na infância.

AGRADECIMENTOS

À minha ancestralidade e aos meus guardiões que me fortalecem e permitem que conquistas significativas, como esse mestrado, aconteçam em minha vida.

À minha família: marido Irys César e meu filho Jhonatan por estarem presentes na minha vida e contribuírem nos momentos de luta.

Às sobrinhas que se tornaram filhas: em especial Maju Rocha que com seu ativismo inspira e compartilha as alegrias das vibrações inebriantes de cada conquista.

Aos meus colegas de curso: pela partilha e enfrentamento em conjunto dos desafios.

Jamais poderia deixar de agradecer quem primeiro plantou a sementinha para a escrita desse tema, à Prof^a. Dra. Francilane Eulália de Souza, a pesquisa da pós-graduação pela UEG, em sua orientação ficou tão marcada que renderam o fruto da pesquisa de mestrado.

Agradeço a cada um dos professores do curso, a forma humanizada, pedagógica e intelectualizada com que nos ensinaram me proporcionaram crescimento intelectual omnilateral.

Agradeço de forma muito especial à minha orientadora Prof^a. Dra. Veruska Ribeiro Machado por todo apoio e carinho, por não soltar minha mão nos meus momentos de apagões da escrita. E sobretudo agradeço pela forma leve e suave que conduziu todo o processo de idas e vindas, cai e levanta. Nossas orientações sempre foram permeadas de muito conhecimento, escuta ativa de mim, sorrisos e falar dos nossos pets. Quero que saiba que tenho um orgulho enorme por seu nome estar para sempre marcado em minha história.

E por fim, quero agradecer a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal - Fapdf pela bolsa concedida a essa pesquisa. Agradeço a todos os estudantes, às professoras e professores, ao coordenador, ao diretor geral do campus, a todos os servidores e especialmente às mulheres estudantes do curso por toda ajuda, sem vocês essa pesquisa não poderia ser tão exitosa como é. Obrigada a toda equipe do curso superior de Tecnologia em Agroecologia pela acolhida.

“A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos.”
(Olympe de Gouges, 1791).

RESUMO

O presente trabalho, intitulado *Provocações Sobre as Questões de Gênero do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFB/Planaltina*, faz parte do programa de mestrado do ProfEPT, na linha de pesquisa *Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)*, macroprojeto 2 - *Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT*. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo com estudo de caso como método. A coleta de dados foi feita por meio de análise documental do Projeto Pedagógico do Curso, uma oficina e por entrevista semiestruturada. Para fundamentar as discussões neste trabalho, foram utilizados diversos autores que versam sobre as categorias discutidas como Scott; Santos; Bruil, *et al.*; Altieri; Ciavatta; Carvalho e Roseno; Davis e Gonzalez. A pesquisa tem como objetivo geral discutir questões de gênero nas perspectivas de trabalho de estudantes e egressas do curso de agroecologia. E como objetivos específicos: i) investigar se/como o curso superior de tecnologia em agroecologia prevê, em seu projeto pedagógico, a formação de trabalhadoras em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia; ii) reconhecer a história das estudantes do curso de agroecologia que as conduziram a essa formação, bem como suas expectativas profissionais, considerando desafios e possibilidades; iii). produzir material didático complementar para o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia com o objetivo de contribuir para o fortalecimento das trabalhadoras no território rural no contexto da agroecologia. Dos resultados das análises dos dados das entrevistas surgiram dois Produtos Educacionais, um produto principal e um produto secundário. O produto principal foi uma oficina intitulada "Provocações sobre as questões de gênero na agroecologia" e o produto secundário foi uma revista intitulada "*Agroecologia: Mulheres Pela Terra - Alimentando Mudanças*". Espera-se, com estes estudos, promover a reflexão acerca do trabalho das mulheres no território rural no espaço da agroecologia no sentido de fortalecê-las e reconhecê-las como agentes imprescindíveis para o desenvolvimento da economia, da sociedade, da segurança alimentar e da proteção agroecológica.

Palavras-Chave: Gênero. Agroecologia. Educação e Trabalho. Curso Superior. Empoderamento.

ABSTRACT

This paper, entitled *Provocations on Gender Issues in the Higher Education Course in Agroecology* at IFB/Planaltina, is part of the ProfEPT master's program, in the line of research *Educational Practices in Professional and Technological Education (EPT)*, macroproject 2 - *Inclusion and diversity in formal and non-formal teaching spaces in EPT*. This is a qualitative research with a case study as a method. Data collection was done through documentary analysis of the Course's Pedagogical Project, a workshop and semi-structured interviews. To support the discussions in this paper, several authors who deal with the categories discussed were used, such as Scott; Santos; Bruil, et al.; Altieri; Ciavatta; Carvalho and Roseno; Davis and Gonzalez. The research has the general objective of discussing gender issues in the work perspectives of students and graduates of the agroecology course. And as specific objectives: i) to investigate whether/how the higher education course in agroecology technology foresees, in its pedagogical project, the training of workers from an emancipatory perspective to work in rural areas in the context of agroecology; ii) to recognize the history of the students of the agroecology course that led them to this training, as well as their professional expectations, considering challenges and possibilities; iii) to produce complementary teaching material for the Higher Education Course in Agroecology Technology with the objective of contributing to the strengthening of workers in rural areas in the context of agroecology. The results of the analysis of the interview data resulted in two Educational Products, a main product and a secondary product. The main product was a workshop entitled "Provocations on gender issues in agroecology" and the secondary product was a magazine entitled "Agroecology: Women for the Land - Fueling Changes". These studies are expected to promote reflection on the work of women in rural areas in the area of agroecology, with a view to strengthening them and recognizing them as essential agents for the development of the economy, society, food security and agroecological protection.

Keywords: Gender. Agroecology. Education and Work. Higher Education. Empowerment

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Quadro síntese.....	46
Figura 02 - Etapa I - Análise documental.....	52
Figura 03 - Quadro (recorte) do 1º Semestre - Área do Conhecimento Sociologia Rural.....	54
Figura 04 - Etapa II - Questionário da entrevista semiestruturada.....	58
Figura 05 - Etapa II - Entrevista semiestruturada - Questões emergentes durante as entrevistas.....	59
Figura 6 - Planejamento da oficina do Curso de Agroecologia – dia 22/01/2025.	68
Figura 7 - Albúm de fotografias da oficina.....	78
Figura 8 - Imagens do PE Revista Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

CVT – Centros Vocacionais Tecnológicos

Emater - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos

GDF – Governo do Distrito Federal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFB – Instituto Federal de Brasília

MEC - Ministério da Educação

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organizações da Nações Unidas

PE – Produto Educacional

Pnapo – Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

PPC – Projeto Pedagógico/Plano do Curso

ProfEPT - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica

SMDF – Secretaria da Mulher do Distrito Federal

SNEA – Seminário de Agroecologia

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecimento

TJDF – Tribunal de Justiça do Distrito Federal

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
1 INTRODUÇÃO.....	20
2 UMA ABORDAGEM TEÓRICA QUE ENVOLVE GÊNERO NO TERRITÓRIO RURAL NO CONTEXTO DA AGROECOLOGIA.....	25
2.1. Território e gênero para pensar a construção do gênero feminino na sociedade brasileira urbana/rural.....	25
2.2. A mulher no território rural ao longo da história universal.....	30
2.3 Decreto Nº 7.794, de 20 de agosto de 2012, que institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - Pnapo.....	34
2.4 A agroecologia e a mulher: uma relação de sustentabilidade alimentar e resistência social.....	36
2.5 O trabalho das mulheres no campo como prática e princípio educativo.....	39
2.6 Implicações de cor e raça no trabalho feminino no campo.....	41
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
3.1 Quadro síntese do plano de ação da coleta de dados da análise documental e das entrevistas semiestruturadas.....	48
3.2 Local em está situada os sujeitos da pesquisa.....	50
3.2.1 Histórico da criação do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.....	51
4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA ANÁLISE DOCUMENTAL E NAS ENTREVISTAS.....	54
4.1 Etapa I - Análise documental do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) - um olhar atento a existência da discussão de gênero.....	54
4.1.1 Resultados da análise documental - uma percepção sobre como a discussão de gênero, no PPC, é apresentada.....	58
4.2 Etapa II - Entrevista Semiestruturada Com as Estudantes da Agroecologia.....	58
4.2.1 Perfil das mulheres selecionadas para entrevista.....	59
4.2.2 Resultados das entrevistas semiestruturadas com as estudantes envolvidas no curso de agroecologia.....	62

4.3 Elaboração do Produto Educacional 1 (Oficina - Provocações Sobre Gênero na Agroecologia) e do Produto Educacional 2 - (Revista - Mulheres pela Terra: Alimentando Mudanças).....	65
4.3.1 Organização do Produto Educacional 1 - Oficina Provocações Sobre Gênero na Agroecologia.....	65
4.3.2 Resultados da oficina realizado com estudantes mulheres e homens do curso... 72	
4.3.3 Apresentação do Produto Educacional 2 - revista.....	73
5. A FORMULAÇÃO DOS PRODUTOS EDUCACIONAIS 1 E 2.....	76
5.1 PE 1 - Oficina: Provocações sobre Gênero na Agroecologia.....	78
5.2 PE 2 - Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças.....	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL 1 - OFICINA.....	96
APÊNDICE B – PRODUTO EDUCACIONAL 2 - REVISTA.....	98
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	111
APÊNDICE D - FICHA DE AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICA TECNOLÓGICA (PTT) - ProfEPT.....	114

APRESENTAÇÃO

A pesquisa intitulada *Provocações sobre as questões de gênero no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia* parte, primeiro, do desejo em alcançar um mestrado. Eu sou Anívea Araujo Costa, a nona filha, entre dez, de uma mulher viúva, analfabeta, trabalhadora rural, sem dinheiro. Estar no lugar acadêmico em que estou mesmo aos 52 anos é mérito de mamãe. Mesmo com todo o seu esforço para escolarizar todos os filhos, eu fui a primeira da família a concluir o Segundo Grau (Ensino Médio), a primeira a concluir o Ensino Superior, por enquanto, a única a cursar mestrado. Sou professora licenciada em letras, concursada pela rede municipal de Planaltina Goiás e também pela rede estadual de Goiás. Minha persistência em estudar me levou a fazer diversas especializações. Também tive uma diversidade de experiências no campo da educação, como a realização de um mestrado na Argentina e a participação na elaboração do Documento Curricular para Goiás - Ampliado Ensino Fundamental II (DC-GO) e Documento Curricular para Goiás - Ampliado - Ensino Médio (DC- GOEM).

Nos diversos momentos deste trabalho, discussões sobre as questões de gênero, cor e raça articularam-se de forma interseccional. Essa é uma abordagem que me atrai. Em uma especialização pela Universidade Estadual de Goiás, escrevi meu primeiro artigo sobre o assunto; em seguida iniciei uma pesquisa que foi breve por ser uma especialização. Assim, partindo da minha vivência e experiência, surgiu o desejo de pesquisar o tema desenvolvido neste trabalho.

Partindo, pois, de minhas vivências, dedico-me, neste trabalho, a contribuir com a visibilidade do trabalho da mulher no território rural no espaço da agroecologia e contribuir para o seu empoderamento. Para tanto, foi elaborado dois produtos, que são uma oficina intitulada "*Provocações sobre as questões de gênero na Agroecologia*" e uma revista intitulada "*Agroecologia: Mulheres Pela Terra - Alimentando Mudanças*". Os produtos emergiram com base nos dados de uma pesquisa de cunho qualitativo que teve o estudo de caso como abordagem metodológica. Para coletas de dados foram feitas entrevistas com as estudantes (mulheres) do curso, conversas com professores e coordenadores e uma oficina. Diante dos diálogos com as estudantes, entendemos que esse produto é um dos mecanismos que melhor atende aos anseios do grupo, que é dar visibilidade às

questões de gênero e da agroecologia. Os Produtos Educacionais (PE) têm conteúdo educativo relevante à reflexão. A oficina proporciona momentos interativos entre mulheres e homens nas discussões sobre gênero na agroecologia, possui um guia detalhado de aplicação. A revista é ilustrada, apresenta diferentes tipos de linguagem com gêneros textuais variados, como artigo de opinião, reportagem, entrevista, receitas, charge, resenha, informativos e seção de diversão e arte.

Esta dissertação, faz parte do programa de mestrado do ProfEPT, na linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), macroprojeto 2 - Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT. No decorrer da pesquisa emerge o PE 1 (Oficina) e o PE 2 (Revista). A pesquisa está estruturada em seis capítulos. O primeiro capítulo, referente à Introdução, apresenta o problema a que se dedica a pesquisa, sua justificativa, bem como os objetivos da investigação.

O segundo capítulo é o referencial teórico. Para dialogar sobre o assunto, são trazidos autores e autoras como Scott (1995); Santos (1987); Bruil, et al. (2020); Altieri (1998); Ciavatta (1990); Carvalho e Roseno (2023); Davis (2016) e Gonzalez (1984) entre outros que corroboram com a discussão. Esse capítulo é composto pelas seguintes seções: Território e gênero para pensar a construção do gênero feminino mulher na sociedade brasileira urbana/rural; A mulher no território rural ao longo da história; Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo); A agroecologia e a mulher: uma relação de sustentabilidade alimentar e resistência social; O trabalho das mulheres no campo como prática e princípio educativo; Implicações de cor e raça no trabalho feminino no campo.

Sobre o referencial teórico, vale destacar que, inicialmente, é apresenta-se a construção da concepção social de mulher na perspectiva de ocupação de território e para isso são entrelaçados conceitos de Joan Scott (1995) e Milton Santos (1987) aprofundando a discussão com Michelle Perrot (2019), Norma Telles (2002) e Guacira Louro (2002). O conceito de agroecologia se faz importante porque ele se coloca no cerne da discussão quando se discute gênero no espaço rural. Durante as discussões, percebe-se que a agroecologia está no percurso da mulher do campo, assim como a mulher do campo está para a agroecologia. Para contribuir com o conceito de agroecologia, recorreremos a Altieri (1998). São trazidos, para dentro da

discussão, dados do IBGE, que auxiliam a pragmatizar o território feminino dentro do espaço rural. Em análise nessa discussão recorreremos a Bruil et al. (2020) e Siliprandi e Pacheco (2009).

No capítulo referente aos procedimentos metodológicos, é feita uma trajetória do percurso realizado pela pesquisa. Para o embasamento teórico deste capítulo, são utilizados autores como Mattar e Ramos (2021), Marconi e Lakatos (2003) entre outros autores que corroboram com a discussão. O capítulo é composto pelas seguintes seções: Plano de ação da coleta de dados; Local da Pesquisa; Histórico da instituição; Histórico da criação do curso; Análise documental; Entrevista Semiestruturada; Perfil das mulheres selecionadas para entrevista; Questionário de entrevista; Elaboração do produto; Apresentação do Produto Educacional 1 - Oficina e Produto Educacional 2 - Revista.

No capítulo 4, realizou-se a análise dos dados coletados. Para o embasamento teórico deste capítulo são utilizados autores como Ciavatta (1990) e Altieri (1998).

Em seguida, o capítulo 5 faz uma apresentação dos Produtos Educacionais. Esse capítulo é organizado por meio de perguntas cujas respostas ajudam o leitor a conhecer minuciosamente o PE 1 e 2.

Por fim, o capítulo 6 tece as considerações finais, fazendo uma retomada dos objetivos da pesquisa, dos diálogos com autores e autoras e dos dados coletados. Em seguida, há as referências utilizadas na sustentação argumentativa da pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

Os debates sobre gênero vêm sendo ampliados em função, principalmente, das desigualdades territoriais impostas, por décadas, às mulheres tanto nos espaços urbanos, quanto nos espaços rurais. Esta pesquisa traz como recorte espacial o território rural numa perspectiva de discussão das categorias gênero, trabalho, classe e raça considerando as estudantes do Instituto Federal de Brasília, campus Planaltina do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.

Para a UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas - 2019), a equidade de gênero é considerada um direito humano. De acordo com esse grupo, o empoderamento das mulheres é ferramenta indispensável para promover o desenvolvimento e a redução da pobreza (UNFPA, 2009), empoderamento que inclusive faz parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (Objetivo 5).

No espaço rural, lugar de recorte desta pesquisa, pode-se constatar, através de análises do censo de 2017, a proporção da força significativa do trabalho das mulheres no campo em diversas áreas. É dentro dessa perspectiva de análise da mulher na sociedade rural que esta pesquisa se posiciona para discutir a interseccionalidade entre gênero, trabalho, classe e raça para melhor reconhecimento das lutas e conquistas das mulheres, especialmente as negras, nos espaços rurais.

Para uma discussão mais aprofundada, faz-se necessário partir de conceitos que ajudarão a situar-nos nas categorias em discussão. Para isso, são trazidos para esta pesquisa autores e autoras como Scott (1995); Santos (1987); Bruil, *et al.* (2020); Altieri (1998); Ciavatta (1990); Carvalho e Roseno (2023), Davis (2016) e Gonzalez (1984, 2020), entre outros que contribuem para o diálogo.

No contexto da discussão de gênero, segundo Scott (1995), gênero é uma construção social que dá sentido às relações de poder entre os sexos. O conceito de gênero foi criado para se opor a um determinismo biológico com imposições ao corpo sexuado. Priore (2002) aponta que a história das mulheres não é só delas e,

sim, a história de toda nação mundial, corroborando com o pensamento de Michelle Perrot (2006), ao pontuar que, através das histórias das mulheres, se conhece a história de uma sociedade. Ainda, a pesquisadora Gonzalez (2020) reflete sobre a abordagem de desconstrução de uma mulher sob o ponto de vista patriarcal e a construção da mulher sob o ponto de vista dela, e não do ponto de vista do outro. Enfim, podemos perceber que os estudos ligados à mulher tomaram a centralidade do discurso de gênero, raça e classe interseccionado pelo território e as territorialidades em que esse gênero esteja envolvido. Durante a história da sociedade, a disputa por espaço e poder entre os gêneros esteve em constante discussão. Nessa disputa, o homem apoderou-se majoritariamente dos espaços sociais, criando na sociedade a ideia de espaços de menos prestígio e colocando a mulher nesse espaço ideologicamente criado. Nesse processo, a mulher negra e do campo foi ainda mais subjugada, ao ponto de, ainda hoje, carregar consigo as marcas dessa subjugação social imposta durante sua história enquanto gênero feminino negro.

Considerando esse contexto, esta pesquisa busca compreender quais são as provocações sobre gênero no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.

É importante ressaltar a interseccionalidade existente entre as categorias gênero, trabalho, cor e raça dentro do território rural, considerando mais especificamente o contexto da agroecologia. Isso significa que falar de uma categoria implica falar também da outra. Importante destacar, aqui, o conceito de território, que, na concepção de Santos (1987)

“território é o espaço de localização das pessoas e que essa localização das pessoas no território é, na maioria das vezes, produto de uma combinação de forças de mercado e decisões do governo, desencarrilhando assim uma disputa de território ou de espaço” (Santos, 1987, p. 112).

Souza (2000) contribui com o diálogo ao trazer a aspecto de disputa política, para ele território é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (Souza, 2000, p. 78). Dos autores, pode-se inferir o fato de que o governo sempre age mobilizado pelos valores das elites. E nesse aspecto entre território – espaço – localização das pessoas, visto em Santos (1987), Souza admite um certo tipo de interação entre homem e espaço, ou seja, uma interação entre seres

humanos mediatizada pelo espaço (Souza, 2000, p. 99). Em síntese, para os autores a definição de território é permeada por disputas de poder.

A discussão de gênero, considerando sua interseccionalidade com as categorias trabalho, cor e raça, no contexto da agroecologia, parte da problematização de que a mulher vive e age em seu espaço social, que é um território permeado por disputas, tanto território urbano quanto o território rural. Dentro da agroecologia, os desafios também carecem de serem compreendidos e superados sem perder de vista as interseccionalidades existentes. Trata-se de uma discussão complexa que tem sido objeto de discussão para pensar a mulher em sua constituição profissional, entre outras categorias da sociedade.

Considerando que a investigação se desenvolve no contexto da agroecologia, destaca-se aqui o conceito assumido neste trabalho, o qual se coaduna com o pensamento o de Altieri (1998), que considera a agroecologia como a ciência capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, avaliando as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social, econômica e ecológica. Recorremos ainda a Bruil *et al.* (2020), que corrobora com Altieri dando destaque à mulher nesse espaço da agroecologia.

Diante da discussão do gênero no território rural é importante saber: Quais disputas envolvendo as questões de gênero acontecem no contexto do curso de agroecologia do IFB? Por que essas disputas acontecem? Por que é importante discutir essas disputas? Quais provocações sobre gênero no Curso superior de Tecnologia em Agroecologia exercem sobre as perspectivas de trabalho das estudantes?

Esta pesquisa é justificada diante da negligência secular, por parte do poder político e da sociedade, com relação ao trabalho da mulher rural. Após séculos de subjugação, é possível constatar que as mulheres têm buscado um espaço igualitário junto aos homens. Estudos sobre mulheres no espaço rural mostram que a atuação do trabalho das mulheres vem aumentando no campo, porém ainda é muito desigual em relação aos homens. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Censo Agro 2017, 81% dos estabelecimentos agropecuários são dirigidos por homens, enquanto que as mulheres dirigem

somente 19% desses estabelecimentos. Outro dado importante é quanto à instrução, 77,4% dos homens disseram saber ler e escrever, contra 75,2% de mulheres. O que favorece essa desigualdade? Pela primeira vez o IBGE catalogou o número de estabelecimentos agropecuários por cor ou raça do produtor, os dados mostraram que 45,4% dos estabelecimentos pertencem ao produtor de cor branca, 44,5 ao produtor de cor parda, 8,4% ao produtor de cor preta, 1,1% ao produtor indígena e 0,6% ao produtor de cor amarela.

Investigar a relação de gênero nas perspectivas de trabalho das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia ajuda a entender quais são as disputas, quais são as conquistas, inclusive aquelas que estão em curso, sendo esse saber relevante para conhecer as percepções de trabalho dessas estudantes, saber como elas lutam por um espaço mais igualitário.

A relevância dessa discussão pode gerar maior consciência e protagonismo das estudantes no que diz respeito a sua participação no campo profissional, assumindo posicionamento igualitário aos homens, sempre fomentado pela equidade, no território rural da agroecologia. Assim, os objetivos deste trabalho são:

GERAL:

Discutir questões de gênero nas perspectivas de trabalho de estudantes e egressas do curso de agroecologia.

ESPECÍFICOS:

i) Investigar se/como o curso superior de tecnologia em agroecologia prevê, em seu projeto pedagógico, a formação de trabalhadoras em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia;

ii) Reconhecer a história das estudantes do curso de agroecologia que as conduziram a essa formação, bem como suas expectativas profissionais, considerando desafios e possibilidades;

iii) Produzir material didático complementar para o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia com o objetivo de contribuir para o fortalecimento das trabalhadoras no território rural no contexto da agroecologia.

2 UMA ABORDAGEM TEÓRICA QUE ENVOLVE GÊNERO NO TERRITÓRIO RURAL NO CONTEXTO DA AGROECOLOGIA

Neste capítulo, iremos discutir os aportes teóricos que foram base para este estudo: a questão de gênero no espaço rural no território da agroecologia. Assim, serão apresentados conceitos imprescindíveis às reflexões das categorias de gênero, agroecologia com interseccionalidades às categorias trabalho, classe e raça. Vale ressaltar que as discussões apresentadas neste estudo de caso são conceitos a partir dos quais analisamos e descortinamos as categorias para chegarmos a um entendimento sobre a questão mote deste trabalho: as perspectivas de trabalho da mulher no território da agroecologia.

2.1. Território e gênero para pensar a construção do gênero feminino na sociedade brasileira urbana/rural

Nessa seção, apresentamos um breve histórico da mulher na sociedade brasileira, que compreende tanto o espaço urbano quanto o espaço rural, a partir de categorias território e gênero; apresentamos também conceitos das categorias de base dessa discussão, como agroecologia e trabalho, alicerçadas em diversos estudiosos do assunto.

Destacando a importância da discussão da categoria território como forma de refletir como o gênero feminino foi construído socialmente sob disputa política de poder entre os gêneros. No entanto, para pensar o território que a mulher ocupa, antes é preciso recorrer às reflexões sobre o conceito de território. Para Souza (2009), a dimensão política é, antes de tudo, o que vai definir o conceito de território, mesmo estando constantemente nas discussões da área geográfica. Para esse autor, além da política, a cultura e a economia compõem, em tríade inseparável, toda a dimensão de território. Souza traz importante contribuição ao discurso sobre território. Para o autor, território não é algo estático, ou não só estático, ele é também dinâmico. De acordo com ele, “territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes” (Souza, 2000, p, 78).

É relevante também destacar que Souza (2000) toma a perspectiva de poder nas discussões de território partindo dos estudos de Arendt (1985) que, em seus

apontamentos no livro titulado “Da Violência”, aponta a importância de diferenciar o poder de violência. Para Arendt, a violência vem à baila quando se perde o poder, o poder emana do outro sem uso da violência. Por outro lado, esse poder emana de conflito, de divergências, de disputa constituindo, assim, um território, segundo Haesbaert (2007), imaterial e simbólico:

O território, portanto, é construído no jogo entre material e imaterial, funcional e simbólico. Poderíamos mesmo afirmar que as concepções de território capazes de responder melhor pela realidade contemporânea devem superar o dualismo fundamentais tempo-espaço, fixação mobilidade, funcional e simbólica. Por isso promover o território a partir das perspectivas que valorizam as relações e os processos; o território num sentido relacional e processual (...); múltiplas temporalidades e velocidades nas quais ele pode ser construído, desde os territórios com maior fixidez e estabilidade até aqueles mais móveis flexíveis (Haesbaert, 2007. p. 37).

Milton Santos (1987) também traz contribuições ao dizer que “território é o espaço de localização das pessoas e que essa localização das pessoas no território é, na maioria das vezes, produto de uma combinação de forças de mercado e decisões do governo, desencarrilhando assim uma disputa de território ou de espaço” (Santos, 1987, p. 112). E, nesse aspecto entre território – espaço – localização das pessoas, visto em Santos (1987), Souza admite um certo tipo de interação entre homem e espaço, ou seja, uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço (Souza, 2000, p. 99). Em síntese, para os autores a definição de território é permeada por disputas de poder.

A principal categoria, imprescindível para as análises desse trabalho é a categoria gênero. Que sob as análises de Scott (1995), é definida em duas partes e diversos subconjuntos inter-relacionados.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (Scott, 1995, p. 86).

Diante da afirmação da autora, de que o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder, constata-se que a sociedade vê a mulher dentro do território como um sujeito subalterno e submisso. Scott (1995, p. 78) relata que, contraditoriamente, “as teorias do patriarcado questionam a desigualdade entre os homens e as mulheres, mas para os/as historiadores/a, suas teorias apresentam problemas” de duas ordens.

Em primeiro lugar [...] as teorias do patriarcado não mostram o que a desigualdade de gênero tem a ver com outras desigualdades. Em segundo lugar uma análise contínua baseada na diferença física, quer a dominação tome a forma da apropriação do trabalho reprodutivo da mulher pelo homem quer tome a forma da objetificação sexual das mulheres pelos homens. (Scott, 1995, p. 78).

Nessa reflexão, a autora mostra que a discussão de gênero está imbricada às questões de espaço e poder. Para a autora, as teorias problemáticas do patriarcado, como a falta da discussão sobre as desigualdades de gênero em relação a outras desigualdades e a análise baseada na diferença física “num certo sentido, a história torna-se um epifenômeno, fornecendo variações intermináveis para o mesmo tema imutável de uma desigualdade de gênero vista como fixa” (Scott, 1995, p. 78).

Nesse contexto, o gênero feminino na sociedade, foi sendo socialmente construído por jogos de poder, constituindo territórios de submissão e esquecimento dos direitos das mulheres. “Bela, recatada e “do lar” foi uma manchete veiculada pela revista *Veja*, em abril de 2016, referindo-se à primeira dama, esposa do então vice-presidente do Brasil, em 2016. Chama a atenção que ainda no século XXI, diante do crescente protagonismo feminino, ainda haja um modelo pré-estabelecido do que é ser mulher: padronizada, passiva e submissa. Tal modelo, marca, assim, um território de desigualdades entre homens e mulheres, entre quem manda e quem obedece, com dualidades entre território público e privado. Para a mulher, o território que lhe é imposto é o ambiente do cuidado dos filhos, o cuidado das tarefas domésticas, o cuidado do ambiente familiar. Enquanto que, para o homem, é o público, tais como, os postos de trabalho nas empresas públicas e privadas, o trabalho remunerado, a política, a vida social e econômica fora do lar. Cabe aqui refletir, que nem a maioria das mulheres têm condições de viver a “beleza e o recato do lar”, como sugere a reportagem, veiculada na revista *Veja* (2016), isso porque, as famílias são bem diversas, assim os lares não são regularmente belos e recatados. Devido a muitos fatores, muitas mulheres precisam trabalhar para sustentar seus filhos e assim todas as implicações disso, pode ocasionar uma família menos bela e com menos recato. Mas a sociedade aponta para um modelo de família e de comportamento feminino que exclui as famílias pobres que não se enquadram no padrão de “beleza e recato”.

Nesse cenário, a mulher brasileira, não diferente das mulheres mundo afora, durante muito tempo permaneceu em silêncio, foi obrigada a ser mera expectadora da construção de si mesma, nem os textos religiosos lhe imputaram alguma chance

de protagonizar na sociedade ao lado do homem. Em Coríntios 14:34 – 35, por exemplo, o apóstolo Paulo diz que “às mulheres conservem o silêncio e estar em submissão, como dizia a lei”. Percebe-se que os homens se valem de passagens bíblicas como essa, para instituir ao gênero feminino o anonimato social historicamente construído por eles mesmos, com isso, constroem, ainda hoje, uma moral sexual diferenciada, fragilizando o contexto feminino, enaltecendo o masculino. E a resistência feminina vem desconstruindo essa ideologia, construindo novas formas de conviver em espaços mais justos.

Perrot (2002) diz que, para a sociedade machista, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas e traz a garantia de tranquilidade social. A isso, ela chamou de apagamento histórico das mulheres ao longo dos séculos. Segundo ela, esse apagamento fez com que a mulher, durante muitas décadas, não construísse a narrativa de si própria, ao contrário, a mulher foi narrada sob a perspectiva do gênero masculino, ou seja, “estereotipada” sob o ponto de vista do outro. Na visão da autora, “as mulheres são imaginadas e representadas, em vez de serem descritas ou contadas” Perrot (2002, p. 17). Contraditoriamente, essas relações de poder não são fixas, podendo haver contradições entre as diversas territorialidades (Souza, 2000). Tais contradições geram outras disputas de poder construindo outros territórios políticos.

Segundo Telles (2002), a mulher foi socialmente definida de forma dicotômica: quando maternal e delicada, era vista como uma força do bem; porém, ao transgredir os papéis que lhe eram socialmente atribuídos, assumindo atividades consideradas masculinas, era representada como uma potência do mal. A autora diz que, por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição. Observa-se que a mulher é “colocada” no território doméstico. Notadamente um discurso que marca o território masculino do patriarcado, revelado, por exemplo, quando, em conexão com a fala de Nísia Floresta (2010), ao se referir à criação dos filhos, reflete: “que direito, pois, têm de nos desprezar, e pretender a superioridade sobre nós, por um exercício que eles partilham igualmente conosco?”.

É importante ressaltar que, contrariando a ideologia do patriarcado de silenciamento da mulher, foi o movimento feminista que trouxe à mulher ascensão na escrita e a difícil missão do reconhecimento do seu eu nas literaturas escritas pelos homens, ao longo de séculos.

Tiveram primeiro que acender à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhe era negada a educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional (Telles, 2002, P. 403).

Nessa ascensão, o discurso sobre o território feminino formulado no início do século XVII na França e nos Estados Unidos viriam posteriormente influenciar as mulheres no Brasil, embora tímidas e lentamente. No Brasil, pode-se destacar como um marco de reivindicação feminina, a movimentação de 120 mulheres paraibanas ao assinar o manifesto em prol da independência do Brasil, embora nunca se saiba quem eram essas mulheres, nota-se uma movimentação importante em direção à liberdade da mulher nas questões políticas do país. Quando Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo adotado por Dionísia de Faria Rocha, pública Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens, em 1832, expande-se um leque de discussões acerca dos direitos das mulheres brasileiras. A publicação dessa escritora foi inédita e desafiadora, pois, nela, denunciava a superioridade opressora do homem sobre a mulher e defendia a mulher como pessoa inteligente e merecedora de direitos iguais aos homens (Telles, 2002).

Após essa publicação, lentamente as conquistas das mulheres foram se avolumando e expandindo, dessa forma, em 1879, as mulheres têm o direito ao acesso à educação superior; em 1910 o partido político feminino é criado, como instrumento de defesa do direito ao voto e emancipação política das mulheres; em 1932, as mulheres brasileiras conquistam o direito ao voto; em 1962, é criado o estatuto da mulher casada (Nossa Causa, 2022).

Todas estas conquistas incorporam o movimento feminino brasileiro, contudo nenhuma dessas conquistas foi fácil, nem mesmo entre as mulheres. E, para as mulheres da área rural, essas dificuldades eram mais desafiadoras ainda. Afinal, como disse Norma Telles (2002), a mulher precisou “rever a própria socialização”. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu”. Ou seja, a mulher precisou despir-se da roupagem que, há séculos, o homem havia lhe envelopado para personalizar-se no que realmente é – um ser inteligente, com decisões próprias, capaz de criar e contribuir com a riqueza da sociedade. Isso não foi um processo simples e célere,

despir-se significava desconstruir valores, além do mais, nem todas as mulheres tinham acesso às informações e às instruções necessárias para sua emancipação.

Fazendo uma retomada do conceito de gênero pode-se concluir, diante do que foi postulado pelas autoras, que gênero é uma definição relativa à mulher e ao homem e que o gênero mulher socialmente foi construído sob a ótica do homem, sendo negado a ela o direito de ocupar espaços que os homens julgavam não ser o seu lugar. Somente a partir do surgimento dos movimentos feministas foi que a concepção do espaço do gênero mulher começou a ser discutida socialmente.

É importante ressaltar a interseccionalidade na constituição de gênero com classe e raça no Brasil, nos espaços urbano e rural. As mudanças no Brasil, no tocante às mulheres, não atingiram todas as classes sociais e raças (Louro, 2002). As que primeiro foram assistidas foram as mulheres de classe alta e de cor branca, o que representava a minoria das mulheres. As mulheres pobres e negras levaram décadas para exercer o direito fundamental como o de estudar. Isso ajudou a criar o abismo social dentro do gênero feminino, principalmente entre as mulheres do espaço rural. São mulheres marcadas por relações de poder alicerçada principalmente pela discriminação de classe e de cor.

A séculos a mulher já ocupava espaços no campo, no trato da terra, no entanto, por séculos, a execução de suas atividades era marcada pelo espaço do senso comum, enquanto que, ao homem, eram destinadas atividades que demandam conhecimento científico. A próxima seção discorre sobre a relação do trabalho mulher no espaço rural.

2.2. A mulher no território rural ao longo da história universal

O espaço de trabalho rural sempre foi um território de luta para a mulher. Entender como o espaço rural é configurado ajuda a compreender o abismo social entre os gêneros nesse território. Para Marques (2002) o espaço rural corresponde àquilo que não é urbano, sendo definido a partir de carências e não de suas próprias características. Essa definição leva a duas partes geográficas: o urbano e o rural. O espaço rural é caracterizado como uma área de menor prestígio social por necessitar de decisões do centro político instalados em área urbana, ressaltando, assim, as carências desse território. No entanto, é preciso enxergar, no espaço rural, as suas características sociais, culturais e até de sua política própria. Essa desconsideração

trouxe uma clara divisão social entre os que residiam nas áreas urbanas e os que residiam em áreas rurais, isso em até documentos oficiais. O IBGE (1996, p. 09) assim define o espaço rural.

Na situação urbana consideram-se as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondendo às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas rurais isoladas. A situação rural abrange a população e os domicílios recenseados em toda a área situada fora desses limites, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos. (IBGE, 1996, p. 09).

Naturalmente, pensar o rural não significa partir de uma definição única com um mesmo consenso; mas, sim, deixar evidente que o contexto rural pode e deve ser visto por diversas conjunturas de transformação social, e de disputas. E aqui nesta pesquisa queremos trazer o recorte social no contexto da mulher e da mulher negra do campo.

Historicamente, o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho rural foi marcado por dificuldades relacionadas às questões de gênero, culturais e salariais. Perrot (2002), em sua obra *Minha História das Mulheres*, relata que o campo e a vida das mulheres no campo mudou, em passos lentos, em decorrência do mercado e das comunicações. Gomes (2005) dialoga com Perrot (2002) ao dizer que a Revolução Industrial foi o evento responsável pelas mudanças no campo.

Na antiguidade, a atribuição das tarefas domésticas, exclusivamente as mulheres começou a solidificar-se como um aspecto decorrente da natureza do sexo feminino e como base para a rígida divisão do trabalho entre homens e mulheres (GOMES, 2005, p. 3).

Mesmo após a revolução industrial, a situação de trabalho das mulheres continuou precarizada. Somente os movimentos feministas, para Paulino (2016), representaram a “virada linguística” do feminismo, do pós-modernismo, do desconstrucionismo, que, para a autora, são posturas críticas que ajudam pôr em xeque “verdades” tidas como universais, mas eivadas de preconceitos e injustiças. A morosidade com relação às mudanças no trato das questões de direitos ao trabalho da mulher na sociedade rural trouxe às mulheres que vivem e trabalham no campo, atrasos consideráveis no que diz respeito à igualdade de gênero. O território rural está imbricado de lutas conquistadas pelas mulheres. Contudo, ainda há muito a ser conquistado, mas hoje já é possível compreender a mulher como administradora de comércio rural, vê-se que as mulheres têm ocupado espaços, e, cada vez mais, deixa de ser subjugada pelo homem em razão do suas especificidades de gênero.

Maria Ignez Paulino em sua obra *Mulheres rurais: quatro décadas de diálogo*, a autora numa ampla reflexão, que compreende 40 anos, vem trazendo a dimensão da complexidade da discussão da mulher no espaço rural com a permanência de determinada divisão sexual do trabalho ante às novas possibilidades de produção, como aponta Salvaro (2017) ao resenhar a obra de Paulino.

a concepção de campesinato é problematizada à luz de pressupostos do marxismo e do feminismo, relevando a relação (in)tensa que se estabelece em torno da histórica primazia das demandas de classe em detrimento às demandas de gênero, manifestas por exemplo, na agricultura familiar, pelas condições socioeconômicas desiguais e pelo não reconhecimento de direitos das mulheres, em que pesem os enfrentamentos e as lutas empreendidas por movimentos sociais de mulheres nas últimas décadas (Salvaro, 2017, p. 3).

Na leitura de Paulino, as lutas enfrentadas pela mulher passam por um processo complexo que envolve o sistema de produção e a disputa de poder territorial. Dados do IBGE mostram que mulheres atuam cada vez mais no campo, no entanto só a minoria está no comando. Para se ter uma ideia desse crescimento, de acordo com o Censo 2017, em 2016, em rede nacional, eram 656 mil mulheres atuando em 4, 52 milhões de estabelecimentos rurais, que corresponde a 12,7% , já em 2017 esse número salta para 946 mil agricultoras, em 5,07 milhões de estabelecimentos correspondendo a 18,7% do total de empreendimentos rurais. (IBGE - As mulheres no Censo agropecuário, 2017). O Censo 2017 nos permite conhecer as mulheres produtoras rurais ao fornecer informações que possibilitem mapear as questões de gênero e traçar a melhor política no sentido de equalizar as oportunidades para homens e mulheres. Os gráficos a seguir, extraídos do Censo IBGE 2017, são uma representação do cenário rural no qual a mulher está. De acordo com o IBGE, foram catalogados 5.073.324 estabelecimentos agropecuários, nesses estabelecimentos a mulher aparece em menor número de gerenciamento e ocupação.

A distância entre o homem e a mulher referente ao gerenciamento de estabelecimentos ainda é enorme e parece ser, ainda, o reflexo do patriarcado, uma proposta de sociedade em que o homem é a pessoa responsável por cuidar de todos os assuntos financeiros da família, enquanto que à mulher cabe a função de cuidar da família e dos afazeres referente à alimentação, higiene e educação dos filhos. Quando é observado a idade do produtor, é possível verificar que a

desigualdade entre o homem e a mulher ainda continua e que é preciso políticas públicas para resolver essas diferenças. É importante, também, fazer uma comparação entre os dois últimos censos para verificar a movimentação entre os gêneros. Dados do Censo de 2006 aponta que a distância entre o grau de instrução entre os gêneros é considerável, porém, o que mais chama a atenção é que o nível de instrução dos produtores agropecuários é maior até o ensino Fundamental incompleto, ao passar para o Ensino Médio o percentual tem uma queda de mais de 50% e para Ensino Médio Técnico a queda é mais acentuada ainda. Segundo Zanchet e Junior (2006), a baixa escolaridade do produtor acarreta na baixa organização do gerenciamento da propriedade, não existindo modelo de gestão nem mesmo a separação de gastos entre os pessoais e os negócios.

O Censo de 2017, traz uma informação inédita, pois, pela primeira vez, é pesquisado o produtor por cor ou raça. É importante esse dado uma vez que os grupos populacionais do Brasil tem movimentação peculiar diante do seu espaço, suas lutas e conquistas. A distribuição encontrada mostra que a maioria dos produtores é de cor branca com 45%, seguido pela cor parda com 44,50%, somando os produtores de cor preta, amarela e os indígenas dá pouco mais que 10% dos produtores que são donos de estabelecimentos agropecuários. No cenário brasileiro, onde a maior parte da população é negra e a considerar que os indígenas são povos originários, percebe-se uma má distribuição da terra entre as classes de produtores.

Visando a corrigir esta distorção, a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) tem como um de seus principais objetivos o empoderamento feminino tanto no espaço urbano quanto no espaço rural. O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5) é específico para alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Desafios enfrentados pelas mulheres no espaço rural, tais como a) acesso limitado a recursos: Terra, crédito, tecnologia e mercados. b) Discriminação e violência: Contra as mulheres e meninas. c) Falta de representação: Nas instâncias de decisão, política e liderança. d) Carga de trabalho: Dupla e tripla jornada de trabalho, levaram à elaboração de três ODS - ODS 5 que diz respeito à igualdade de gênero e empoderamento das mulheres e meninas. ODS 8 diz respeito ao trabalho decente e ao crescimento econômico e ODS 10 diz

respeito à redução das desigualdades. A agroecologia tem uma relação muito estreita com os ODS, pois, ela pode ajudar a alcançar vários ODS, promover a sustentabilidade, a equidade e a justiça social, como por exemplo, o ODS 2- Fome Zero e Agricultura Sustentável ou o ODS 13- Ação Contra a Mudança Climática. Seria então, a agroecologia um mecanismo de resistência? A próxima seção aborda questões legais da instituição de políticas voltadas à agroecologia e os motivos para criação do Pnapo.

2.3 Decreto Nº 7.794, de 20 de agosto de 2012, que institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - Pnapo

Nas últimas décadas, no espaço rural, houve importantes avanços no que tange a reconhecimentos da concepção ecológica. Nesse contexto, a agroecologia surge como sendo a ciência capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, de avaliar as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social, econômica e ecológica. Altieri (1998). Diante disso fez-se necessário a criação de mecanismo legal de institucionalização da ciência agroecológica.

A institucionalização da Política Nacional da Agroecologia por meio do Decreto Nº 7.794/12, integra os saberes tradicionais dos agricultores assentados pela reforma agrária a dos povos e comunidades tradicionais com o conhecimento científico (Brasil, Decreto 7.794/12, 2012). Esses avanços são essenciais para a promoção da reforma agrária e da agricultura familiar, para fortalecer a ação compartilhada do Estado e da sociedade civil, sendo ela capaz de desconcentrar a propriedade da terra, alterar a estrutura agrária, criar condições para a eficácia das políticas de fomento à produção, de garantia da sustentabilidade ambiental e de universalização do acesso a direitos (Brasil, 2003). Vale ressaltar que esse Decreto vai além de tratar a agroecologia ao instituir o Pnapo, que é Política Nacional da Agroecologia e de produção orgânica, como mostra Sambuichi, *et al* (2017).

O decreto que instituiu a Pnapo estabeleceu como seu principal instrumento o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo) e como instâncias de gestão a Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Cnapo), formada por representantes do governo e de entidades da sociedade civil, e a Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção

Orgânica (Ciapo), composta por representantes dos ministérios que atuam na política (Brasil, 2012a), (Sambuichi, et al, 2017, p.119).

O que impulsionou a necessidade da elaboração do Pnapo foi a onda da modernização da agricultura, ou a revolução verde, iniciada na década de 1960. As políticas públicas voltadas a esse modelo de agricultura obedeceram a uma concepção particular de modernização tecnológica, objetivando o aumento da produtividade física da terra e a produtividade da força de trabalho. Em consequência, a mecanização do trabalho tem gerado desemprego no campo e o êxodo rural em grande escala, além de provocar a crescente degradação do solo como modelo de plantio de monocultura e a utilização crescente de defensivos agrícolas e fertilizantes ocasionando danos na natureza em toda a sua extensão de vida. Somando-se a tudo isso, a modernização desse modelo de agricultura tem criado um abismo social entre os pequenos produtores rurais e os grandes produtores, haja vista a competição desigual diante da aquisição financeira para produção e do próprio financiamento do Estado. A modernização tecnológica do campo parecia uma possibilidade positiva e viável aos produtores assentados, aos pequenos agricultores familiares, no entanto, o que se vê é o seu sufocamento.

De acordo com Sambuichi, *et al.* (2017), a instituição da Pnapo resultou de um longo processo de luta por parte de setores da sociedade que atuam no questionamento do – e na resistência ao – modelo conservador de modernização da agricultura, que vem sendo promovido pelas políticas públicas brasileiras desde a década de 1960. Baseado no uso intensivo de tecnologias industriais, esse modelo tem sido cada vez mais criticado por seus impactos sociais e ambientais, Sambuichi et al. (2017), apesar da sua importância para o crescimento da produção e produtividade agrícola. Somam-se a esses dizeres os potenciais danos que algumas das tecnologias industriais causam ao meio ambiente.

As características da implementação da agroecologia foi um processo de intenso diálogo e discussões. Pode-se dizer que tem um aspecto de resistência que converge no trabalho e na manutenção da vida. Na próxima seção, buscamos fazer um panorama da relação da mulher com a agroecologia.

2.4 A agroecologia e a mulher: uma relação de sustentabilidade alimentar e resistência social

O conceito de agroecologia, abordado neste estudo, compreende as abordagens de Altieri (1998), que propõe a agroecologia como a ciência capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, de avaliar as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social, econômica e ecológica. Para o autor, a agroecologia possibilita os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos, quanto preservadores dos recursos naturais, e “que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis” (Altieri, 1998, p. 26). Nesse viés, pode-se entender a agroecologia como uma forma de manejo que incorpora a agricultura a aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, energéticos, ambientais e éticos. É salutar afirmar que a agroecologia sempre esteve no espaço ecológico. Mas como e por que surge a ideologia da agroecologia no aspecto de resistência? Em que momento intensificou-se a convergência entre a agroecologia e a mulher do campo?

Nos anos de 1960, surge o modelo agrícola conhecido como a Revolução Verde, impulsionada por Norman Borlaug. Esse modelo visava o aumento da produção de alimentos para combater a fome global, por meio da introdução de sementes de alto rendimento, uso intensivo de insumos químicos e mecanização. Embora tenha elevado a produtividade agrícola em diversos países, o modelo também gerou dependência de insumos, exclusão de pequenos agricultores e degradação ambiental. Apesar de ser centrado na intensificação de produção e aumento massivo da economia, o que é salutar tendo em vista a necessidade do desenvolvimento econômico do país, haja vista o oferecimento de melhores condições de vida e de trabalho à população, não é bem assim que o processo ocorre, o processo não é positivo para todos. A concepção mercadológica transformou a agricultura em um grande comércio objetivando a produção baseada em monocultura de larga escala com utilização de fertilizantes e agrotóxicos que somados geram a degradação do solo, propiciam a aniquilação de gigantescas áreas de floresta, afetam toda vida na fauna/flora e a vida nas águas. Além de exponenciar o abismo entre as classes sociais, uma vez que a produção e os lucros

ficam concentrados nas mãos dos grandes produtores enquanto a maioria da população sofre com escassez de alimentos e terra para plantar. Essas contradições impulsionaram o surgimento de propostas alternativas, como a agroecologia, que busca conciliar produtividade com sustentabilidade e justiça social.

Diante desse cenário, a proposta da agroecologia emerge no intuito de ultrapassar as consequências danosas ocasionadas pelo modelo mercadológico dessa lógica da agricultura comercial de larga escala. A agroecologia além de pautar o manejo na manutenção dos recursos ambientais, devido a baixa dependência de insumos, ela prima também pelo desenvolvimento social e econômico, ao proporcionar produções agrícolas em pequena escala e organização familiar, fortalecendo as relações e a sustentabilidade dos agricultores familiares. Para Bruil *et al.* (2020), a agroecologia e a soberania alimentar promoveu o questionamento das estruturas de poder que controlam a produção, a transformação, a distribuição e o consumo de alimentos. De acordo com a autora, o sucesso do agronegócio depende justamente da imposição política em favor de economias de escala e da industrialização da produção e do processamento dos alimentos. “Uma imposição que expropria os povos do controle sobre sua alimentação e, em diferentes níveis, que reforça estruturas de subordinação das mulheres” Bruil, *et al.* (2020). No Brasil, os últimos dados do Censo do IBGE evidenciam o quanto o reconhecimento do trabalho da mulher é negligenciado. Isso reverbera a quantidade desigual entre homens e mulheres na direção de estabelecimentos agropecuários, situação que é mais agravada, ainda, quando se trata de mulheres não brancas.

A fim de pôr em discussão a pressão do patriarcado sobre as mulheres do campo, Bruil, *et al.* (2020) relata que o feminismo possibilita o questionamento das estruturas de poder estabelecidas pelo patriarcado, as quais definem as relações sociais hegemônicas. Em sua concepção, teorias críticas e movimentos sociais, como o feminismo rural, se levantam em resposta às injustiças sociais e à destruição ecológica geradas pela exploração pelo capitalismo e pelo patriarcado. Diante da devastação da floresta para o plantio em larga escala, de soja, o qual gera a destruição do território das mulheres que cuidam da família, que utilizam da floresta e das matas para tirar o sustento, para curar doenças e conviver socialmente, a autora relata que as mulheres têm sobre si uma carga pesada de trabalho e de

cuidados, como filhos, parentes mais velhos, entre outros. As mulheres não têm voz na tomada de decisões socialmente. A autora denuncia que seus conhecimentos tradicionais estão se perdendo rapidamente. Durante séculos, foram forçadas a assumir alguns trabalhos agrícolas, a preparação de alimentos e demais tarefas domésticas, de criação de filhos/as e cuidado com idosos/as. Especialmente nas áreas rurais, elas foram amplamente excluídas dos espaços políticos, de educação, de voto e até mesmo de livre socialização e de decisões sobre seus próprios corpos. Essas tarefas costumam ser atribuídas às mulheres. Apesar do aumento da igualdade de gênero no mundo, esses trabalhos permanecem sendo invisibilizados e subestimados pelos sistemas econômicos e culturais dominantes.

Percebe-se a agroecologia como o espaço rural mais favorável para discutir questões feministas das mulheres que ocupam esse território. Para Aguiar, Siliprandi e Pacheco (2009), as mulheres, com seu olhar problematizador sobre o processo da agroecologia, fazem uma leitura diferenciada da agricultura e propõem alternativas produtivas e econômicas frequentemente motivadas por questões ligadas à reprodução da vida. No entanto, de acordo com as autoras, devido às relações desiguais de poder entre homens e mulheres, seus saberes e experiências costumam não ser reconhecidos por pesquisadores, extensionistas, educadores, gestores, lideranças, nem sequer por suas próprias famílias. Dessa forma, os seus pontos de vista, proposições e demandas vêm sendo sistematicamente negligenciadas nos processos de desenvolvimento rural.

Nisso, a fala propositiva de feminismo rural dos autores Bruil, *et al.* (2020) complementa os dizeres de Aguiar, Siliprandi e Pacheco (2009) em relação à perspectiva feminista na agroecologia é de transformação social que vai além da luta por igualdade de gênero.

Uma perspectiva feminista da Agroecologia significa não só criar espaços para que as mulheres tenham pelo menos as mesmas condições e direitos que os homens, mas também reavaliar o trabalho reprodutivo que as mulheres fazem e reconhecê-lo como parte fundamental não só da economia, mas do bem-estar das famílias, de suas comunidades e, por extensão, de toda a sociedade. Uma perspectiva feminista da Agroecologia também implica que os homens assumam mais responsabilidade pelo trabalho reprodutivo. Na Agroecologia feminista, valores como relações de confiança, reciprocidade, solidariedade e cuidado devem orientar a organização dos sistemas alimentares. (Bruil, *et al.* 2020, p. 4).

Em síntese, a relação da mulher com a agroecologia é imbricada de sustentabilidade alimentar ao mesmo tempo em que é um território de disputa por igualdade de gênero. É inegável o protagonismo da mulher dentro da agroecologia, mas ainda é preciso lutar contra as forças do patriarcado que inviabilizam o trabalho da mulher no espaço rural por meio de produção que visa prioritariamente ao mercado financeiro, “Lutar contra a invisibilidade das práticas econômicas solidárias, cooperativas e de cuidado com outras pessoas e com os ecossistemas é um desafio central para a construção da Agroecologia” (Bruil, *et al.* 2020, p. 4).

2.5 O trabalho das mulheres no campo como prática e princípio educativo

Iniciamos essa discussão retomando a ideia de território como um espaço de luta e poder, por ser muito similar à forma pela qual entendemos a relação das categorias trabalho e gênero nas sociedades capitalistas como relações de classe e de disputa de poder. Principalmente, por entendermos que a agroecologia é o processo que pode equilibrar essa relação, ela é vista neste texto como forma de trabalho na prática e como princípio educativo, além de o trabalho ser o princípio orgânico entre o homem/mulher e a natureza.

Outra consideração a ser feita é quanto ao termo princípio educativo, para Ciavatta (1990) a expressão “trabalho como princípio educativo” remete à relação entre o trabalho e a educação, na qual se afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano. De acordo com a autora há uma outra visão para o trabalho, uma visão mercadológica, capitalista.

Além dessa questão mais geral, há de se considerar o trabalho na sociedade moderna e contemporânea onde a produção dos meios de existência se faz dentro do sistema capitalista. Esse se mantém e se reproduz pela apropriação privada de um tempo de trabalho do trabalhador que vende sua força de trabalho ao empresário ou empregador, o detentor dos meios de produção (Ciavatta, 1990, p. 408).

É no primeiro entendimento de trabalho como princípio educativo apontado por Ciavatta (1990) que dialogamos nesta discussão.

A agroecologia e o trabalho têm uma relação muito estreita. O trabalho na agroecologia como princípio educativo possibilita o desenvolvimento de valores como a responsabilidade, a disciplina e o respeito pelo labor seja individual ou em equipe, a agroecologia ajuda a desenvolver habilidades sociais como comunicação, cooperação e liderança além de propiciar a preparação para convivência em sociedade. O trabalho em agroecologia prepara as pessoas para a vida, ensinando-as a gerenciar recursos, tomar decisões e resolver problemas. Essa relação entre agroecologia e trabalho como princípio educativo é fundamental para promover a educação integral e a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Já no trabalho como prática educativa, a agroecologia oferece a oportunidade para que as pessoas aprendam pela prática, desenvolver diversas habilidades como planejamento, organização, cooperação e resolução de problemas, técnicas de plantio, de cuidados com a natureza, entre outras infinitas possibilidades.

É nesse lugar que dialogamos sobre o trabalho da mulher no espaço da agroecologia. Um lugar permeado por disputas de ideologias do patriarcado. Que, por outro lado, o trabalho na agroecologia, como prática e princípio educativo, postula, como resistência ao sistema patriarcal, ao silenciamento e ao apagamento do trabalho produtivo da mulher.

Ao longo do processo histórico, as mulheres têm sido responsabilizadas pelas “obrigações” familiares, trabalho este não remunerado, realizado gratuitamente para os outros membros da família, considerado de secundária importância e, portanto, um trabalho invisível, feito não para si, mas para os outros, sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal”. (KERGOAT; HIRATA, 2003, p. 56).

De acordo com Amorim, Fiúza e Pinto (2015) por influência do marxismo, iniciam-se na década de 1970 discussões voltadas para diferenciar “trabalho produtivo” de “trabalho improdutivo”

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato. (MARX, 1985, p.47).

As autoras apontam que Nicholson (2000) chama atenção para o fato de que Marx ao demonstrar que, na emergente sociedade capitalista, a realização de atividades para a geração de renda se desloca da esfera da casa e acaba por assumir que o significado daquilo que é produtivo está relacionado ao realizado na

esfera do mercado e pelo homem, e as atividades que se realizam na esfera doméstica dizem respeito às atividades reprodutivas, realizadas pelas mulheres. Amorim, Fiúza e Pinto (2015) tecem críticas à teoria marxista por, segundo elas, assumir-se uma dissociação entre as esferas ditas produtivas e reprodutivas, desconsiderando-se, além disso, que a mulher está presente nas duas esferas, só que de forma subjugada. Além do mais, a teoria marxista evidencia a divisão sexual do trabalho como um processo acrítico. O movimento feminista inclui a divisão sexual do trabalho no cerne das discussões.

Para Faria (2009), a economia feminista questiona o paradigma dominante e sua abordagem androcêntrica e contribui para dar visibilidade ao aporte econômico das mulheres. A autora denuncia que a economia dominante não só desconsidera e invisibiliza a contribuição econômica das mulheres, como também oculta e desconhece as elaborações teóricas das feministas. A divisão sexual do trabalho, sobretudo no espaço rural, onde as ideias feministas chegam mais lentamente, durante muito tempo tem servido para dar expressividade ao trabalho do homem e desqualificar o trabalho da mulher e a própria condição de ter nascido mulher, preservando as estruturas hierárquicas de gênero (Kergoat e Hirata, 2003).

Diante dos diálogos trazidos pelos autores, entrelaçados na discussão da categoria trabalho e gênero, constatamos a existência das relações de disputa de poder, ou seria de manutenção de poder. visualizamos também que a agroecologia está para o trabalho no seu sentido mais ontológico que mercadológico e, por assim ser, ela propicia o trabalho na prática com princípio educativo.

2.6 Implicações de cor e raça no trabalho feminino no campo

O trabalho da mulher negra no território rural é um tema fundamental para entender a realidade das mulheres negras no Brasil. De acordo com Carvalho e Rozendo (2023), “As mulheres negras agricultoras são um grupo que permaneceu invisibilizado durante muitos anos tanto na academia, quanto no acesso a direitos básicos e às políticas públicas”. A história revela ainda hoje como foram profundas as marcas da colonialidade, e que em muitos lugares, persiste ainda hoje. Durante o período colonial, as mulheres negras foram forçadas a trabalhar como escravas em

fazendas e propriedades rurais, tendo seu trabalho classificado como trabalho economicamente não “produtivo”. O movimento feminista demorou para reconhecer as especificidades das violências vividas por mulheres não-brancas e até mesmo reconhecê-las como humanas (Davis, 2016). Ao escrever sobre a história de luta e resistência da mulher negra escravizada, Davis (2016) relata que essas mulheres transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual. Isso, a autora resume como sendo um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição da mulher (Davis, 2016). Em sua obra "Memórias da Plantação", Grada Kilomba (2019) compactua com os dizeres de Davis (2016) ao relatar sobre a importância da memória das mulheres negras que trabalham no campo. De acordo com a autora, a memória é como uma ferramenta de resistência e reivindicação em relação à história e ao legado da escravidão e do colonialismo, que ainda afetam sobremaneira as comunidades negras ao redor do mundo. Inclusive, ela chama de “memória traumática” as dores vividas durante esse período. Gonzalez (1984), ao se referir a história da mulher, explica que os textos só nos falam da mulher negra, numa perspectiva socioeconômica que elucida uma série de problemas propostos pelas relações raciais, mas aponta que ficou (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulatas, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência (Gonzalez, 1984). As inquietações expressadas por Gonzalez vibram insistentemente a necessidade destas discussões.

Diante dos postulados das autoras, pode-se dizer que as memórias e o legado do trabalho levam as mulheres negras à luta, primeiro por um feminismo que as alcance, depois por uma sociedade que respeite seu trabalho e as reconheça como iguais a todos os outros trabalhadores independentes de cor, raça ou sexo.

Tanto no período colonial, quanto na sociedade moderna a mulher negra sempre desempenhou um papel fundamental na agricultura e na economia rural do país. Após a abolição da escravatura, as mulheres negras continuaram a trabalhar em condições precárias e exploratórias. As mulheres negras rurais enfrentam dificuldades para acessar recursos como terra, crédito, tecnologia e mercados, além

de estarem mais suscetíveis à discriminação e violência, em todas as suas formas. Diante disso, o debate em torno de gênero- raça-território rural no Brasil se torna urgente. Carvalho e Roseno (2023) dizem que as estratégias agroecológicas, naturalizadas no modo de vida das mulheres negras agricultoras, mostraram-se capazes de descolonizar nossas relações sócio-ambientais.

O trabalho de Costa, Dimenstein e Leite (2020) além de aproximar raça e agricultura, traz à tona que as mulheres negras estão reivindicando seu espaço e território em defesa, preservação e (re)produção das suas atividades agrícolas, bem como de seus modos de vida. O mesmo saber e modo de fazer que se projeta homogêneo, disputa espaço com os modos de vida tradicionais, dos "invisíveis", que são capazes de restabelecer a segurança alimentar, a partilha de conhecimentos intergeracionais e a conservação da agrobiodiversidade local, mostrando-se como saberes e modos de viver decoloniais, que é o caso da agricultura gerida por mulheres negras (Pereira, 2021). (Carvalho; Roseno, 2023, p. 4).

O movimento de mulheres negras rurais é uma força importante na luta pela igualdade e justiça social, elas lutam pela posse da terra e pelo acesso a recursos, como água e tecnologia. Sobreviver em meio aos diversos conflitos e desigualdades requer que as mulheres agricultoras criem estratégias práticas, sociais e teóricas. A agroecologia parece ser um terreno propício para essas e outras necessidades, uma vez que a agroecologia já está naturalizada no modo de viver das mulheres do campo.

Discutir sobre o trabalho da mulher negra no campo é importante para entender a complexidade material da realidade existente na sociedade e buscar desconstruir séculos de invisibilidade e sujeição. Souza (2019) explica que, até mesmo dentro de movimentos sociais como o MST, tem vivenciado contradições na produção sem a participação de mulheres negras (Souza, 2019).

A divisão "racial" e sexual do trabalho se constitui a partir das relações "raciais" e sociais de sexo. Ela separa e hierarquiza o que deve ser feito por homens brancos e mulheres negras. Por isto que as mulheres negras, majoritariamente, são encontradas na esfera da reprodução/produção social, em trabalhos manuais ou considerados inferiores em relação ao trabalho dos homens brancos. Neste sentido, as mulheres negras não participam da reprodução/produção, nem dos espaços de representação política importantes, fazendo com que o MST vivencie contradições na reprodução/produção social. (Souza, 2019, p. 83).

Políticas de igualdade racial não podem ser abandonadas por movimentos constituídos, em grande parte, por pessoas pretas. Elas devem ser, antes de tudo, pensadas persistentemente para promover a igualdade e justiça social para as

mulheres negras rurais. Programas e políticas devem ser implementados para garantir o acesso das mulheres a recursos como terra, crédito e tecnologia e proteção contra a violência. Essa luta não pode ser somente das mulheres, ela deve ser de todos. Concluimos, parafraseando Grada Kilomba: a história da luta das mulheres precisa ser contada devidamente para que a história das mulheres negras seja compreendida para que a barbaridade da invisibilidade do trabalho da mulher não se repita.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo, de cunho qualitativo, utilizou o estudo de caso como estratégia investigativa. A pesquisa qualitativa tem a oportunidade de explorar o objeto por diversos ângulos. De acordo com Mattar e Ramos (2021), as pesquisas qualitativas têm por objetivo geral compreender determinados fenômenos em profundidade. Os autores argumentam que isso implica explorar e descrever os fenômenos estudados por diversas perspectivas, além de compreender os significados e as interpretações que os participantes da pesquisa atribuem a esses fenômenos e às suas experiências. Os referidos autores concluem dizendo que, nesse sentido, as pesquisas qualitativas de campo procuram conservar os conceitos e os fenômenos abertos para exploração e iluminação, o que caracteriza um *design* mais flexível e emergente (Mattar e Ramos, 2021, p. 131).

É nesse viés qualitativo que se encontra o estudo de caso, estratégia utilizada para esta pesquisa. Mattar e Ramos (2021) tecem um rico diálogo com diversos autores sobre a definição do estudo de caso. No entanto, segundo eles, diversos autores definem o estudo de caso de maneiras diferentes. Nesse sentido, refletem sobre os dizeres de Cohen, Manion e Morrison (2018, apud Mattar e Ramos, 2021) quando esses autores dizem que chegar a uma definição única para um estudo de caso seria desnecessário. Isso acontece pela amplitude dessa técnica. Os autores Mattar e Ramos (2021), ao analisarem os estudos de diversos autores, identificam seis características do estudo de caso:

- a) é uma pesquisa de campo;
- b) há categorias mais amplas, ou um contexto de que o objeto de estudo é um caso, um exemplo ou uma instância - lembrando que pode ser estudados casos múltiplos; nesse sentido, para Lune e Berg (2017), poderíamos perguntar: “este é um caso de quê?;
- c) o caso deve ser delimitado, ou seja, pode ser definido e descrito em função de determinados parâmetros (Creswell; Poth, 2018);
- d) a investigação sobre o caso deve ser detalhada, rica e conduzida em profundidade;
- e) para atingir essa profundidade, o estudo de caso deve coletar múltiplas fontes de dados;
- f) a análise e interpretação dos dados deve realizar a triangulação entre essas múltiplas fontes de dados (Mattar e Ramos, 2021, p. 151).

Com base nessas características, Mattar e Ramos apresentam a seguinte definição para estudo de caso: “Estudo de caso é uma metodologia de pesquisa de campo que investiga um caso delimitado em profundidade, por meio da coleta de

dados em múltiplas fontes, e que utiliza a triangulação na análise e interpretação dos dados” (Mattar e Ramos, 2021, p. 151).

Para atingir o objetivo geral desta investigação (Discutir questões de gênero nas perspectivas de trabalho de estudantes e egressas do curso de agroecologia) fez-se pesquisa de campo no curso superior de agroecologia ofertado no *campus* rural do Instituto Federal de Brasília, localizado na região administrativa de Planaltina.

O estudo de caso realizado no campus Planaltina teve como foco: i. investigar se/como o curso superior de tecnologia em agroecologia prevê, em seu projeto pedagógico, a formação de trabalhadoras em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia; ii) reconhecer a história das estudantes do curso de agroecologia que as conduziram a essa formação, bem como suas expectativas profissionais, considerando desafios e possibilidades; iii) produzir material didático complementar para o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia com o objetivo de contribuir para o fortalecimento das trabalhadoras no território rural no contexto da agroecologia.

A fim de investigar se/como o curso superior de tecnologia em agroecologia prevê, em seu projeto pedagógico, a formação de trabalhadoras em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia, fez-se análise documental, entendida, por Mattar e Ramos (2021), como uma técnica de coleta e análise de dados possível de ser utilizada em várias metodologias. Já Cellard (2008) faz um complemento a esse conceito ao explicar que a análise documental busca identificar informações factuais dos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse (Cellard, 2008, p. 295).

O objetivo dessa análise documental foi identificar se a categoria de gênero está presente na proposta do projeto pedagógico, como está contemplada, em quais partes do PPC, e refletir quais são os pontos fortes e os pontos fracos do curso com relação à inclusão das mulheres no espaço de trabalho.

Para reconhecer a história das estudantes do curso de agroecologia que as conduziram a essa formação, bem como suas expectativas profissionais, considerando desafios e possibilidades, coletou-se os dados através da entrevista semiestruturada, que, para Marconi e Lakatos (2003), constitui-se num modelo em que o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer

direção que considere adequada. Segundo as autoras, é uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão com perguntas abertas, geralmente, e que podem ser respondidas dentro de uma conversação informal.

A autora busca em Ander-Egg (1978, p. 110) os modos nos quais esse tipo de entrevista se apresenta, sendo mencionados três modalidades:

1) Entrevista focalizada: nessa modalidade há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser - sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso são necessárias habilidades e perspicácias do entrevistador. Em geral, é utilizada em estudos de situações de mudança de conduta.

2) Entrevista clínica: trata-se de estudar os motivos, sentimentos, a conduta das pessoas. Para esse tipo de entrevista pode ser organizada uma série de perguntas específicas.

3) Não dirigida: há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder.

Nessa pesquisa lançou-se mão da primeira modalidade, entrevista focalizada, com a qual se esperou encontrar, nas respostas das entrevistadas, requisitos importantes, como validade, relevância, especificidade e clareza, profundidade e extensão (Marconi e Lakatos, 2003, p. 200).

A entrevista semiestruturada também foi instrumento de coleta de dados para levantar discussão sobre gênero e identificar as perspectivas de trabalho das estudantes do curso de agroecologia. Os sujeitos da pesquisa, como já mencionado anteriormente, foram as estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFB - Campus Planaltina.

Delineado o público-alvo, fez-se necessário o contato com as colaboradoras da pesquisa. Solicitou-se também autorização dos representantes responsáveis pela instituição de ensino IFB - campus Planaltina.

Concomitantemente aos pedidos de autorização, realizou-se a análise do projeto pedagógico do curso. Também foi elaborado roteiro da entrevista e calendário para os encontros, em seguida, foram realizadas as entrevistas.

Com os resultados das entrevistas e da análise do PPC, delineou-se o corpo da oficina e foi produzida a primeira versão do produto educacional: uma revista para ser usada como material didático complementar.

Para execução da Oficina foi elaborado um plano de ensino e direcionamento de todas as etapas da oficina, como mostra a figura 6 na página nº 68. Em seguida, foi contactado o coordenador curso agendado a data e a sala para aplicação da oficina.

A primeira versão do produto revista foi submetida à análise dos professores e professoras do curso de agroecologia, que fizeram muitas sugestões.

Por fim, foi feita a análise dos dados coletados, incluindo os dados relacionados à aplicação da oficina, em busca de: investigar se/como o curso superior de tecnologia em agroecologia prevê, em seu projeto pedagógico, a formação de trabalhadoras em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia; reconhecer a história das estudantes do curso de agroecologia que as conduziram a essa formação, bem como suas expectativas profissionais, considerando desafios e possibilidades; identificar as implicações de gênero nas perspectivas de trabalho de estudantes e egressas do curso de agroecologia.

3.1 Quadro síntese do plano de ação da coleta de dados da análise documental e das entrevistas semiestruturadas

Qualquer pesquisa precisa utilizar dados. Mattar e Ramos (2021) consideram importante deixar claro o que vem a ser um dado. Para isso, os autores recorrem ao conceito trazido por Bogdan e Biklen (2007, apud. Mattar e Ramos 2021, p 197).

O termo dados refere-se aos materiais brutos que os pesquisadores coletam do mundo que estão estudando; os dados são as singularidades que formam a base da análise. Os dados incluem os materiais que as pessoas que conduzem o estudo registram ativamente, como transcrições de entrevistas e notas de campo de observação participante. Os dados também incluem o que outras pessoas criaram e o pesquisador descobre, como diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornal. (Bogdan e Biklen 2007, apud. Mattar e Ramos 2021, p 197).

Diante da leitura dessa citação, Mattar e Ramos (2021) concluem que é possível coletar dados registrados ou descobertos pelo pesquisador, produzidos ou não pelos participantes e ou pesquisadores durante o exercício da pesquisa, e arrematam suas falas afirmando que sem dados, mesmo pesquisas de cunho mais teóricos, não prosperam.

Segue um quadro síntese da coleta de dados desta pesquisa.

QUADRO SÍNTESE:	
Provocações sobre questões de gênero no Curso Superior de Tecnologia em em Agroecologia.	
CURSO/ SÉRIE:	Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º semestres.
OBJETIVO GERAL:	Discutir questões de gênero nas perspectivas de trabalho de estudantes e egressas do curso de agroecologia.
FERRAMENTAS/ METODOLOGIA:	1 - Análise documental - (coleta de dados); 2 - entrevista semiestruturada - (coleta de dados); oficinas, elaboração da revista (produto).
DURAÇÃO:	1 - Análise documental - aproximadamente 10 horas - tempo flexível.
	2 - Entrevista semiestruturada - 11 encontros por chamada de vídeo. Total de 18 horas - tempo flexível.
	3 - Oficina educacional - 1 encontro - total 4 horas. Produto: elaboração da revista - aproximadamente 256 horas (64 dias com trabalho de 4 horas por dia). Tempo flexível.

Figura 01 - Quadro síntese. Elaborado pela autora em 2023.

Consideramos necessário apresentar a seguir uma breve descrição do contexto da pesquisa.

3.2 Local em está situada os sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada no IFB Campus Planaltina, mais especificamente no curso superior de tecnologia em agroecologia. O eixo tecnológico está centrado em Recursos Naturais.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Campus Planaltina, como se configura hoje, é parte do Plano de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação, a Lei nº 11.534, de 25 de outubro de 2007. Esta escola, em processo de implantação, foi transformada em Instituto Federal de Brasília (IFB) pela Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, e atualmente o IFB conta com dez Campi, entre os quais está o Campus Planaltina.

De acordo com dados do PPC (2019), o Campus Planaltina do Instituto Federal Brasília ocupa uma área de 1.500 hectares, sendo uma parte significativa composta de cerrado preservado e as demais destinadas ao desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa, extensão e produção. A produção agropecuária tem objetivo de natureza didático-pedagógica, bem como abastecer o refeitório e fornecer matéria-prima para a Agroindústria.

O documento aponta, ainda, que a área atual do Campus Planaltina foi transformada em Parque Ambiental pela Lei Complementar nº 630, de 29 de julho de 2002 (DODF de 29/07/02). Como Parque Ambiental, entre seus objetivos primordiais estão: i) a preservação e a recuperação da área de sua abrangência; ii) o desenvolvimento de pesquisas sobre o ecossistema local; iii) o desenvolvimento de atividades de educação e pesquisa ambiental (IFB/Planaltina, 2019).

Além de oferecer o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, são ofertados também: Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio na área de Agropecuária; Cursos Subsequentes nas áreas de Agropecuária e Agroindústria; e Licenciatura em Biologia, além de cursos a distância em Meio Ambiente. São oferecidos também Cursos de Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores (FIC).

3.2.1 Histórico da criação do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia

De acordo com o PPC (2019), são identificadas iniciativas de Agroecologia desde os tempos do Colégio Agrícola de Brasília em parceria com outras instituições. O documento dá conta de que, em setembro de 2007, foi realizada no Colégio Agrícola de Brasília a Semana de Agroecologia com a participação da Emater-DF, Embrapa-Cerrados e Embrapa-Hortaliças.

A reordenação do antigo Colégio Agrícola de Brasília na Escola Técnica Federal de Brasília, em abril de 2008, resultou na chegada de novos docentes e técnicos, o que possibilitou discutir e revisar os currículos e apontar os futuros cursos que poderiam ser oferecidos pela Instituição.

Na ocasião, de acordo com o PPC, foi formado um grupo de trabalho em Agroecologia, composto por docentes da ETFB (GDF e MEC), que teve como meta estudar e propor ações em prol da transição agroecológica, por meio do desenvolvimento de atividades pedagógicas e experimentos.

Em julho de 2008, o grupo foi convidado para representar a ETFB no Seminário Regional de Ensino Agrícola, que diagnosticou e debateu as principais questões do ensino técnico e profissionalizante oferecidos pela Rede de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais. Em agosto de 2008, foi realizado o Seminário Nacional de Ensino Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, que teve como resultado o documento intitulado: (Re) significação do Ensino Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com as diretrizes propostas por representantes de todas as escolas agrotécnicas da rede. Nesse Seminário reforçou-se a importância da criação de cursos e ações voltadas para a Agroecologia. No dia 30 de setembro de 2008, foi realizado o evento Rumos da Unidade Agrotécnica de Planaltina, com a participação de sindicatos de agricultores, movimentos sociais do campo e instituições de ensino-pesquisa-extensão agropecuária. Esse evento reforçou a necessidade da criação de um centro de referência e da possibilidade de disponibilizar o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.

Após o workshop, o grupo de trabalho teve mais apoio, motivação e elaborou, em outubro de 2008, uma proposta para o edital dos Centros Vocacionais Tecnológicos (CVT) financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

Dessa forma, a proposta teve como objetivo estruturar a UNED-Planaltina e possibilitar melhores condições para o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão em Agroecologia, contribuindo para a formação de profissionais que possam estabelecer as bases para a construção de estilos de agricultura sustentáveis.

Essas iniciativas coincidiram com a convocação de servidores concursados, o que ampliou o escopo de possibilidades para a criação do curso. Foi reforçado o potencial da instituição a partir da demanda regional relacionada às atividades da Agroecologia. Assim, realizou-se uma reunião com instituições que desenvolviam o ensino, a pesquisa, a extensão e a produção de alimentos em bases agroecológicas para debater a necessidade de oferta do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. No dia 24 de outubro de 2008, reuniram-se representantes da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-DF), Embrapa Cerrados, Cooperativa Ecoideia, Sítio Alegria (produção orgânica), além de um representante do antigo CEFET Rio Pomba, com o intuito de aproveitar a experiência das outras instituições envolvidas com a Agroecologia e trazer instituições pioneiras na oferta desse curso. Na ocasião, foi debatida a necessidade de profissionais formados na área de Agroecologia, uma vez que nas atividades realizadas por essas organizações, reconheceram-se as dificuldades em contratar profissionais preparados para lidar com as novas questões de Agroecologia que estão surgindo pela necessidade dos agricultores e da criação de diversas políticas públicas que demandam novos profissionais nesta área.

Atendendo a essa demanda de formação em Agroecologia, em agosto de 2009, iniciou-se a construção do Projeto Pedagógico do Curso, a partir de uma pesquisa sobre outras experiências de cursos superiores em Agroecologia. Em seguida, foram realizadas reuniões com a finalidade de elaborar o documento. Esse processo teve a participação da Pró-reitoria de Ensino do IFB, que colaborou na elaboração do projeto piloto. O II Fórum de Educação em Agroecologia, em novembro de 2009, foi um momento importante de trocas de experiências e de colaboração com esse processo. Esse processo de diálogo antecedeu o VI Congresso Brasileiro de Agroecologia e o II Congresso Latino Americano de Agroecologia realizados em Curitiba/PR. Trata-se de eventos que possibilitaram intensos momentos de reflexão sobre os currículos e a formação profissional em Agroecologia. O projeto foi finalizado em dezembro de 2009. Contudo, foram

necessárias adaptações para adequação do curso e da demanda. Desta forma, após o fechamento dos ajustes, o PPC foi finalizado e publicado em 2011. Iniciou-se a formação no campus Planaltina, a partir do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.

4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA ANÁLISE DOCUMENTAL E NAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, são apresentados os resultados da análise documental, das entrevistas, bem como os achados oriundos da aplicação da oficina a estudantes do curso de Agroecologia. Os resultados que emergiram da pesquisa foram utilizados para a produção do material didático complementar proposto: a Oficina e a Revista.

4.1 Etapa I - Análise documental do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) - um olhar atento a existência da discussão de gênero

Para os autores referenciados na base deste estudo, Mattar e Ramos (2021), a pesquisa análise documental é uma estratégia útil de investigação e demanda pouco esforço. Mattar e Ramos (2021) alertam para a noção de documentos, que é essencial para definir mais claramente o tipo de documento a ser utilizado na coleta de dados. Mattar e Ramos (2021) buscam em Merriam e Tisdell (2016) seis classificações de tipos de documentos levantadas por essas autoras, entre elas: registros públicos; documentos pessoais; artefatos materiais (como computadores).

Para efeito de coleta de dados desta pesquisa foi utilizado documentos públicos do IFB Campus Planaltina referentes ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. Assim foi analisada a versão atualizada do Projeto Pedagógico do Curso. O objetivo dessa análise documental é investigar se/como o curso superior de tecnologia em agroecologia prevê, em seu projeto pedagógico, a formação de trabalhadoras em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia.

Etapa I - Análise documental do PPC	
Documento	O que espera encontrar no documento.
Projeto Pedagógico/Plano de Curso	Identificar se a categoria de gênero está presente na proposta do projeto pedagógico. Verificar como a categoria de gênero está contemplada.
	O curso apresenta elementos que apontam para a formação de agroecólogas em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia?

Figura 02 - Etapa I - Análise documental. Elaborado pela autora em 2023.

O Projeto Pedagógico de Curso (PPC) constitui-se no instrumento orientador do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. Após uma leitura atenta do PPC, percebeu-se que a proposta para discussão de gênero está presente, assim como a indicação de literatura. O ponto de partida iniciou observando como a categoria gênero é discutida no PPC em uma versão anterior à atual, antes da reformulação. Nessa versão anterior, constatou-se que não havia menção a respeito da categoria gênero, leva-nos a pensar que o curso não contempla a discussão para a inclusão de gênero no momento antes da reformulação do PPC.

Ao analisar o PPC reformulado (2019), buscou-se identificar se a categoria de gênero está presente na proposta do projeto pedagógico, verificar como ela está contemplada, além de refletir sobre os pontos fortes e os pontos fracos do curso com relação à inclusão das mulheres no espaço de trabalho da agroecologia: O curso apresenta elementos que apontam para a formação de agroecólogas em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia?

Diante da análise do PPC, identificou-se que a categoria gênero está presente na seção: 3.2 Justificativa de reformulação do PPC, página 31, item 5 que diz.

5. O perfil do egresso deve ser claro em relação ao compromisso com a sociedade. A Agroecologia deve formar um egresso capaz de compreender os desafios para a defesa da justiça social, da saúde ambiental, da segurança e soberania alimentar, da economia solidária e ecológica e da equidade de gênero, agindo na sociedade para transformá-la. (IFB/Planaltina, 2019, p. 31).

A leitura do PPC esclarece, na justificativa, que a sua reformulação busca avançar na dimensão pedagógica conduz o processo de construção do conhecimento agroecológico, reafirma os argumentos que justificam a criação do curso, reconhecendo a história da instituição em relação à agroecologia e dialoga com as novas demandas da realidade e o movimento contínuo de construção teórica e agroecológica do curso (IFB/Planaltina, 2019).

Ainda, de acordo com o PPC, a busca de novas formas de organizar o trabalho pedagógico para o curso de Agroecologia tem como referência os princípios fundantes da Educação em Agroecologia definidos pelo I Seminário de Agroecologia (SNEA), realizado pela Associação Brasileira de Agroecologia em 2013. Assim, na seção 8. Concepções e Princípios Pedagógicos são abordados: 1. O princípio da vida; 2.O princípio da diversidade; 3. O princípio da complexidade; 4. O princípio da transformação. (IFB/Planaltina, 2019), cada um desses princípios desenvolvem outros desdobramentos mediante à realidade e ao movimento contínuo de construção teórica e agroecológica do curso.

A categoria gênero aparece nos princípios 2 e 4. No princípio 2, ela é explicitada no terceiro e quarto ponto:

- Reconhecimento e valorização dos povos e comunidades tradicionais do campo e da cidade, especialmente o(a) agricultor/a familiar e camponês/a (quilombolas, pescadores artesanais, ribeirinhos, extrativistas, moradores de fundo de pastos, faxinalenses, marisqueiras, quebradeiras de coco babaçu, indígenas e outros) e os diferentes movimentos e organizações sociais, considerando as questões de gênero, diversidade sexual, étnica e geracional e reafirmando o território como espaço de identidades e de culturas;
- Reconhecimento das especificidades das mulheres trabalhadoras, suas formas de interpretar e atuar sobre a realidade e suas formas de organização (IFB/Planaltina, 2019, p. 40).

Já no princípio 4 ela aparece no sétimo ponto:

- Atuação crítica sobre todas as formas de dominação e desigualdades sociais, particularmente sobre aquelas de gênero, raça, etnia, diversidade sexual e geração (IFB/Planaltina, 2019, p. 42).

É importante destacar o entrecruzamento existente entre os princípios pedagógicos, o que faz com que a discussão de gênero dialogue com diversos outros saberes e construção e refinamento do conhecimento ou produto final em processo formativo.

Em seguida, a categoria gênero vai aparecer na seção 9.10. Habilidades e Bases Tecnológicas, no tópico Eixo Educação Política e Ecologia. Esse eixo tem como objetivo geral a formação geral para construção de referenciais políticos,

sociais, ambientais e educativos que orientem a atuação do Agroecólogo em uma perspectiva crítica da realidade e emancipatória dos sujeitos do campo e da cidade. (IFB/Planaltina, 2019). O eixo aponta quatro áreas do conhecimento: 1. Histórias das Agriculturas; 2. Sociologia rural; 3. Administração e Economia Rural; 4. Educação e comunicação. É na área do conhecimento 2. 2. Sociologia rural, ministrada no 1º semestre em que a categoria gênero aparece. O quadro abaixo é um recorte do quadro do 1º Semestre, o qual contempla apenas a área de conhecimento sociologia rural.

1º SEMESTRE			
Código	Áreas	Habilidades	Bases Tecnológicas
EDU 1	Sociologia Rural	Reconhecer e valorizar a diversidade cultural na formação social brasileira, compreendendo as relações de poder estabelecidas ao longo da história.	O mundo rural no plural: diversidades no campo; Processos sociais agrários e a formação da sociedade brasileira; Conceito de classe social; Classes sociais no campo: entendendo o campesinato; Etnia/raça: povos e comunidades indígenas e quilombolas; Gênero e sexualidade – a divisão social do trabalho segundo o gênero; Geração – a divisão social do trabalho segundo a idade.

Figura 03 - Quadro (recorte) do 1º Semestre - Área do Conhecimento Sociologia Rural. Elaborado pela autora - Fonte: PPC/IFB/Planaltina, 2019.

Diante da análise do quadro, surgiu a necessidade de verificar a bibliografia selecionada que embasa a categoria gênero dentro do PPC. Foram identificados os autores Louro, G. L; Felipe, J.; Goellner, com a obra *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*, Rio de Janeiro na editora Vozes, 2003. (IFB/Planaltina, 2019).

Em seguida, a categoria gênero aparece de forma implícita do 2º ao 6º Semestre do Eixo Integrador, que tem como objetivo integrar a formação geral e a formação específica desenvolvidas ao longo do curso, proporcionando experiências

concretas de aprendizagem para a formação integral do ser humano (IFB/Planaltina, 2019).

Ao ler as bases tecnológicas desse eixo, percebe-se que os assuntos dialogam com a categoria gênero, mas o que facilitou identificar a sua presença foi a bibliografia direcionada à discussão de gênero com a obra do autor Neto, A. A. L. P. *et al.* Caderneta Agroecológica: empoderando mulheres, fortalecendo a Agroecologia. *Agriculturas*, v. 12 - n. 4, dezembro de 2015. (IFB/Planaltina, 2019).

4.1.1 Resultados da análise documental - uma percepção sobre como a discussão de gênero, no PPC, é apresentada

A análise documental permitiu chegar às seguintes constatações:

i. A categoria gênero está presente na proposta do projeto pedagógico, como demonstrado nesta seção.

ii. A categoria gênero aparece nos princípios do curso, numa perspectiva de interseccionalidade; no eixo integrador, o que permite uma perspectiva de trabalhar a categoria de gênero de forma transversal; e nas referências bibliográficas.

iii. O curso apresenta elementos que apontam para a formação de agroecólogas em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia.

A próxima seção versa sobre os resultados da etapa II desta pesquisa, a entrevista semiestruturada.

4.2 Etapa II - Entrevista Semiestruturada Com as Estudantes da Agroecologia

De acordo com Mattar e Ramos (2021), a entrevista semiestruturada é uma variação das entrevistas qualitativas caracterizada pela profundidade e pela abordagem mais conversacional e interacional, configurando uma troca e um encontro. Para esta pesquisa, consideramos que a entrevista semiestruturada é a que melhor se aplica diante dos objetivos investigativos, dando às entrevistadas possibilidades de respostas mais amplas. Para isso, foram convidadas a participar da entrevista, mulheres, estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia de todos os semestres, foram convidados também duas estudantes

egressas do curso. Se dispuseram a participar nove mulheres estudantes e duas mulheres egressas do curso, com o total de onze mulheres para as entrevistas.

4.2.1 Perfil das mulheres selecionadas para entrevista

As entrevistas envolveram estudantes, mulheres, de diversas idades do curso Superior de Tecnologia em Agroecologia de variados semestres.

O objetivo das entrevistas foi reconhecer a história das estudantes do curso de agroecologia que as conduziram a essa formação, bem como suas expectativas profissionais, considerando desafios e possibilidades e identificar as implicações de gênero nas perspectivas de trabalho de estudantes e egressas do curso de agroecologia.

A primeira etapa foi conhecer as estudantes. O planejamento inicial contava com duas visitas ao campus, porém houve uma greve e foi preciso contactar as estudantes mediante telefone, em que uma ia contactando e conectando a outra para conversar sobre a pesquisa. Algumas estudantes se mostraram receptivas e outras não. Essa etapa de coleta de dados iniciou com a apresentação da pesquisadora e da pesquisa, com a sensibilização das estudantes a respeito da importância da participação delas na pesquisa.

Na ocasião de cada entrevista, foi apresentado o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento). O documento foi lido e foi disponibilizado um link com o documento para que nele as entrevistadas assinalassem concordar ou não em participar da entrevista. Em seguida, foram apresentadas as perguntas, utilizadas como guia, pois, de acordo com algumas respostas das estudantes, foram surgindo novas perguntas, o que trouxe maior enriquecimento para a coleta de dados. É importante pontuar que a proposta inicial envolvia como público-alvo apenas as estudantes do curso; no entanto, durante o percurso das entrevistas, foram citadas algumas estudantes egressas, consideradas importantes para o objeto desta pesquisa. Elas foram contactadas e prontamente se dispuseram a participar da pesquisa.

Questionário: Implicações de gênero nas auto perspectivas de trabalho das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em agroecologia

Metodologia:

As entrevistas foram feitas individualmente, por chamada de vídeo ou presencialmente, a depender da escolha da entrevistada. A entrevista foi gravada em áudio, para transcrição.

Perguntas:

1 - Qual seu nome e sua idade?

2 - Onde você nasceu?

3 - Você se autodeclara negra, parda, branca ou indígena?

5 - Qual a sua relação com a agroecologia?

6 - Sua família trabalha no campo? Qual atividade das pessoas da sua família?

7 - Sua família já teve ou tem propriedade de terra? O que ela produz nesta propriedade?

8 - Quando você terminar o curso em que área você vai querer trabalhar? Por que você escolhe essa área?

9 - No seu núcleo familiar (pai, mãe, irmãos...) é composto por quantas pessoas?

10 - Qual o grau de escolaridade das pessoas da sua casa?

11 - Você acha que a mulher que trabalha no campo hoje tem condições de oportunidade de trabalho e também oportunidade de ganho salarial igual ao homem?

O que leva você a pensar dessa maneira?

12 - Hoje o que poderia melhorar para que quando você estivesse pronta para sair do IFB e ir para o mercado do trabalho?

13 - Como você se vê dentro da sua área de formação profissional no espaço da agroecologia?

14 - Porque você se vê dessa forma?

15 - Você acha importante a mulher discutir sobre a atuação delas no território rural? Porque você acha importante?

Figura 04 - Etapa II - Questionário da entrevista semiestruturada. Elaborado pela autora da pesquisa em 2025.

O quadro a seguir é o quadro de perguntas que foram surgindo durante as entrevistas. Algumas perguntas puderam ser feitas a outras estudantes, isso fez com que a coleta de dados fosse ampliada, possibilitando análises de outras discussões como a evasão escolar e “confusões” conceituais entre a agroecologia e o agronegócio. As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas. Em seguida elas foram analisadas por grupos de perguntas.

Etapa II - Entrevista semiestruturada - Perguntas emergentes durante as entrevistas

Perguntas que surgiram durante as entrevistas
1 - Como que o IFB contribuiu ou ainda contribui para o seu fortalecimento profissional, hoje?
2 - O curso te proporcionou momentos de discussão sobre o impacto do racismo no trabalho da mulher?
3 - Enquanto pesquisadora, como você poderia contribuir na área da agroecologia?
4 - Você acha que a participação nos movimentos de mulheres, como a Marcha da Margaridas por exemplo, pode trazer crescimento intelectual e empoderamento para as mulheres estudantes da agroecologia?
5 - Na sua opinião, por que as mulheres estão com o número alto de desistência, ou abandono do curso?
6 - Você enxerga “confusões” entre o que é agroecologia e o que é agronegócio? Fale como você vê essa confusão, como ela é gerada?
7 - A “confusão” entre a agroecologia e o agronegócio, na sua concepção, é algo positivo ou negativo? Por que?
8 - Você acha que a mulher que vive no campo consegue fazer essa uma produção em larga escala de forma sustentável sem agrotóxicos? Você pode citar algum exemplo?

9 - Na sua concepção quais tipos de trabalhos, no território rural, a mulher está mais apta a executar?
10 - No futuro você se vê trabalhando com alimentação mais sustentável? O que isso representaria para sua comunidade?
11- Você acha que no campo as ferramentas criadas ao longo do tempo, como enxada por exemplo, ajudam na exclusão da mulher no uso dessas ferramentas durante o trabalho?
12 - Você acha que se a mulher estivesse mais incluída no campo ela teria criado tecnologias que privilegiasse ou facilitasse o trabalho delas, como produção de ferramentas mais adaptadas ao corpo físico da mulher?
13. Na sua concepção as discussões sobre o trabalho das mulheres, dentro do IFB, são poucas. Embora essas discussões ocorram com pouca intensidade, elas têm mudado ou impactado você enquanto mulher? Como?
14 - Você acha que a mulher sofre racismo e sexismo em seu local de trabalho? Como você sustenta esse seu posicionamento?
15 - Você acha que a mulher se ocupa muito no trabalho de cuidar do outro? Esse cuidar do outro atrapalha o desenvolvimento profissional da mulher? Como?

Figura 05 - Etapa II - Entrevista semiestruturada - Questões emergentes durante as entrevistas. Elaborado pela autora da pesquisa em 2025.

4.2.2 Resultados das entrevistas semiestruturadas com as estudantes envolvidas no curso de agroecologia

O resultado das entrevistas apontam que mais de 90% das estudantes têm relação com a agroecologia, porque moram ou já moraram em sítios, fazendas ou em pequenas propriedades que lhes permitiu essa aproximação rural no contexto da agroecologia, mesmo que de forma empírica com relação aos conhecimentos agroecológicos.

As entrevistas apontam também que algumas das estudantes chegaram até ao curso de agroecologia por considerar que, naquele momento de sua vida, o curso

era o meio mais “acessível” para chegar ao curso superior, algumas descobriram o curso e por gostarem da temática se inscreveram nele. “Eu escolhi esse curso, porque eu queria ter um curso superior e ele era o que estava mais acessível para mim e também pensei fazer algo de que eu gostava” (Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, 2024).

Ao serem questionadas sobre as condições de oportunidade de trabalho e de ganho salarial do trabalho da mulher com relação ao trabalho do homem, as entrevistadas declararam que hoje as relações de trabalho têm melhorado, as oportunidades estão mais abertas e os ganhos salariais estão caminhando, muito mais rápido no discurso que na prática. Elas também disseram que ainda sentem o peso do sexismo histórico do patriarcado nas relações de trabalho entre elas e os homens. E que elas estão em uma luta constante para ocupar o espaço de trabalho e serem reconhecidas nele.

“Lá na roça em todo DF está cheio de mulheres que cuidam da casa, dos filhos, da produção agrícola, produzindo e tal e, às vezes, o marido vai vender lá na rua e todo mundo achando que é ele quem está produzindo..., só que a mulher fica sempre numa posição de ajudadora dificilmente recebe o protagonismo, ela quase nunca aparece” (Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, 2024).

Quando questionadas sobre a importância do curso promover discussões de gênero e de racismo dentro do curso, todas disseram que essa discussão é necessária e que o curso sempre traz essas discussões. Uma estudante pontuou que o curso precisa trazer para dentro da discussão mais autores que discutem questões de gênero. Para ela, a diversidade de autores que dialogam nessa área é limitada, dentro do curso.

Os resultados das onze entrevistas apontam que 50% mulheres se autodeclararam negras, 49% se autodeclararam pardas e 1% se autodeclara branca.

Elas consideram que o IFB contribui para sua trajetória profissional, e dizem que o curso não é apenas sobre plantar

“Eu acho que ele já contribuiu uns 90%. Eu cheguei lá de uma forma e agora eu sou outra. Porque lá no IFB é uma família, algo muito importante é a acessibilidade que a gente tem para chegar nas pessoas. O IFB é feito por pessoas que estão sempre prontas para ajudar”; “Quando eu estava no curso, eu percebi que a diversidade de opiniões e formações que constitui a turma e o sujeito era muito rico, muito rica na construção do próprio curso”. (Estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, 2025).

Elas também apontaram que mesmo sendo um espaço que contribui para seu crescimento, elas ainda precisam constantemente se posicionar em busca de ocupar o direito de fala e de decisões,

“Ali no IFB a mulher precisa ainda fortalecer a sua voz. A mulher ainda precisa de espaço de agir e de fala, tem muito homem só pronunciando como se a voz dele fosse a única e a última” (Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, 2024).

Outra questão levantada pelas estudantes é a questão da evasão escolar. De acordo com elas, o número de evasão entre as mulheres é grande. Elas apontam diversos motivos para a mulher deixar de estudar, como por exemplo a distância do curso e a dificuldade de deslocamento e questões voltadas a “cuidados” cuidar da família, de filho, de uma pessoa doente, de um idoso e até mesmo ter que trabalhar para ajudar no sustento de casa.

Os dados mostraram que, com relação à perspectiva de trabalho, a maioria das estudantes pretendem trabalhar com projetos, atendendo a pequenos produtores, ou que pretendem trabalhar em sua propriedade expandindo sua produção e comercializando-as.

É importante registrar que as estudantes apontaram, como problema, o fato de o profissional agroecólogo não ter regulamentação para a profissão. De acordo com elas, isso é um fator desanimador para procurar emprego. Para elas, isso desprestigia o curso, causa mal-estar entre estudantes de curso e dos outros cursos dentro do próprio campus.

“Algumas pessoas, inclusive outros estudantes, aqui mesmo dentro do campus, têm uma visão um pouco preconceituosa da gente. Inclusive eu já ouvi uma colega dizendo para outra que o curso dela, licenciatura em biologia, é mais importante do que o curso da agroecologia” (Estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, 2025).

Outra estudante relatou que

“A expectativa no curso foi maior que as vantagens, tem muito agroecólogo desempregado, a profissão não tem reconhecimento, tem muitas barreiras, são organizações que não querem que a agroecologia vá pra frente” (Estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, 2025).

4.3 Elaboração do Produto Educacional 1 (Oficina - Provocações Sobre Gênero na Agroecologia) e do Produto Educacional 2 - (Revista - Mulheres pela Terra: Alimentando Mudanças)

Diante das impressões e análises das falas colhidas na entrevista, foi pensado em propor a criação de uma oficina, como produto principal, e uma revista, como produto secundário. O produto principal, a oficina, foi pensada diante das falas das estudantes e da necessidade de coletar informações que permitissem identificar a origem e o envolvimento das mulheres com as questões da agroecologia. O formato de oficina foi pensado também para possibilitar o diálogo entre ambos os gêneros (mulheres e homens) sobre questões de gênero na agroecologia, possibilitando reflexões acerca do tema. O produto, revista, foi elaborado e apresentado às professoras e ao coordenador do curso. Eles leram o material e solicitaram reunião para tratar de algumas preocupações conceituais de textos da revista. Esse *feedback* dos professores e do coordenador do curso foi muito esclarecedor, ampliou o campo de visão sobre diversas questões da agroecologia e proporcionou uma nova reflexão conceitual que se adequasse aos princípios da agroecologia. Assim, os textos da revista foram revisitados, tiveram conceitos acrescentados. Para compreender com mais profundidade as mudanças conceituais das professoras, foi necessário fazer uma imersão no curso, outras visitas foram marcadas, foi possível participar do evento Seminário Integrador do Curso.

Algumas estudantes ficaram muito animadas com a proposta da revista e fizeram questão de participar de alguma forma da revista, com fotografias e outras informações. Nessas conversas, foi possível chegar a duas estudantes egressas, elas foram convidadas a participarem da pesquisa, por meio de entrevista. Durante a entrevista com essas estudantes, descortinou-se a possibilidade de um relato da trajetória profissional delas após concluírem o curso, para ser publicado na revista.

4.3.1 Organização do Produto Educacional 1 - Oficina Provocações Sobre Gênero na Agroecologia

A oficina foi realizada partindo dos textos da revista. A revista já havia sido avaliada por três professoras e pelo coordenador do curso. Na ocasião, eles

expressaram suas preocupações com relação a conceitos, em alguns textos, que iam de encontro aos princípios da agroecologia. Eles pediram para que fosse acrescentada literatura de base conceitual de agroecologia que consta no PPC e que algumas propostas de atividades como o Quiz e que o texto do Percurso do Curso fosse expandido. As solicitações foram analisadas e atendidas. O passo seguinte foi ministrar a oficina. O coordenador do curso disponibilizou a data e o espaço. A oficina foi realizada no turno matutino, nela havia estudantes de todos os semestres e os professores, que ministravam aula no dia, com o total de 38 pessoas. A seguir, segue o planejamento da execução da oficina.

Planejamento – oficina - curso de agroecologia – dia 22/01/2025	
<p>Questão norteadora:</p> <p>As perspectivas de trabalho das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia são impactadas por questões de gênero ?</p>	
<p>Objetivo Geral: Dialogar sobre gênero e raça no espaço da agroecologia.</p> <ul style="list-style-type: none"> Objetivos Específicos: Provocar discussões a respeito da atuação da mulher na agroecologia; Discutir a agroecologia como movimento e prática social; Identificar os sujeitos pertencentes do espaço da agroecologia; Levantar autopercepções de relação entre estudantes, o curso de agroecologia e a atuação profissional. 	<p>Área de Conhecimentos:</p> <p>Sociologia Rural</p>
<p>Metodologia/Atividades</p>	<p>Papel da pesquisadora /material utilizado</p>
<p>(duração da oficina 3h – início às 7:45 término às 11h):</p> <p>Recepção dos estudantes e professores.</p> <p>-Na sala serão formados 8 grupos com aproximadamente cinco pessoas. A formação dos grupos será feita mediante cores.</p>	<p>*Recepcionar os estudantes;</p> <p>*Organizar a formação dos grupos.</p> <p>*Distribuir os</p>

<p>-Ao entrar, cada estudante será orientado a pegar o material contendo: texto reportagem “Força feminina impulsiona o agronegócio no Distrito Federal”, uma caneta e um crachá (em cores diferentes) para anotar seu nome. (10 min)</p> <p>-Os estudantes serão orientados a formar grupos indicados pela cor correspondente ao seu crachá.</p> <p>-Em seguida fazer a apresentação sobre mim e apresentação da pesquisa e do produto revista. E será explicado sobre a dinâmica da oficina. (3 min.)</p> <p>- Realizar a dinâmica da apresentação do grupo. (10 min.)</p>	<p>materiais contendo:</p> <p>Caneta; crachá (em cores diferentes)</p> <p>*Realizar a apresentação de grupo.</p> <p>- Dinâmica de apresentação de grupo:</p> <p>Cartazes representando cada grupo; caixa embalada para presente com balinhas, paçocas, pipocas.</p>
<p>1ª etapa: Minha relação histórica com a agroecologia - 30 min.</p>	
<p>Perguntas norteadoras:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua relação com a agroecologia? 2. Qual o seu nome? 3. De onde você vem? Do DF, do entorno? Ou de outra localidade, qual localidade? 4. O que te trouxe ao curso de agroecologia? O que fez você chegar aqui? <p>(Você pode responder por meio de resposta simples, por meio de algum trecho de música, por meio de poema, de desenho, por meio de recorte e colagem, entre outras formas de comunicação que você queira).</p> <p>EXPOSIÇÃO: espaço para colagem de respostas em papel e momento para exposição das respostas orais. (30 min.)</p>	<p>*Disponibilizar:</p> <p>Folhas brancas; canetinhas; giz de cera; lápis de cor; tesouras; revistas para recorte; cola; fita adesiva e</p> <p>Espaço para colagem do material produzido.</p>
<p>2ª Etapa: Minha relação profissional com a agroecologia - (10 min.)</p>	

<p>Explicar aos estudantes que o texto entregue a eles é uma reportagem publicada pelo Correio Braziliense em outubro de 2024.</p> <p>Solicitar que três grupos façam a leitura de uma seção – Provocar pontos de reflexões sobre a atuação da mulher no espaço rural (abrir espaço de falas reflexivas dos estudantes).</p> <p>Em seguida lançar a pergunta provocativa: (15 min.)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Você atua ou já atuou em alguma atividade no campo? Qual ou quais atividades? 2. Se não atuou, diga o por quê? Quais motivos te impediram? E você gostaria de atuar? Se sim, em quais espaços rurais você gostaria de atuar? <p>Registro: Pedir aos estudantes para escrever, em uma folha, e colar suas respostas no cartaz, de papel pardo, colado na parede. (10 min.)</p>	<p>*Disponibilizar uma folha de papel pardo fixada na parede.</p> <p>*disponibilizar fita adesiva para colagem das respostas.</p>
<p>3ª Etapa: Eu e o curso de agroecologia - (30 min. somente respostas)</p>	
<p>Na reportagem, a professora da pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural da Universidade de Brasília (UnB), Janaína Diniz, destaca que, apesar de as mulheres serem minoria nos registros formais da Emater, há um trabalho invisibilizado delas no campo. "São ainda mais marginalizadas do que as que atuam em trabalhos urbanos. E elas contribuem muito para a produção no campo. Em grupos de pequenos produtores que trabalham no sistema de agricultura familiar sempre há mais presença feminina". De acordo com ela, "A questão de gênero está sendo cada vez mais debatida no meio rural. <u>O movimento agroecológico tem lutado não só por uma produção saudável sem agrotóxicos, mas pela igualdade de gênero entre produtores</u>".</p> <p>Reflexão: Dentro do seu curso, quais contribuições você vê que possa ser relacionada à última afirmação da professora Janaína Diniz? (momento de fala reflexiva – 10 min.)</p> <p>Obs: Para essa atividade, será preciso que vocês indiquem alguém como relator. A ideia é que vocês respondam as perguntas em coletivo e o relator (em</p>	<p>*Entregar uma folha com as perguntas</p> <p>*Recolher as folhas</p>

outro momento) relate as respostas do grupo. (20 min).

1 - Você acha importante dentro do IFB haver momentos para discutir sobre a atuação das mulheres no espaço de trabalho rural? Justifique esse posicionamento.

2 - Você acha que a mulher que trabalha no campo hoje tem condições, oportunidades de acesso ao trabalho com mesmas chances de ganho salarial igual a homem? Justifique esse posicionamento.

3 – Olhando para suas vivências e contato com atividades agroecológicas, qual a sua visão a respeito da atuação das mulheres no trabalho rural no contexto agroecológico?

4 – Quanto ao curso da agroecologia, na sua opinião quais aspectos você considera um ponto de atenção, ou que precisa melhorar no curso de agroecologia?

5 – A evasão é um fenômeno que envolve diversos eventos. Na sua visão quais são as causas que corroboram para a evasão de estudantes do curso?

6 - Sabendo que entre o grupo feminino o índice de evasão é uma realidade a ser investigada, na sua opinião, especificamente a este grupo, o que corrobora para a evasão?

7 - O que você considera que poderia ser feito para diminuir o índice de evasão entre os grupos de

a) homens?

b) mulheres?

8- Como você considera que o IFB poderia contribuir para fortalecer as mulheres para que continuem estudando e possam enquanto profissionais atuarem no trabalho agroecológico?

9 - O seu curso proporciona momentos de discussão sobre as mulheres, as suas lutas, suas conquistas e suas dificuldades? O quanto isso impacta na sua maneira de refletir e agir sobre essa questão no sentido de contribuir para melhorias ou mudanças com relação às lutas, dificuldades e conquistas das mulheres no trabalho rural?

10 - Neste grupo de trabalho quantas pessoas se autodeclara

<p>a. pardo/ parda ()</p> <p>b. preto/preta ()</p> <p>c. branco/branca ()</p> <p>d. indígena ()</p> <p>11 – Este grupo de trabalho é composto por _____ Mulheres _____ homens</p> <p>12 - O curso de agroecologia proporciona momentos de discussão sobre os impactos do racismo para as mulheres não brancas que adentram o espaço de trabalho no contexto agroecológico?</p> <p>13 - Ao terminar o curso em que área cada integrante deste grupo se vê trabalhando? E por quê (descreva sucintamente)?</p> <p>Integrante 1</p> <p>Integrante 2</p> <p>Integrante 3</p> <p>Integrante 4</p> <p>Integrante 5</p>	
<p>INTERVALO > INTERVALO > INTERVALO (20 min.) das 10h às 10h20</p> <p>*Disponibilizar lanche para 40 pessoas: 2 bolos de laranja; café; suco de acerola; chá; copos descartáveis; guardanapo</p>	
<p>RETORNO DO INTERVALO.....</p> <p>Neste momento solicito ao grupo que escolha duas perguntas e faça-as a outro grupo. O relator do grupo é quem irá relatar as respostas do seu grupo. OBS: cuidar para que todos os grupos tenham a oportunidade de perguntar e responder. (20 min.)</p>	<p>*Monitorar o tempo</p> <p>*Estar atenta às respostas de todos os grupos</p>
<p>4ª ETAPA – MEU SUCESSO PROFISSIONAL EM AGROECOLOGIA</p>	

<p>Nesse momento gostaria que na imagem de folha, vocês escrevessem em palavras ou frases curtas “para você quais ou qual seria a receita para o sucesso profissional no trabalho na agroecologia?”</p> <p>*Deixar fixado na parede um tronco de árvore em papel pardo.</p> <p>*Pedir que escreva nesta folha o que você considera receita para o sucesso profissional em agroecologia. Em seguida, cole a folha próximo ao tronco da árvore. (10 min.)</p> <p>*Solicitar que uma ou duas pessoas de cada grupo leia algumas das indicações para a RECEITA DE SUCESSO PROFISSIONAL EM AGROECOLOGIA. (10 min.)</p>	<p>*Disponibilizar cartaz com o tronco da árvore e orientar a execução da dinâmica.</p> <p>* Dinamizar a leitura das indicações para a receita de sucesso profissional em agroecologia.</p>
<p>Finalização da oficina</p>	
<p>AVALIAÇÃO (3 min.) - Chegando ao fim das nossas atividades desta oficina e gostaria que falassem suas impressões sobre a oficina.</p> <p>*se os temas abordados na oficina fazem sentido em suas reflexões e práticas enquanto estudante do curso Superior de Tecnologias em Agroecologia.</p> <p>*se as discussões e questionamentos puderam contribuir para aprendizagem com relação a discussão de gênero na agroecologia.</p> <p>Retomada de:</p> <p>Quem sou EU.</p> <p>Qual é a minha pesquisa e objetivo da pesquisa e do produto. Agradecimento e despedida.</p>	<p>*Estar atenta à avaliação dos estudantes quanto à oficina.</p> <p>*Fazer os agradecimentos finais</p>

Figura 6 - Planejamento da oficina do Curso de Agroecologia – dia 22/01/2025. Elaborado pela autora em 15/01/2025.

As atividades da oficina promoveram a participação de todos e todas. Os diálogos foram intensos. A cada atividade foi solicitado que elaborassem uma atividade, Todas as atividades propostas foram realizadas.

A avaliação da oficina foi por meio de análise oral, a avaliação foi dinamizada de modo que quem se sentisse à vontade podia falar sobre as suas impressões das atividades utilizadas na oficina e sobre tudo sobre os textos e os assuntos abordados. A etapa da avaliação foi longa e produtiva, todos os presentes deram parecer positivo para a oficina, para os textos e apontaram a relevância do assunto discutido.

4.3.2 Resultados da oficina realizado com estudantes mulheres e homens do curso

Os resultados da oficina foram importantes por reforçar algumas percepções e por trazerem outros elementos para essa discussão.

Durante a oficina, foi possível constatar que a maioria dos estudantes, mulheres e homens que compõe o curso, tem uma relação de vivência com a agroecologia, a maioria tem ou já teve como principal atividade laboral o trabalho no campo.

Os resultados da oficina mostraram que os estudantes consideraram importante haver no IFB momentos para discutir sobre a atuação das mulheres no espaço de trabalho rural. Eles reconhecem a existência de desigualdades entre homens e mulheres com relação ao trabalho e quanto ao ganho salarial, são unânimes em rechaçar essas desigualdades. Os estudantes, mulheres e homens, reconhecem que o curso sempre pauta para discussões sobre temas sensíveis como gênero e questões de racismo. A maioria se auto declarou ser preta/o e parda/o, uma pequena parcela se autodeclarou branca/o.

Eles reconheceram e discutiram sobre a importância do trabalho da mulher na agroecologia e na agricultura familiar. Quando questionado sobre aspectos que consideram ponto de atenção dentro do curso foram apontados aspectos, na maioria, sobre dificuldades de transporte e a evasão escolar.

Um dado importante que se destacou durante a oficina foi a palavra “resistência”; para os estudantes do curso, a agroecologia traz em si a palavra

resistência como sinônimo. Resistência contra ao que está posto como a “revolução verde”.

Durante as discussões, surgiu a expressão “confusão conceitual entre agroecologia e o agronegócio”. Durante a leitura e análise de uma reportagem, nas falas do grupo, o agronegócio utiliza dos mais diversos meios políticos, sociais, comerciais e marketing para “sufocar” a agroecologia. E devido a esse aspecto, entre outros, a agroecologia é resistência, para eles.

O grupo apontou como dicas para o sucesso do trabalho na agroecologia o trabalho em coletivo, o trabalho e a pesquisa na área, as relações interpessoais e a relação saudável com a natureza.

4.3.3 Apresentação do Produto Educacional 2 - revista

A revista intitulada Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças é um produto educacional gerado como parte integrante dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica do curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília.

A escolha do tema surgiu a partir das observações e vivências pessoais da autora na sociedade e no mundo do trabalho, as quais a impulsionaram a pesquisar e escrever sobre a categoria gênero no espaço rural, evidenciando os diversos desafios que a mulher enfrenta. Para a discussão dessa categoria foram pautados conceitos de autoras como Joan Scott (1995) ao mensurar que o termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Nessa perspectiva, a autora argumenta que a utilização do termo “gênero” enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino.

Durante a busca por conhecimento sobre o tema, houve a identificação com a agroecologia por ser um espaço de resistência e ser território em que a mulher sempre atuou com trabalho numa perspectiva voltada à ações ecológicas e de provimento alimentar da família.

O conceito de agroecologia que é abordado na revista é de Altieri (1998), que propõe a Agroecologia como a ciência capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, avaliando as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social, econômica e ecológica.

A busca pela identificação dessas mulheres tornou-se ponto importante à medida que as entrevistas foram revelando as vozes das estudantes, o que nos levou a interseccionalidade de gênero e raça. E para discutir questões raciais recorreremos às autoras Collins (2021) e Davis (2016). Contribuir para o enfrentamento e superação, da invisibilidade do trabalho da mulher, para a promoção da equidade de gênero é necessário para a garantia de acesso aos direitos e espaços historicamente negados às mulheres rurais.

Assim, com foco em temas como discussão nas categorias gênero, agroecologia e formação profissional, a revista *Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças* propõem discussões a partir da percepção das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. Para elaboração da revista foram feitas entrevistas individuais com nove estudantes do curso do 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º semestres e com duas estudantes egressas do curso, totalizando onze mulheres.

Partindo do produto revista, foi realizada uma oficina pedagógica, que contou com a presença de estudantes e docentes do curso - momento em que foi possível vislumbrar a “paixão” e envolvimento dos presentes quanto às questões que envolvem a agroecologia.

Os principais objetivos da revista são: a) Promover a discussão a respeito da igualdade de gênero. b) Dar visibilidade ao trabalho das mulheres na agricultura e na produção de alimentos. c) Destacar a importância do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia para o acesso das mulheres às tecnologias no trabalho rural.

A revista possui conteúdo educativo relevante à reflexão. É ilustrada, apresenta linguagem diversificada com gêneros textuais variados como artigo de opinião, reportagem, entrevista, receitas, charge, resenha, informativos e seção de diversão e arte. A revista *Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças* é destinada aos estudantes do Curso Superior de Tecnologia da Agroecologia e a todos os públicos interessados pelos temas das categorias gênero e trabalho no espaço rural sob conceito agroecológico contribuindo assim, para a

criação de consciência crítica de superação das desigualdades de gênero e empoderamento das trabalhadoras rurais.

A proposta é de que a revista seja usada como material didático complementar no curso de Agroecologia, visando a contribuir para a formação de agroecólogos e agroecólogas que visem à equidade de gênero.

5. A FORMULAÇÃO DOS PRODUTOS EDUCACIONAIS 1 E 2

Nossa proposta para quebrar o paradigma da invisibilidade da mulher dentro

do território rural, no espaço da agroecologia, e proporcionar empoderamento feminino ocorreu por meio da produção da revista e da oficina.

Problematizamos qual seria o melhor instrumento para construir um produto que possibilitasse à mulher se ver como agente central dentro do território rural do espaço da agroecologia. Inicialmente, pensou-se numa sequência de oficinas. Na ocasião o campus estava passando por um período de greve, o que impossibilitou a execução da sequência de oficinas. Diante disso, foi pensado a execução de apenas uma oficina, pois o tempo disponível para essa atividade havia sido reduzido em decorrência da greve. Contudo, no desenrolar do estudo de caso, com o desenvolvimento das entrevistas, o produto revista foi se desenhando naturalmente, como um apelo das entrevistadas que a pesquisa pudesse divulgar ao máximo possível um pouco do trabalho das mulheres dentro da agroecologia, suas conquistas e suas lutas.

A primeira coisa a ser feita foi “olhar” para as respostas dadas nas entrevistas e a partir delas elaborar os objetivos da revista; selecionar os gêneros textuais para compor a revista, em seguida o layout.

Os principais objetivos elaborados para a revista foram a) Promover a discussão a respeito da igualdade de gênero. b) Dar visibilidade ao trabalho das mulheres na agricultura e na produção de alimentos. c) Destacar a importância do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia para o acesso das mulheres às tecnologias no trabalho rural. Para composição textual foram utilizados textos literários e não literários como artigo de opinião, reportagem, entrevista, receitas, charge, resenha, informativos e seção de diversão e arte.

Assim que a revista ficou pronta, ela foi enviada para o coordenador do curso para que observassem se o conteúdo estava de acordo com os assuntos discutidos no curso. Após a leitura da revista, a equipe de professores e o coordenador convocaram uma reunião para tratar de assuntos referentes à revista. Na ocasião, foram pontuadas questões: alguns conceitos que a revista trazia não estavam de acordo com os princípios da agroecologia que eram abordados no curso; pontuaram também que alguns gêneros textuais da forma como estavam levavam a reflexões rasas e que a visualização e identidade do curso da agroecologia estivesse mais enfatizado. Foi uma reunião de avaliação da revista muito tensa para mim; no

entanto, as contribuições das professoras e do coordenador foram extremamente relevantes para a melhoria e adensamento das discussões de gênero no espaço de trabalho, nos diálogos da revista. Diante dos apontamentos, foi preciso fazer um novo calendário para realizar uma imersão no curso, participar das vivências, conversar mais com as pessoas do curso, fazer novas imagens fotográficas.

Partindo de alguns gêneros textuais da revista como a entrevista, a reportagem e a receita para sucesso profissional em agroecologia, foi finalizada a elaboração da oficina, que foi ministrada no turno matutino, conforme calendário organizado pelo coordenador em parceria com algumas professoras do curso.

No momento da oficina, havia professores e estudantes de semestres variados. As dinâmicas possibilitaram colher informações que ora atestam e substanciam as preocupações conceituais dialogadas na reunião a respeito da revista e ora revelavam novos aspectos, importantes de serem aprofundados em discussão, como, por exemplo, a “confusão” da dualidade existente entre a agroecologia e o agronegócio.

A oficina, além de ser um momento de integração com o grupo, foi sobretudo um momento de compartilhar e refletir sobre o tema, sobre a proposta da pesquisa e sobre o produto. Ao final da oficina, a avaliação foi muito positiva.

Uma percepção que ficou muito evidente vinda do grupo foi a necessidade de visibilidade do curso da agroecologia. É notório que a agroecologia tem uma relação estreita com o trabalho em um sentido ontológico e, nessa perspectiva, há a defesa da vida como um todo ao defender a agroecologia uma vez que o mercado de trabalho, na figura do agronegócio, transforma os bens naturais em recursos privados, como constata Ciavatta (1990) ao dizer que há de se considerar o trabalho na sociedade moderna e contemporânea onde a produção dos meios de existência se faz dentro do sistema capitalista. Esse se mantém e se reproduz pela apropriação privada de um tempo de exploração do trabalhador que vende sua força de trabalho ao empresário ou empregador, o detentor dos meios de produção (Ciavatta, 1990), Quando Altieri (1998) expõe que a agroecologia é o sistema que propicia uma produção preservando os recursos naturais de forma que esse processo seja culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viável, reverbera o quanto é importante o trabalho na agroecologia.

É importante relatar que, para a reformulação da revista para atender as solicitações feitas na reunião e para atender aos diálogos socializados na oficina, foi necessário um esforço enorme para não deixar que a pesquisa se inclinasse muito mais para categoria agroecologia diminuindo a categoria gênero. Ambos têm potencial importância para discussão da soberania alimentar, no entanto essa pesquisa, por ser breve, está, em si, impossibilitada de abarcar ambas na discussão densamente acadêmica como elas carecem. Na seção 5.1 e 5.2 será feita uma breve apresentação dos Produtos educacionais 1 (oficina) e 2 (revista).

5.1 PE 1 - Oficina: Provocações sobre Gênero na Agroecologia

- O que é o PE?

É uma oficina pedagógica intitulada: Provocações Sobre Gênero na Agroecologia. A oficina tem um quadro de aplicação bem delineado, com conteúdo de reflexão relevante direcionado ao tema. Foi pensada para ser aplicada a todos os estudantes do curso de agroecologia.

- Qual a sua finalidade?

Sua finalidade é contribuir com o diálogo mais interativo e reflexivo sobre o tema em estudo e suscitar reflexões sobre o tema.

- Qual a importância de aplicar esse PE na Educação Profissional e Tecnológica?

O trabalho da mulher está e sempre esteve fortemente no território rural, no entanto, invisibilizada. Para ajudar a reverter essa situação, e ajudar a promover a equidade do trabalho da mulher ao trabalho do homem no território rural, essa pesquisa propõe discutir na educação Profissional e Tecnológica a categoria gênero, agroecologia com interseccionalidade às categorias trabalho, classe e raça. Dessa forma, a oficina ao trazer atividade interativas que leve à reflexão ajuda os estudantes a dialogar sobre questões de gênero dentro da agroecologia.

- Quais bases teóricas sustentam o produto?

Para sustentar as discussões do produto revista Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças, recorreremos a autores que dialogam a categoria gênero

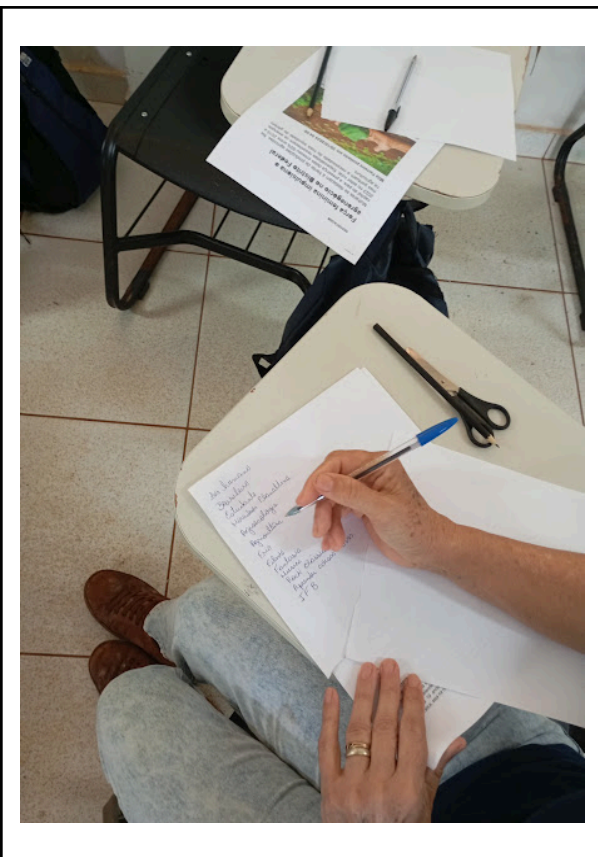
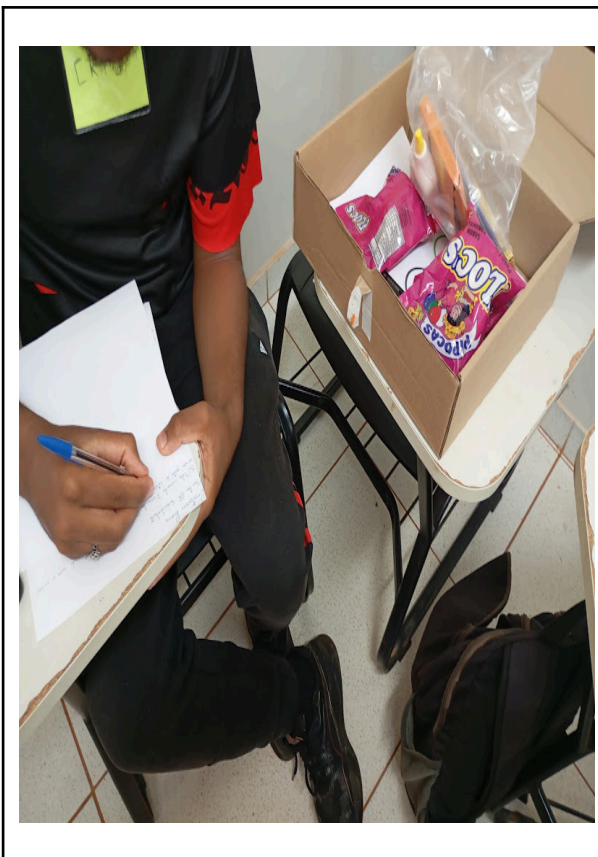
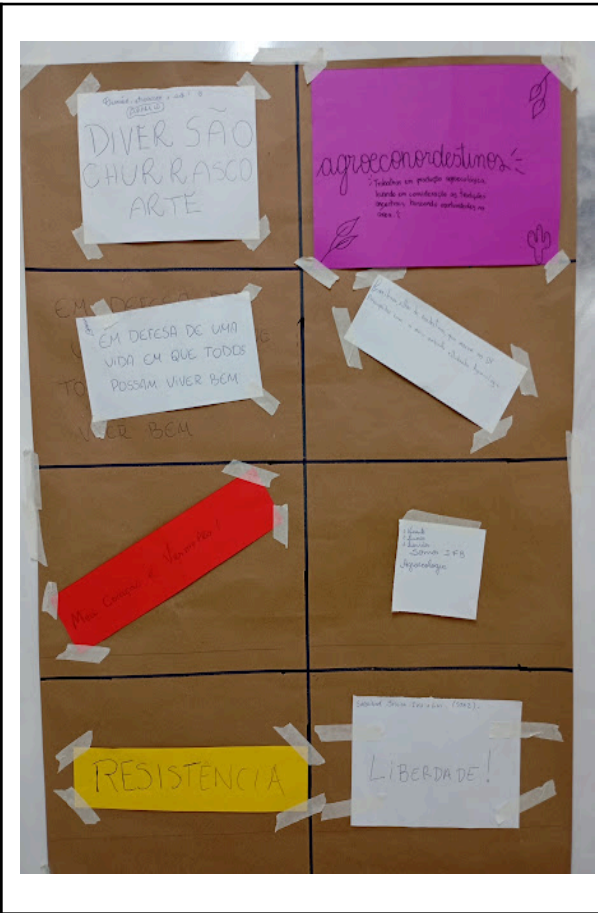
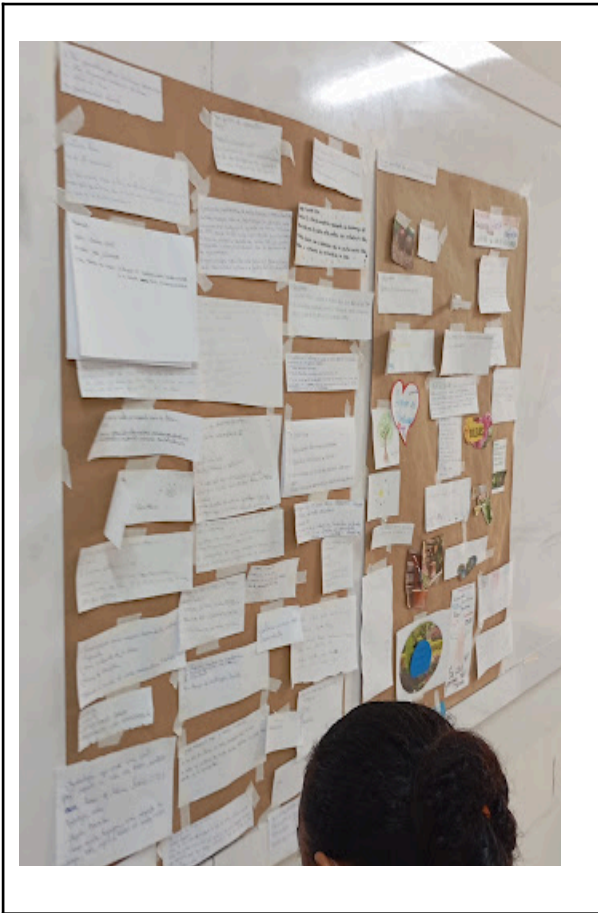




Figura 7 - Albúm de fotografias da oficina. Elaborado pela autora - 20/02/2025.

5.2 PE 2 - Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças

Essa pesquisa gerou dois Produtos Educacionais (PE) - uma oficina e uma revista. Consideramos a revista como Produto Educacional principal, por ela dar maior visibilidade às discussões de gênero, com relação ao trabalho da mulher dentro do território rural dentro da agroecologia. Para essa apresentação, será feita uma descrição baseada em perguntas e respostas.

- O que é o PE?

É uma revista intitulada: Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças, que possui conteúdo educativo relevante à reflexão. É ilustrada, apresenta diferentes tipos de linguagem com gêneros textuais variados como artigo de opinião, reportagem, entrevista, receitas, charge, resenha, informativos e seção de diversão e arte.

- Qual a sua finalidade?

Contribuir, como material didático complementar, para o fortalecimento das trabalhadoras no território rural no contexto da agroecologia. Com foco em temas como discussão nas categorias gênero, agroecologia e formação profissional, objetiva promover a discussão a respeito da igualdade de gênero; dar visibilidade ao trabalho das mulheres na agricultura e na produção de alimentos e destacar a importância do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia para o acesso das mulheres às tecnologias no trabalho rural.

- Qual a importância de aplicar esse PE na Educação Profissional e Tecnológica?

Sabendo-se que após séculos de subjugação é possível constatar que as mulheres têm buscado um espaço igualitário junto aos homens. Estudos sobre mulheres no espaço rural mostram que a atuação do trabalho das mulheres vem aumentando no campo, porém ainda é muito desigual em relação aos homens. O Censo 2017 nos permite conhecer as mulheres produtoras rurais ao fornecer informações que possibilitem mapear as questões de gênero e traçar a melhor política no sentido de equalizar as oportunidades para homens e mulheres. De acordo com o IBGE foram catalogados 5.073.324 estabelecimentos agropecuários, nesses estabelecimentos a mulher aparece em menor número de ocupação desses estabelecimentos. O trabalho da mulher está e sempre esteve fortemente no território rural, no entanto, invisibilizada. Para ajudar a reverter essa situação, e ajudar a promover a equidade do trabalho da mulher ao trabalho do homem no território rural, essa pesquisa propõe discutir na educação Profissional e Tecnológica a categoria gênero, agroecologia com interseccionalidade às categorias trabalho, classe e raça.

- Quais bases teóricas sustentam o produto?

Para sustentar as discussões do produto revista Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças, recorreremos a autores que dialogam a categoria gênero como Scott (1995), Michelle Perrot (2019), Telles (2002) e Louro (2002); quanto a categoria agroecologia recorreremos Sambuichi, et. al (2017), Altieri (1998) e Buil, at.

al (2020). Para discutir o viés interseccional do trabalho recorreremos a autores como Ciavatta (1990), Faria (2009) e Hirata (2003); e para discutir questões de cor e raça recorreremos Gonzalez (2020), Davis (2016).

- Onde o produto foi aplicado?

O PE, revista, foi aplicado no IFB - Instituto Federal de Brasília, Campus Planaltina no Curso superior de Tecnologia em Agroecologia.

Algumas imagens do PE 2 - Revista



Sumário

- 5 Artigo
- 11 Reportagem
- 16 Entrevista
- 24 Projetos
- 27 Relatos
- 30 Vamos refletir?
- 37 Sinopse do percurso do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia
- 39 Receitas
- 43 Você sabia?
- 49 Diversão e arte



Figura 8 - Imagens do PE Revista Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças. Elaborado pela autora, 2025.

O PE revista contém 48 páginas. É destinada aos estudantes do Curso Superior de Tecnologia da Agroecologia e a todos os públicos interessados pelos temas das categorias gênero e trabalho no espaço rural sob conceito agroecológico contribuindo assim, para a criação de consciência crítica de superação das desigualdades de gênero e empoderamento das trabalhadoras rurais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa *Provocações sobre gênero no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia* é um estudo de caso. O objetivo geral da pesquisa foi discutir questões de gênero nas perspectivas de trabalho de estudantes e egressas do curso de agroecologia, visando contribuir para o fortalecimento das trabalhadoras no território rural no contexto da agroecologia. Os objetivos específicos foram: i) investigar se/como o curso superior de tecnologia em agroecologia prevê, em seu projeto pedagógico, a formação de trabalhadoras em uma perspectiva emancipatória para atuar no território rural no contexto da agroecologia; ii) reconhecer a história das estudantes do curso de agroecologia que as conduziram a essa formação, bem como suas expectativas profissionais, considerando desafios e possibilidades; iii) produzir material didático complementar para o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia com o objetivo de contribuir para o fortalecimento das trabalhadoras no território rural no contexto da agroecologia.

Os dados, para esta pesquisa, foram coletados através de análise documental do PPC do Curso e através de entrevistas semiestruturadas com mulheres estudantes do curso.

Mediante análise do PPC, foi possível identificar a presença da discussão de gênero como proposta pedagógica, inclusive essa proposta somente passa a existir após a reformulação do PPC, vigente a partir de 2021. Verificou-se que ela está contemplada na seção 8 do PPC - Concepções e Princípios Pedagógicos, nele são abordados: 1. O princípio da vida; 2. O princípio da diversidade; 3. O princípio da complexidade; 4. O princípio da transformação. (IFB/Planaltina, 2019), cada um destes princípios desenvolvem outros desdobramentos mediante à realidade e o movimento contínuo de construção teórica e agroecológica do curso. Verificou-se que a categoria gênero aparece nos princípios 2 e 4. No princípio 2 ela é explicitada no terceiro e quarto ponto a ser dialogado.

É importante destacar o cruzamento entre os princípios pedagógicos, fazendo com que a discussão de gênero dialogue com diversos outros saberes e construção e refinamento do conhecimento ou produto final em processo dialético e recursivo.

Diante da análise documental do PPC, foi possível identificar a presença da categoria gênero no processo de ensino e aprendizagem na proposta do Projeto

Pedagógico do Curso. Verificou-se que ela está contemplada na área de conhecimento Sociologia Rural, no 1º semestre e no Eixo Integrador a partir do 2º semestre.

Dessa forma, evidencia-se que o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia fortalece a inclusão das mulheres no espaço de trabalho da agroecologia, sendo esse um ponto forte no curso em busca de propiciar a equidade de gênero.

Não obstante, consideramos como um ponto fraco a diversidade bibliográfica, por ser, ao nosso ver, reduzida, dada a relevância do tema; tendo em vista o número de autores que se propõe a pesquisar e escrever sobre o assunto e também tendo em vista a necessidade de propiciar a construção de conhecimentos em mulheres e homens no sentido de desconstruir conceitos/atitudes patriarcais que sempre colocaram a mulher no lugar de apagamento dentro do território rural. As diversas leituras dão conta de que a mulher sempre esteve no espaço da agroecologia, no entanto, percebe-se que é atribuído a ela o trabalho não produtivo. Ou em outras palavras, o trabalho de ajuda. Assim, pensamos que esse é um ponto com necessidade de ser fortalecido dentro da proposta do curso, em especial com o adensamento da literatura voltada à discussão sobre gênero.

As entrevistas revelaram que as estudantes possuem relação com a agroecologia, mesmo antes de entrar no curso. O que reforça o lugar de pertencimento da mulher na agroecologia. É intrigante ouvir de algumas mulheres que a sua entrada no curso, da agroecologia, foi devido ser o curso superior de mais fácil acesso para elas. Isso revela a dificuldade que a mulher rural tem em acessar instituições de ensino formal. O que nos leva a inferir que longe do acesso de aquisição de conhecimentos necessários para desenvolvimento de novas tecnologias, no espaço de trabalho rural, a mulher é colocada mais uma vez em posição de subalternidade em relação ao homem.

O trabalho no campo sempre esteve ocupado por homens e mulheres, no entanto o trabalho das mulheres rurais, durante décadas, esteve invisibilizado sob a lógica perversa de que o homem é quem detém as tecnologias de produção. Mesmo assim, para essa mesma lógica, o trabalho da mulher é indispensável. É por essa mulher estar longe dos espaços de aprendizagem formal, devido a sua carga trabalho do cuidado, é que ela recebe o status de pessoa que ajuda ou o de trabalho não produtivo. Ora, se o trabalho de alguém é o de ajudar, isso significa que toda a

responsabilidade e mérito sobre esse trabalho é do outro. No caso da mulher rural, nesse contexto, o trabalho principal recai sobre o marido, o pai e os irmãos. Essa configuração, de ideologia patriarcal e machista, pode ser considerada uma disputa de força que encontra na mulher elementos para torná-la “fraca”, elementos como a autoridade do pai, do marido, a responsabilidade na criação dos filhos e cuidados da família. Isso nos leva a pensar que a falta conhecimento e treinamento profissional faz com que as mulheres fiquem com as tarefas de menor prestígio e importância, sendo excluídas do trabalho que requer tecnologia.

Nesse sentido, o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia torna-se um canal imprescindível de acesso aos conhecimentos e profissionalização das mulheres que trabalham no campo. Trata-se da relação trabalho e educação. Além de ser um trabalho com princípio educativo que pode dar a elas, através da profissionalização, meios de acesso e desenvolvimento de tecnologias no espaço rural; maior segurança no trabalho e empoderamento, ao reconhecer e valorizar sua contribuição profissional no trabalho no campo.

Durante as entrevistas foi abordada a questão da “confusão conceitual” existente entre a agroecologia e o agronegócio. Esse ponto surgiu durante as entrevistas e também na oficina. A força do diálogo sobre o assunto revelou uma forte necessidade de discussão sobre ele. Percebeu-se o desejo do grupo em discutir o tema no sentido de que a agroecologia não seja “engolida” pelo agronegócio. Entender a principal diferença entre a agroecologia e o agronegócio é muito importante para se evitar “confusões” entre esses dois modelos de produção. Ambos se contrapõem em relação à valores, à sustentabilidade e à distribuição de renda. O agronegócio tem seu modelo em produção agroindustrial de monocultura impondo intervenções agressivas a todo ecossistema causando sua degradação, pondo em risco a saúde e a vida de todos, além de provocar a concentração de renda a uma parcela pequena da população. Já a agroecologia tem um modelo de agricultura de perspectiva de manejo ecológico do solo, baseada na biodiversidade, proporcionando o equilíbrio do ecossistema e da saúde alimentar de toda a sociedade, além de uma distribuição de renda de forma mais igualitária e justa a todos. Assim, essa pesquisa descortina a necessidade de desmistificar a “confusão” entre agronegócio e agroecologia se se pretende criar condições igualitárias de trabalho no campo. No entanto, não foi possível abarcar essa discussão dentro

desse trabalho, por necessitar de investigação mais acurada enquanto objeto de estudo.

Outro aspecto provocado por essa pesquisa foi conhecer quem são as mulheres estudantes da agroecologia, num recorte de cor e raça. Os resultados das onze entrevistas apontam que 50% mulheres se autodeclaram negras, 49% se autodeclaram pardas e 1% se autodeclara branca. Visualizar esse recorte é importante, pois a interseccionalidade de cor e raça ajuda a perceber outros aspectos da desigualdade de gênero dentro do território rural, no espaço da agroecologia. Contar a história das mulheres ajuda a identificar o território que essas mulheres ocupam, bem como, saber e conhecer as suas lutas, as suas conquistas e as suas perspectivas enquanto sujeitos que vivem no e do espaço rural. Inclusive o fato de a profissão de agroecólogo/agroecóloga não ter reconhecimento legal inviabiliza o reconhecimento e a valorização profissional em agroecologia e, nesse aspecto, a mulher se vê penalizada duas vezes em relação ao homem e, se for mulher preta, é penalizada mais uma vez. Esses aspectos ajudam a entender algumas causas da evasão no curso, especialmente pelas mulheres que veem de um contexto da invisibilidade, de ajuda e de cuidados com relação à família. Mesmo assim, elas seguem com perspectiva de se profissionalizar e trabalhar em projetos agroecológicos, orientando outros produtores nas suas produções agrícolas e, ou também trabalhando em projetos em suas próprias propriedades ou quintais.

Enfim, o percurso desta pesquisa, tanto na escrita, quanto nas visitas *in loco* permite-nos visualizar as complexidades que envolvem o tema e o quanto ele requer um olhar atento às interseccionalidades que o envolvem. Diante deste estudo, foi possível reconhecer a história dessas mulheres, através dos relatos de relação com a agroecologia, durante as entrevistas, assim como reconhecer as suas expectativas de profissionais, considerar os desafios e as possibilidades que o fato de ser mulher em um território permeado pelo machismo em desconstrução dentro do espaço da agroecologia. Além de ouvir das entrevistadas suas perspectivas, elas relataram também suas frustrações com o curso pelo fato de não haver a figura do profissional regulamentado, para que possam ter maior segurança na busca por trabalho nos mais diversos setores agrícolas.

Os capítulos desta pesquisa foram dispostos objetivando oferecer uma linha de reflexão de forma a facilitar o entendimento e não perder o foco do estudo, no

entanto reconhecemos que, em alguns momentos, o capítulo da metodologia parecia ser do referencial teórico, estes foram novamente revisados e concluiu-se que a sua densidade de informações aproximava os dois capítulos. Um aspecto assertivo deste trabalho foi a escolha dos Produtos Educacionais, eles foram pensados mediante os dizeres das estudantes nas entrevistas, também foi a parte mais desafiadora de todo o processo, entre idas e vindas, escuta ativa e imersão no curso, o cuidado para não deslocar o tema central gênero para agroecologia e ao mesmo tempo harmonizar as discussões entre eles foi o maior desafio desta pesquisa e ao mesmo tempo abriu a reflexão do quanto é importante seguir com as discussões de gênero dentro da agroecologia. E mais uma vez, reiteramos a necessidade de discutir a necessidade de dar mais densidade à literatura para discussões sobre gênero dentro do curso; discutir sobre políticas que levem a regulamentação da profissão; discutir sobre os conflitos conceituais entre agroecologia e agronegócio.

Esta pesquisa se destina a todos que se interessam pela discussão de gênero dentro do território rural no espaço da agroecologia. Sem a pretensão de exaurir o debate sobre o tema essa pesquisa finda aqui, conclamando outros pesquisadores a seguir nessa discussão.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

AMORIM, Erica Oliveira; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; PINTO, Neide Maria de Almeida. **Mulher e trabalho no meio rural: como alcançar o empoderamento**. Caderno Espaço Feminino, v. 28, n. 1, p. 195-213, 2015.

ARENDDT, Hannah. **Da Violência**. Tradutora: Maria Claudia Drummond. Publicação da Editora. 1985.

BRASIL, Decreto 7.794/12, 2012. **Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica**. Disponível em: [Decreto nº 7794](#). Acesso em: 04/03/2025.

BRASIL. IBGE - As mulheres no Censo agropecuário, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26281-mulheres-ganham-espaco-na-agropecuaria-mas-sao- apenas-19-dos-produtores> Acesso em 28/10/2024.

BRASIL. **II Plano Nacional de Reforma Agrária Paz, Produção e Qualidade de Vida no Meio Rural**. 2003. Disponível em: [II PLANO NACIONAL DE REFORMA AGRÁRIA](#) Acesso em 04/03/2025.

BRUIL, Janneke. DELVAUX, François. DIOUF, Assane. HOGAN, Rose. MILGROOM, Jessica. TETERSEN, Paulo. PRADO, Bruno e SERNEELS, Suzy. - **Agroecologia e Economia Feminista: novos valores para novos tempos**. 2020. Disponível em: [Agroecologia e Economia Feminista: novos valores para novos tempos](#) Acesso em 02/03/2025.

CARVALHO, Murilo; ROZENO, Cimone. - **MULHERES NEGRAS AGRICULTORAS: UM DEBATE INCIPIENTE** - UFScar. São Paulo, SP. 2023. disponível em: [mulheres negras agricultoras: um debate incipiente](#) Acesso em 26/03/2025.

CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

CIAVATTA F. M. A. **O trabalho como princípio educativo - Uma investigação teórico metodológica (1930-1960)**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, (Tese de Doutorado em Educação), 1990.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE GRANDI, A. B. **Relações de gênero em famílias agricultoras em Santa Catarina**. In: **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Maria Ignez S. Paulilo

e Wilson Schmidt (Orgs.). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p. 39-70. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/50188> acesso em 23/10/2023.

FARIA, Nalu. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. **Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, p. 11-28, 2009.

FLORESTA, Nísia./ **Coleção Educadores**. Constância Lima Duarte (org.), Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangarana, 2010.

GOMES, Almira Ferraz. **O outro no trabalho: Mulher e Gestão**. Rege Revista de Gestão da USP. v. 12, n.3, p. 1-9, julho/setembro 2005. São Paulo. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36522/39243> Acesso em 04 janeiro de 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino Americano**. 1ª ed. Rio de Janeiro, ed. Zahar, 2020, RJ. pg. 158 – 193.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984.

GUIMARÃES, Roberli Ribeiro; DE MESQUITA, Helena Angélica. **AGROECOLOGIA X AGRONEGÓCIO: crises e convivências**. Espaço em Revista, v. 12, n. 2, 2010.

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial** (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades) In: ARAUJO, F. G. B. HAESBAERT, R. (Org.). Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro, 2007.

IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/19878-1996-contagem2.html> Acesso em: 22/11/23.

IFB – Instituto Federal de Brasília/ Campus Planaltina. Projeto Pedagógico – Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. 2019. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20do%20Curso%20Superior%20de%20Tecnologia%20em%20Agroecologia.pdf> Acesso em 07/04/2024.

KERGOAT, Danièle; HIRATA, Helena, **Divisão social do trabalho e relações sociais de sexo**. In: **Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: desafios para as Políticas Públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003. p. 71-88.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**, Berlim, tradução: Jess Oliveira, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na Sala de Aula**. In: PRIORE, Mary Del. (org.). A História das Mulheres no Brasil, ed. Contexto/Unesp. 2002, SP. pg. 446.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão, terra livre, São Paulo, ano 18 n. 19 p. 95-112, jul./dez. 2002.

MARX, Karl. O Capital: **Crítica da Economia Política**. Volume I, Livro Primeiro, Tomo I. Nova Cultural: 1985.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. Metodologia da Pesquisa em Educação – Abordagens Qualitativas, Quantitativas e Mistas. Ed. Almedina Brasil. S.P. São Paulo, 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ProfEPT. Instituto Federal – Disponível em: <https://profept.ifes.edu.br/areadeconcentracao?start=2> Acesso em 10/03/2025.

MORENO, Saulo. **Autonomia financeira e empoderamento das mulheres rurais são prioridades para a Emater-DF**. Agência Brasília, 2024, s/p). Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2024/03/09/autonomia-financeira-e-empoderamento-das-mulheres-rurais-sao-prioridades-para-a-emater-df/> Acesso em 30/10/2024.

NICHOLSON, Linda. **Feminismo e Marx: Integrando o parentesco com o econômico**. In: BENHABIB, Seyla, CORNELL, Drucilla. Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2000.

NOSSA CAUSA. 2022. - <https://nossacausa.com/> Acesso em:12/08/2023.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza. **Mulheres na liderança, relação de gênero e empoderamento em assentamentos de reforma agrária: o caso do saco do rio preto em Minas Gerais**. Rio de Janeiro, 2006.

Paulino, Maria Ignez. **nos estudos sobre mulheres rurais**. Revista estudos feministas, Florianópolis, 2016.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Ed. Contexto, SP. 2002, p. 17.

RAMOS, Flavia Soares. **Do campo à academia, da academia ao campo: as mulheres na agroecologia**. Século XXI, v. 7, n. 1, p. 43, 2017.

Revista Veja. <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> acesso em 10/08/2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SALVARO. Giovana Ilka Jacinto. **Uma trajetória revisitada: o pioneirismo de Maria** disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/50188> Acesso em: 29/03/2025.

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa. MOURA, Iracema Ferreira de. MATTOS, Luciano Mansor de. ÁVILA, Mário Lúcio de. SPÍNOLA, Paulo Asafe Campos. SILVA, Ana

Paula Moreira da. **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil : uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável** - Brasília : Ipea, 2017.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel. 1987. pg. 112.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1995.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. 2010. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/5591> Acesso em 29/10/2024.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento**. In: CASTRO, Inácia Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊIA, Roberto Lobato. (org.). Geografia: Conceitos e Temas. 2ª ed. Ed. Bertrad Brasil, RJ. 2000, pg. 71-99.

SOUZA, Simone Maria de. **Movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST): as contradições vivenciadas na produção sem a participação das mulheres negras**. 2009.

TELLES, Norma. **Escritoras, Escritas, Escrituras**. In: PRIORE, Mary Del. (org.). A História das Mulheres no Brasil, ed. Contexto/Unesp. 2002, SP. pg. 403.

UNFPA no Brasil. 2009. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/content/unfpa-no-brasil> acesso em 29/01/2025.

ZANCHET, A; JÚNIOR, S.C.F. **Perfil contábil-administrativo dos produtos rurais e a demanda por informações contábeis**. Ciências Sociais Aplicadas em Revista, v. 6, n. 11, 2006.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL 1 - OFICINA



Planejamento–Oficina: Provoações Sobre Gênero na Agroecologia



Preparado por Anívea Araujo Costa Data: 17 de janeiro de 2025

Visão geral

Questão Norteadora	As perspectivas de trabalho das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia são impactadas por questões de gênero?
Data proposta	Dia 22/01/2025
Objetivo Geral: Dialogar sobre gênero e raça no espaço da agroecologia. ● Objetivos Específicos: -Provocar discussões a respeito da atuação da mulher na agroecologia; -Discutir a agroecologia como movimento e prática social; -Identificar os sujeitos pertencentes do espaço da agroecologia; -Levantar as percepções de relação entre estudantes, o curso de agroecologia e a atuação profissional	Área de Conhecimentos: Sociologia Rural
Metodologia/Atividades	Papel da pesquisadora /material utilizado

(duração da oficina 3h – início às 7:45 término às 11h): Recepção dos estudantes e professores.	*Recepcionar os estudantes;
-Na sala serão formados 8 grupos com aproximadamente cinco pessoas. A formação dos grupos será feita mediante cores.	*Organizar a formação dos grupos.
-Ao entrar, cada estudante será orientado a pegar o material contendo: texto reportagem “Força feminina impulsiona o agronegócio no Distrito Federal”, uma caneta e um crachá (em cores diferentes) para anotar seu nome. (10 min)	*Distribuir os materiais contendo: Caneta; crachá (em cores diferentes)
-Os estudantes serão orientados a formar grupos indicados pela cor correspondente ao seu crachá.	*Realizar a apresentação de grupo.
-Em seguida fazer a apresentação sobre mim e apresentação da pesquisa e do produto revista. E será explicado sobre a dinâmica da oficina. (3 min.)	- Dinâmica de apresentação de grupo: Cartazes representando cada grupo; caixa embalada para presente com balinhas, paçocas, pipocas.
- Realizar a dinâmica da apresentação do grupo. (10 min.)	

1ª etapa: Minha relação histórica com a agroecologia - 30 min.

Perguntas norteadoras: 1. Qual a sua relação com a agroecologia? 2. Qual o seu nome? 3. De onde você vem? Do DF, do entorno? Ou de outra localidade, qual localidade? 4. O que te trouxe ao curso de agroecologia? O que fez você chegar aqui? (Você pode responder por meio de resposta simples, por meio de algum trecho de música, por meio de poema, de desenho, por meio de recorte e colagem, entre outras formas de comunicação que você queira). EXPOSIÇÃO: espaço para colagem de respostas em papel e momento para exposição das respostas orais. (30 min.)	*Disponibilizar: Folhas brancas; canetinhas; giz de cera; lápiz de cor; tesouras; revistas para recorte; cola; fita adesiva e Espaço para colagem do material produzido.
---	--

Na reportagem, a professora da pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural da Universidade de Brasília (UnB), Janaina Diniz, destaca que, apesar de as mulheres serem minoria nos registros formais da Emater, há um trabalho invisibilizado delas no campo. “São ainda mais marginalizadas do que as que atuam em trabalhos urbanos. E elas contribuem muito para a produção no campo. Em grupos de pequenos produtores que trabalham no sistema de agricultura familiar sempre há mais presença feminina”. De acordo com ela, “A questão de gênero está sendo cada vez mais debatida no meio rural. O movimento agroecológico tem lutado não só por uma produção saudável sem agrotóxicos, mas pela igualdade de gênero entre produtores”.	
Reflexão: Dentro do seu curso, quais contribuições você vê que possa ser relacionada à última afirmação da professora Janaina Diniz? (momento de fala reflexiva – 10 min.)	
Obs: Para essa atividade, será preciso que vocês indiquem alguém como relator. A ideia é que vocês respondam as perguntas em coletivo e o relator (em outro momento) relate as respostas do grupo. (20 min).	
1 - Você acha importante dentro do IFB haver momentos para discutir sobre a atuação das mulheres no espaço de trabalho rural? Justifique esse posicionamento.	
2 - Você acha que a mulher que trabalha no campo hoje tem condições, oportunidades de acesso ao trabalho com mesmas chances de ganho salarial igual a homem? Justifique esse posicionamento.	
3 – Olhando para suas vivências e contato com atividades agroecológicas, qual a sua visão a respeito da atuação das mulheres no trabalho rural no contexto agroecológico?	
4 – Quanto ao curso da agroecologia, na sua opinião quais aspectos você considera um ponto de atenção, ou que precisa melhorar no curso de agroecologia?	
5 – A evasão é um fenômeno que envolve diversos eventos. Na sua visão quais são as causas que corroboram para a evasão de estudantes do curso?	
6 - Sabendo que entre o grupo feminino o índice de evasão é uma realidade a ser investigada, na sua opinião, especificamente a este grupo, o que corrobora para a evasão?	*Entregar uma folha com as perguntas
7 - O que você considera que poderia ser feito para diminuir o índice de evasão entre os grupos de	*Recolher as folhas

2ª etapa: Minha relação profissional com a agroecologia - 10 min.

Explicar aos estudantes que o texto entregue a eles é uma reportagem publicada pelo Correio Braziliense em outubro de 2024. Solicitar que três grupos façam a leitura de uma seção – Provocar pontos de reflexões sobre a atuação da mulher no espaço rural (abrir espaço de falas reflexivas dos estudantes). Em seguida lançar a pergunta provocativa: (15 min.) 1. Você atua ou já atuou em alguma atividade no campo? Qual ou quais atividades? 2. Se não atuou, diga o por quê? Quais motivos te impediram? E você gostaria de atuar? Se sim, em quais espaços rurais você gostaria de atuar? Registro: Pedir aos estudantes para escrever, em uma folha, e colar suas respostas no cartaz, de papel pardo, colado na parede. (10 min.)	*Disponibilizar uma folha de papel pardo fixada na parede. *disponibilizar fita adesiva para colagem das respostas.
---	--

3ª etapa: Eu e o Curso de Agroecologia - 10 min.

<p>a) homens?</p> <p>b) mulheres?</p> <p>8- Como você considera que o IFB poderia contribuir para fortalecer as mulheres para que continuem estudando e possam enquanto profissionais atuarem no trabalho agroecológico?</p> <p>9 - O seu curso proporciona momentos de discussão sobre as mulheres, as suas lutas, suas conquistas e suas dificuldades? O quanto isso impacta na sua maneira de refletir e agir sobre essa questão no sentido de contribuir para melhorias ou mudanças com relação às lutas, dificuldades e conquistas das mulheres no trabalho rural?</p> <p>10 - Neste grupo de trabalho quantas pessoas se autodeclara</p> <p>a. pardo/ parda ()</p> <p>b. preto/preta ()</p> <p>c. branco/branca ()</p> <p>d. indígena ()</p> <p>11- Este grupo de trabalho é composto por</p> <p>_____Mulheres _____homens</p> <p>12 - O curso de agroecologia proporciona momentos de discussão sobre os impactos do racismo para as mulheres não brancas que adentram o espaço de trabalho no contexto agroecológico?</p> <p>13 - Ao terminar o curso em que área cada integrante deste grupo se vê trabalhando? E por quê (descreva sucintamente)?</p> <p>Integrante 1</p> <p>Integrante 2</p> <p>Integrante 3</p> <p>Integrante 4</p> <p>Integrante 5</p>	
---	--

INTERVALO > INTERVALO > INTERVALO (20 min.) das 10h às 10h20
 *Disponibilizar lanche para 40 pessoas: 2 bolos de laranja; café; suco de acerola; chá; copos

descartáveis; guardanapo.

<p>RETORNO DO INTERVALO.....</p> <p>Neste momento solicito ao grupo que escolha duas perguntas e faça-as a outro grupo. O relator do grupo é quem irá relatar as respostas do seu grupo. OBS: cuidar para que todos os grupos tenham a oportunidade de perguntar e responder. (20 min.)</p>	<p>*Monitorar o tempo</p> <p>*Estar atenta às respostas de todos os grupos</p>
---	--

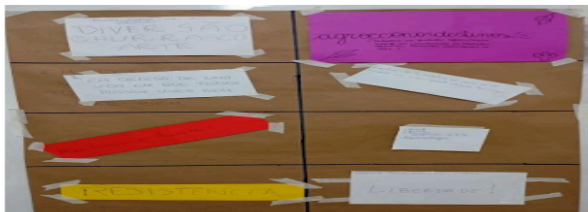
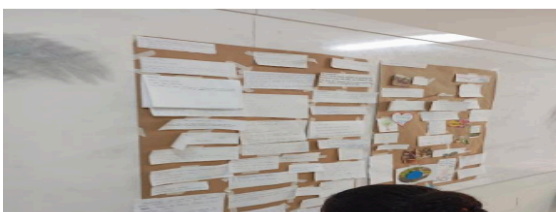
4ª ETAPA – Meu Sucesso Profissional em Agroecologia

<p>Nesse momento gostaria que na imagem de folha, vocês escrevessem em palavras ou frases curtas “para você quais ou qual seria a receita para o sucesso profissional no trabalho na agroecologia?”</p> <p>*Deixar fixado na parede um tronco de árvore em papel pardo.</p> <p>*Pedir que escreva nesta folha o que você considera receita para o sucesso profissional em agroecologia. Em seguida, cole a folha próximo ao tronco da árvore. (10 min.)</p> <p>*Solicitar que uma ou duas pessoas de cada grupo leia algumas das indicações para a RECEITA DE SUCESSO PROFISSIONAL EM AGROECOLOGIA. (10 min.)</p>	<p>*Disponibilizar cartaz com o tronco da árvore e orientar a execução da dinâmica.</p> <p>* Dinamizar a leitura das indicações para a receita de sucesso profissional em agroecologia.</p>
---	---

Finalização da oficina

<p>AVALIAÇÃO (3 min.) - Chegando ao fim das nossas atividades desta oficina e gostaria que falassem suas impressões sobre a oficina.</p> <p>*se os temas abordados na oficina fazem sentido em suas reflexões e práticas enquanto estudante do curso Superior de Tecnologias em Agroecologia.</p> <p>*se as discussões e questionamentos puderam contribuir para aprendizagem com relação a discussão de gênero na agroecologia.</p> <p>Retomada de:</p> <p>Quem sou EU.</p> <p>Qual é a minha pesquisa e objetivo da pesquisa e do produto. Agradecimento e despedida.</p>	<p>*Estar atenta à avaliação dos estudantes quanto à oficina.</p> <p>*Fazer os agradecimentos finais</p>
---	--

Fotografias da oficina



APÊNDICE B – PRODUTO EDUCACIONAL 2 - REVISTA

Fotografias das páginas do PE Revista.



Expediente

Elaboração

Anívea Araujo Costa

Orientação e revisão

Profa. Dra. Veruska Ribeiro Machado

Diagramação e capa

Guilherme Carvalho Rodrigues

Fotografias

Mileny Justo

Essa revista foi criada com recursos disponíveis no www.freepik.com e também com imagens de estudantes do Curso Superior em Tecnologia da Agroecologia, obedecendo aos critérios de autorização para utilização de imagem e direitos autorais.



Sumário

- 5 Artigo
- 11 Reportagem
- 16 Entrevista
- 23 Projetos
- 26 Relatos
- 29 Vamos Refletir?
- 35 Sinopse do percurso do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia
- 37 Você Sabia?
- 41 Receitas, Diversão e Arte

Apresentação

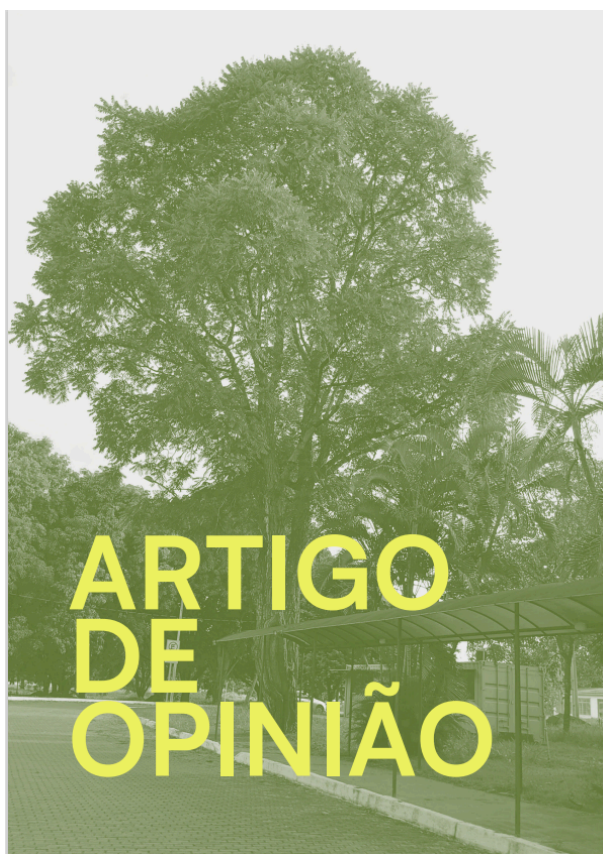
Esta revista é um produto educacional gerada como parte integrante dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica do curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília. Foi escrita pela professora e mestranda em Educação Profissional e Tecnológica Anívea Araujo Costa com a orientação da professora Dra. Veruska Ribeiro Machado.

Contribuir para o enfrentamento e superação para a promoção da equidade de gênero é necessário para a garantia de acesso aos direitos e espaços historicamente negados às mulheres rurais. Assim, com foco em temas como discussão nas categorias gênero, agroecologia e formação profissional, a revista Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças propõem discussões a partir da percepção das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. Os principais objetivos da revista são:

- a) Promover a discussão a respeito da igualdade de gênero.
- b) Dar visibilidade ao trabalho das mulheres na agricultura e na produção de alimentos.
- c) Destacar a importância do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia para o acesso das mulheres às tecnologias no trabalho rural.

A revista possui conteúdo educativo relevante à reflexão. É ilustrada, apresenta diferentes tipos de linguagem com gêneros textuais variados como artigo de opinião, reportagem, entrevista, receitas, charge, resenha, informativos e seção de diversão e arte. A revista Agroecologia: Mulheres pela Terra - alimentando mudanças é destinada aos estudantes do Curso Superior de Tecnologia da Agroecologia e a todos os públicos interessados pelos temas das categorias gênero e trabalho no espaço rural sob conceito agroecológico contribuindo assim, para a criação de consciência crítica de superação das desigualdades de gênero e empoderamento das trabalhadoras rurais.

4



Formação profissional de mulheres na agroecologia: valorização do trabalho no campo

O Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia confere às mulheres uma formação profissional que contribui com a construção da cidadania feminina das mulheres rurais ajudando a desenvolver a autonomia e empoderamento das mulheres no trabalho rural.

Anívea Araujo Costa

A importância da formação profissional de mulheres na agroecologia

O conceito de agroecologia é entendido por alguns teóricos como um conjunto de disciplinas científicas por meio das quais é possível atuar sobre o agroecossistema, de forma a permitir a implantação de estilos de agricultura com maior nível de sustentabilidade. (Siliprandi, 2009). Altieri (1998) propõe a Agroecologia como a ciência capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, avaliando as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social, econômica e ecológica. Para ele o objetivo maior da agricultura sustentável é a manutenção da produtividade agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais e com retornos econômicos e financeiros adequados atendendo às necessidades sociais das populações rurais. (Ministério da Educação - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - Instituto Federal de Brasília - Campus Planaltina, 2011).

O trabalho no campo sempre esteve ocupado por homens e mulheres, no entanto o trabalho das mulheres rurais durante décadas, esteve invisibilizado sob a lógica perversa de que o homem é quem detém as tecnologias de produção. Mesmo assim, para essa mesma lógica o trabalho da mulher era indispensável, contudo, é atribuído ao trabalho da mulher o status de "ajuda" (Ramos, 2017, p.53), nesse sentido, Heleieth Saffioti (1987, p. 15) afirma que "[...] sempre que a atividade de alguém se configurar como ajuda, [significa que] a responsabilidade é do outro". Essa configuração, de ideologias patriarcal e machista, pode ser considerada uma disputa de força que encontra na mulher elementos para torná-la "Trisca", elementos como a autoridade do pai, do marido, a responsabilidade na criação dos filhos e cuidados da família. Somando-se a tudo isso está a impossibilidade, ou dificuldades da mulher acesso ao estudo, como aponta Alessandra De Grandi (2003, p. 41), "a falta de conhecimento e treinamento faz com que as mulheres fiquem com as tarefas de menor prestígio e importância, sendo sempre excluídas, portanto, do trabalho que requer tecnologia".

6



Nesse sentido o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia pode torna-se um canal imprescindível de acesso aos conhecimentos e profissionalização das mulheres que trabalham no espaço rural, o que pode dar a elas, através da profissionalização, meios de acesso e desenvolvimento de tecnologias, maior segurança no trabalho e empoderamento ao reconhecer e valorizar sua contribuição profissional no trabalho no campo.

A valorização e apoio ao trabalho das mulheres é premissa imprescindível para efetivação da cidadania e desenvolvimento do empoderamento das mulheres rurais. De acordo com a Emater-DF (2024) a necessidade de colocar a mulher rural num local de autonomia financeira e empoderamento, tem norteado as atividades de assistência técnica e extensão rural (Ater) e as parcerias com instituições públicas, como a Secretaria da Mulher (SMDF) e o Tribunal de Justiça do DF e Territórios (TJDF). (Agência Brasília- Saulo Moreno, 2024).

Por se tratar de um tema que visa a desconstrução patriarcal do sistema social, há uma complexidade nas soluções imbricadas entre si, que não podem ser ignoradas. Dessa forma, é imprescindível discussões e ações de diversas instituições e setores da sociedade. De acordo com Oliveira (2006) para que haja mudanças em favor das mulheres é necessário lutar pelo equilíbrio de poder em âmbitos diferentes na família, na comunidade, no mercado de trabalho e em vários níveis da organização do Estado.

Para a autora a "natureza complexa e ampla destes obstáculos que concede à luta para superá-los um potencial transformador." (Oliveira, 2006, p. 39). Para isso é necessário fomentar diálogos intensos que culminem em ações, promover novas discussões sobre seus resultados e projetar soluções. Em pesquisa realizada com estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Distrito Federal, as mulheres/estudantes elencaram uma série de desafios a serem superados, como a questão da evasão das mulheres do curso, em razão de questões como: questões domésticas, questões relativas à mobilidade, à concepção sexista do trabalho rural, enfrentadas por elas, entre outras questões.

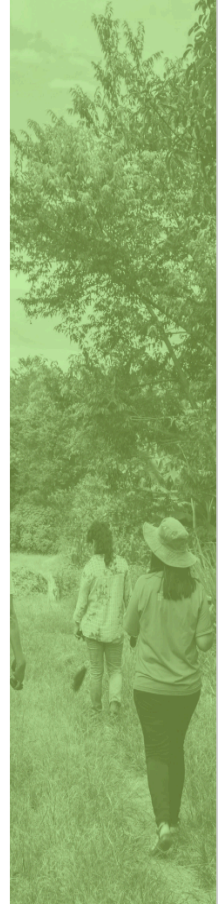
7

"Lembro-me de uma vez esboçar interesse pelo curso de agronomia e o coordenador do curso perguntar qual era a minha idade. Quando eu disse que eu tinha 42 para 43 anos, ele foi categórico ao dizer que aquele curso não era para mim, alegando que por eu ter aquela idade e por ser mulher o mercado de trabalho não iria me dar oportunidade de emprego. E o pior é que aquele coordenador estava certo." (estudante do curso em agroecologia, 2024).

"[...] ainda há aquela imagem de que a agricultura é voltada para o homem. Então a mulher é muito vista com incapacidade para a maioria do serviço, enquanto o homem não é visto dessa maneira. Eu vejo que é muito mais fácil um agrônomo encontrar um emprego do que uma agrônoma." (estudante do curso em agroecologia, 2024).

Mesmo diante das diversas ações de diversas entidades e do Estado para colocar a mulher num local de autonomia financeira e empoderamento, ainda persiste o pensamento de desprestígio do trabalho da mulher no espaço rural. Essa desconstrução é um desafio contínuo. A Emater-DF aponta dados que evidenciam expressividade do trabalho da mulher no campo. O que a coloca num lugar de mais proximidade de equidade em relação ao homem. No entanto, ainda há muito a ser corrigido, visto que para o número de 7.341 produtoras rurais em todo o DF, dessas, em 2023, 5.554 mulheres foram atendidas por meio de Ater, que correspondem a 38,2% de todo o público atendido. Além disso, existem 16.497 propriedades cadastradas, sendo que desse total 5.379 propriedades têm mulheres como proprietárias ou coproprietárias. (Agência Brasília- Saulo Moreno, 2024). Os números revelam o tamanho do desafio para equiparar as condições de trabalho da mulher ao do homem no espaço rural no Distrito Federal. Certamente os esforços dos diversos âmbitos das esferas sociais têm sido o " potencial transformador" (Oliveira, 2006, p. 39). Importante ressaltar que o objetivo 5 do ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - Agenda 2030 é alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

8



Para isso foram elencadas nove ações, entre elas estão a de aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres e adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis. Considerando a complexidade das relações de gênero tanto nos espaços rurais quanto nos espaços urbanos e reconhecendo a necessidade de ações sustentadas em legislação, o Instituto Federal de Brasília - IFB, elaborou a Resolução nº 35/2023 que institucionaliza os Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual (Nugedix) e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias de Brasília - IFB, (IFB, Resolução 35/2023 CS/RIFB/IF). Trata-se do fortalecimento das discussões de gênero dentro dessas instituições de ensino que certamente provocará reflexões aos estudantes e contribuirá para o sentimento de empoderamento das mulheres e meninas estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, assim como nos demais cursos.

Em declaração à Agência Brasília (2024), a diretora-executiva da Emater-DF, Loiselene Trindade declara que muito tem sido feito para levar autonomia e desenvolvimento às mulheres rurais, como prioriza-las nas políticas públicas de compras governamentais e na concessão dos documentos de posse das terras. Para a diretora-executiva, isso reflete diretamente no empoderamento dessas mulheres, que precisam ser qualificadas e capacitadas para que se desenvolvam e se reconheçam diante desse empoderamento. Nesse sentido, entendemos que o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia contribui significativamente tanto para o empoderamento das mulheres, ao se especializarem para o trabalho no espaço rural, quanto para as mulheres intensificarem a promoção da soberania alimentar nas comunidades em que as mulheres estão inseridas. São lutas e conquistas que precisam ser entendidas por todos. Assim como relata a diretora-executiva da Emater-DF.

No entanto, ainda existem desafios que precisam ser vencidos. A Emater-DF tem feito diversos trabalhos, como empreendedorismo, sessões de conversa e integração para que as mulheres se reconheçam nesse papel e essa é uma preocupação constante que precisamos ter. Outra questão não menos importante é violência contra a mulher, física, moral, psicológica e patrimonial, que é urgente combater. (Moreno - Agência Brasília, 2024, s/p).



No entanto, a discussão de gênero no espaço rural é uma complexidade que vai além da discussão do trabalho ou da formação profissional em ciências agroecológicas, é necessário, que a questão da violência contra a mulher seja discutida no intuito de buscar mecanismos que resolvam o problema. Loiselene Trindade, acrescenta que as parcerias com a SMDF e com o TJDF servem para levar conhecimento e oportunidade para essas mulheres, visando combater definitivamente a violência no campo contra as mulheres e meninas rurais. Na sua concepção "diferente das mulheres urbanas, as mulheres do campo têm dificuldades de fazerem as notificações de violência e por essa razão precisam ser ouvidas" (Moreno - Agência Brasília, 2024, sp).

Diante disso, é pertinente inferir que o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia confere às mulheres do curso uma formação profissional que contribui com a construção da cidadania feminina das mulheres rurais no sentido de desenvolver nelas o empoderamento, possibilitando que fiquem mais fortalecidas e principalmente, para que saiam cada vez mais da invisibilidade, de onde estiveram por décadas, fazendo com que elas mesmas e também a sociedade as reconheçam como agentes imprescindíveis para soberania alimentar de suas comunidades num processo de sustentabilidade na proposta agroecológica. Logo, é fundamental que as ações de entidades estatais, privadas e os meios de comunicação intensifiquem os diálogos sobre os diversos aspectos sobre o trabalho da mulher no campo objetivando propostas de ações que resolvam o problema das desigualdades entre gêneros no campo.

REFERÊNCIA

ALTERI, M. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 5ª Ed. Porto Alegre, UFRGS, 2009.

BRASIL. IBGE - *As mulheres no Censo agropecuario*. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2022-agencia-de-noticias/historias/25281-mulheres-ganham-espaco-na-agropecuaria-mas-sao-aperas-19-dos-produtores> Acesso em 28/10/2024.

DE GRANDI, A. B. *Relações de gênero em famílias agricultoras em Santa Catarina*. In: *Agricultura e espaço rural em Santa Catarina*. Maria Ignez S. Paulo e Wilson Schmidt (Orgs.). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003, p. 39-70.

IFB. Resolução 35/2023 CS/RIFB/IFB BRASÍLIA, 2023. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/institucional/33357> Acesso em: 18/05/2024.

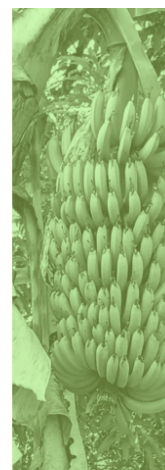
LO SARDO, Paola Maia; FIGUEIREDO, Rodolfo Antônio de. *A construção do campo da agroecologia e sua relação com o desenvolvimento rural*. *Revista Interacional Interdisciplinar - RITE* (Belo Horizonte, v. 12, n. 1, junho, 2016). <http://dx.doi.org/10.5007/1987-1384.2015v12n1p337> Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2015v12n1p337/29668>

MORENO, Saulo. *Autonomia financeira e empoderamento das mulheres rurais são prioridades para a Emater-DF*. Agência Brasília, 2024, s/p. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2024/03/09/autonomia-financeira-e-empoderamento-das-mulheres-rurais-sao-prioridades-para-a-emater-df/> Acesso em 30/10/2024.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza. *Mulheres na liderança, relação de gênero e empoderamento em assentamentos de reforma agrária: o caso do saco do rio preto em Minas Gerais*. Rio de Janeiro, 2006.

RAMOS, Flávia Soares. *Do campo à academia, da academia ao campo: as mulheres na agroecologia*. Século XXI, v. 7, n. 1, p. 43, 2017.

SILBRANDI, Emma. *Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar*. 2010. Disponível em: <http://www.reaip.unb.br/ppui/handle/10482/5591> Acesso em 29/10/2024.



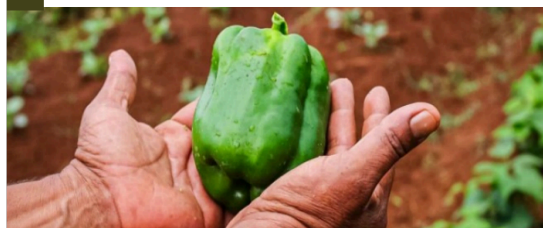
Entendendo a principal diferença entre a agroecologia e o agronegócio

A força da agroecologia impulsiona e fortalece resistência de pequenos produtores frente ao crescimento devastador do agronegócio. Entender a principal diferença entre a agroecologia e o agronegócio é muito importante para se evitar confusões entre esses dois modelos de produção agrícola. Ambos se contrapõem em relação à valores, à sustentabilidade e à distribuição de renda. O agronegócio tem seu modelo em produção agroindustrial de monocultura impondo intervenções agressivas a todo ecossistema causando sua degradação, pondo em risco a saúde e a vida de todos, além de provocar a concentração de renda a uma parcela pequena da população. Já a agroecologia tem um modelo de agricultura de perspectiva de manejo ecológico do solo, baseada na biodiversidade, proporcionando o equilíbrio do ecossistema e da saúde alimentar de toda a sociedade, além de uma distribuição de renda de forma mais igualitária e justa a todos. Entender essas diferenças ajuda a evitar confusões como a que é vista na reportagem a seguir, em que o título apela para o agronegócio e seu conteúdo, todo ele, está voltado para a agroecologia. Confira na reportagem a seguir.

Força feminina impulsiona o agronegócio no Distrito Federal

Mulheres se destacam à frente de produções agrícolas. Na capital do país, a presença delas cresceu 60% entre 2019 e 2023 no setor rural. Especialistas reconhecem os avanços, mas pontuam a necessidade de mais equidade de gênero na agricultura.

Fonte: Correio Braziliense - Mía Ferreira postado em 20/10/2024



As agricultoras participam de todo o processo de produção, inclusive da colheita. - (crédito: Kayo Magalhães/CBDA Press)

Há um forte protagonismo das mulheres no campo no Distrito Federal. Segundo a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF), entre 2019 e 2023, houve um aumento de 60% no número de mulheres envolvidas com atividades agropecuárias na capital do país. Elas atuam em diversas cadeias produtivas, como bovinocultura, floricultura, oleicultura, agricultura orgânica e também atividades não agrícolas, como artesanato, turismo rural e agroindústria.

Um exemplo é a produtora rural Tânia Aguiar, 52 anos, que trabalha há oito anos com sistemas agroflorestais, na linha de frente de sua produção de hortaliças e hortifrutí no assentamento Canaã, em Brazlândia. "É fundamental que a mulher tenha liberdade para buscar sustento e qualidade de vida para sua família, seja em qual área for", defende. "Aqui na propriedade, conto com a ajuda do meu filho Emerson Victor, de 19 anos, mas estou à frente em todos os aspectos, seja na parte burocrática,

seja na roça colocando a mão na massa", acrescenta.

Tânia trabalha no sistema de agricultura familiar, quando a produção usa a mão de obra da própria família e a condução do empreendimento é realizada por integrantes do mesmo núcleo. Além de comercializar os produtos semanalmente, em feiras no Plano Piloto, a produtora rural faz parte da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) Paulo Freire, um movimento mundial que reúne agricultores e consumidores para trabalhar em conjunto na produção e distribuição de alimentos orgânicos e agroecológicos. A distribuição dos produtos orgânicos é feita diretamente entre agricultores locais e consumidores. As duas partes dividem responsabilidades, riscos e benefícios da produção agrícola. As famílias que fazem parte da comunidade oferecem um valor mensal para cobrir o custo de produção e recebem mensalmente o que é produzido.



Fátima está à frente da própria produção rural, no núcleo rural do Pipiripau



Tânia Aguiar cultiva hortaliças no assentamento Canaã, em Brazlândia: "Coloco a mão na massa"

13

REPORTAGEM

Outra agricultora que também trabalha com o sistema de CSA é Fátima Cabral, 65 anos, produtora rural há 22 anos no núcleo rural do Pipiripau. Ela faz parte da CSA Pe na Terra, que reúne produtores de Brasília e Formosa. Fátima cultiva frutas, verduras, legumes, temperos, riosos, entre outras, e observa que, de alguma forma, as mulheres estão presentes em todas as produções rurais. "No meu caso, eu estou à frente, cuido da terra, do solo, da água e da produção como um todo. Mas, sem as mulheres, não há produção no campo", afirma. "É bem desafiador, assim como muitos segmentos, mas vale a pena. Na minha propriedade, tenho apoio do meu filho, nora e três colaboradores", completa a agricultora.

Extensionista rural da Emater-DF, Selma Tavares explica que o órgão desenvolve atividades voltadas à mulher no campo. "Nós buscamos, especialmente, dar autonomia a elas, priorizando-as nas políticas públicas de compras governamentais e fomentos. Temos um atendimento global e o que se vê é o crescimento da atuação delas no campo", enfatiza. "No DF, vemos um crescimento na área da floricultura e agricultura orgânica. Elas estão se tornando mais visíveis nessa área. Ainda existem muitos desafios a serem vencidos, principalmente na questão social. Políticas públicas inclusivas também precisam de avanços", pondera.

Desigualdade

Pesquisa nacional mostra que 64% das mulheres entrevistadas ainda enxergam a desigualdade de gênero presente no agronegócio. O levantamento, feito pelo movimento Agrômidas em parceria com a Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), mostra ainda que 79% das mulheres acreditam que a situação está melhor do que há dez anos. Das mulheres ouvidas na pesquisa, 80% acredita que é preciso mais apoio às mulheres que sofrem com desigualdade de gênero no agro.

No Distrito Federal, das cerca de 18 mil propriedades rurais atendidas pela Emater-DF, 5.384 estão registradas em nome de mulheres, como proprietárias ou coproprietárias. Entre os

29.755 cadastros de produtores e trabalhadores rurais, 9.399 pertencem a mulheres envolvidas na produção e no trabalho no campo.

Professora da pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural da Universidade de Brasília (UnB), Janaina Diniz, destaca que, apesar de as mulheres serem minoria nos registros formais da Emater, há um trabalho invisibilizado delas no campo. "São ainda mais marginalizadas do que as que atuam em trabalhos urbanos. E elas contribuem muito para a produção no campo. Em grupos de pequenos produtores que trabalham no sistema de agricultura familiar sempre há mais presença feminina", observa. "A questão de gênero está sendo cada vez mais debatida no meio rural. O movimento agroecológico tem levado não só por uma produção saudável sem agrotóxicos, mas pela igualdade de gênero entre produtores", ressalta.

Janaina enalteceu ainda o trabalho do assentamento 8 de março, existente há 12 anos às margens da BR 020, em Planaltina, e liderado exclusivamente por mulheres. Elas lutam contra a grilagem, a especulação imobiliária, a monocultura e o uso de agrotóxicos. A especialista destaca ainda o trabalho da Articulação Nacional de Agroecologia, que instituiu a caderneta agroecológica para mulheres rurais, um instrumento de auxílio às mulheres nas produções rurais. "É uma ferramenta importante. A iniciativa começou no Nordeste, mas já usamos por aqui", salienta.

A caderneta agroecológica é um instrumento simplificado para dimensionar a produção das mulheres, sistematizando os resultados econômicos, monetários e não monetários, do trabalho das agricultoras familiares e camponesas. Na caderneta, é registrado tudo o que cada produtora consumiu, doou ou vendeu. Desta forma, elas conseguem mensurar melhor o resultado do trabalho e o quanto a produção tem rendido.

14



16

ENTREVISTA



De acordo com Rafael Zavala (2022), representante da FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) no Brasil, a mulher rural desempenha um papel fundamental na alimentação do Brasil, contribuindo significativamente para a produção, processamento e comercialização de alimentos, e também desempenha um importante papel na preservação da biodiversidade, garantindo a soberania e a segurança alimentar a partir da produção de alimentos saudáveis. Para ele, enquanto a mulher é considerada peça-chave para o alcance de muitos dos ODS (Objetivo de desenvolvimento Sustentável) da Agenda 2030, ela representa também a parte mais afetada por muitos dos problemas discutidos neste marco. Assim, discutir os problemas que atingem as mulheres é também discutir os problemas que atingem a sociedade. Diante disso, o foco dessa seção está em mostrar como as estudantes estabelecem relação com a agroecologia e o mundo do trabalho. Foram feitas entrevistas com onze estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, sendo nove ainda ingressas e duas egressas, com o objetivo de "visualizar" as vozes das estudantes no sentido de perceber sob o seu ponto de vista quais implicações de gênero nas auto perspectivas de trabalho elas esboçam. Saber também das suas conquistas e dos desafios a serem superados; saber a cor e raça das estudantes desse espaço. Importante ressaltar que nessa seção serão explicitados trechos das entrevistas de quatro estudantes (Susan Wendy D. Montalván; Laisa de L. Batista; Heloisa S. Ferreira e a estudante egressa desde 2014 Maria da Conceição Oliveira/Ceica) os resultados contendo a totalidade das entrevistas de todas as entrevistadas estão contempladas no trabalho final de conclusão de curso do qual esse produto, revista, partiu.

O papel da mulher na segurança alimentar. Disponível em: <http://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/agrop-2013-o-papel-da-mulher-na-seguranca-alimentar/> Acesso: 20/10/24.

17

ENTREVISTA

Trecho da entrevista com a estudante Susan Wendy:

O que te chamou a atenção para fazer o Curso Superior de tecnologia em Agroecologia?

Eu estava interessada no curso de poda de plantas, então vim até o IFB para saber sobre o curso e na ocasião fui apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. Conheci a proposta do curso, do manejo das plantas sem agrotóxico, e aí eu achei interessante, porque o mundo está precisando disso, aí eu decidi que ia aprender mais sobre isso.

Quando você terminar o curso em que área você pretende trabalhar? E por quê?

Eu quero trabalhar mais na área da política. Política para proteção da água, devido a questão do uso de agrotóxico. Como já sou formada em direito também, eu quero associar os dois cursos. Estamos precisando de pessoas para defender as causas da natureza. No meu primeiro dia de aula estava acontecendo uma discussão sobre temas voltados ao feminismo, a galera era muito combativa, de início eu assustei, mas depois fui entendendo... Diante das várias discussões posteriores, eu percebi que parece que antes eu não sabia nada, que eu vivia numa casinha, e foi aqui no IFB que essa casinha foi se abrindo e agora eu falo, eu defendo mesmo quando eu acredito em alguma pauta. É preciso proteger a água e preciso fomentar o não uso de agrotóxicos.

Você se autodeclara negra, parda, branca ou indígena?

parda

18



Trecho da entrevista com a estudante Laiza:

Como você se autodeclara? Indígena, parda, preta, branca.

Me autodeclaro parda.

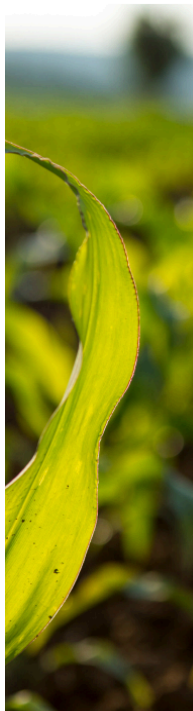
Qual é a sua relação com a agroecologia?

Tudo começou através do acampamento onde eu moro, de onde eu faço parte, eu vi a necessidade de começar aliás, de aprender, de produzir na terra, eu via meus vizinhos plantando e colhendo, eu achava isso bacana, porém eu plantava e as plantinhas não iam muito bem. Percebi que eu precisava aprender algumas técnicas de plantio. Aí eu vim para o IFB da Planaltina, primeiro eu entrei no curso de agropecuária porque no tempo que eu vim não tinha vaga agroecologia. Aí depois de um tempo eu saí do curso de agropecuária e migrei para agroecologia. Eu vejo a minha relação com a agroecologia como é... é... ela dá a capacidade da gente poder aprender produzir um alimento saudável, recuperar o meio ambiente que em muitos lugares está degradado é assim que eu vejo. Minha relação com a agroecologia é total no que penso para minha vida.

Percebe-se haver uma confusão entre a agroecologia e o agronegócio. Você tem essa percepção? O que você pensa sobre essa confusão?

Total, rola muito essa confusão. Ao meu ver essa confusão gera uma depreciação ao curso da agroecologia. A agroecologia justamente por ser um curso novo na área de mercado, que ainda está estabilizando, estabelecendo. Mas a gente está avançando. Então, eu vejo que que rola sim de fato essa confusão. Eu mesma no semestre passado... eu estava um pouco perdida, assim em saber sobre o que é mesmo a agroecologia. É sobre o que eu posso responder quando alguém me perguntar o que é agroecologia. Porque se eu estou estudando agroecologia o mesmo que pode acontecer é eu saber responder para qualquer um, o que é a agroecologia. Eu vejo que a agroecologia surgiu, aliás, quero dizer que ela já existia há muito tempo, só que ela foi se perdendo ao longo do caminho na ambição comercial de produzir em larga escala, de tirar da terra os nutrientes e deixar o solo como banco para plantar e colher soja, exportar para vender por dólar. Então eu vejo que a agroecologia é uma forma orgânica, inteligente, humanizada, respeitosa, que os nossos antepassados já tinham há muito tempo. Essa é a diferença e essa confusão precisa ser esclarecida.

19



Quando você terminar o curso em que área você pretende trabalhar? Por que você escolhe essa área?

Pretendo trabalhar com a recuperação das áreas degradadas através do reflorestamento, é isso que faz os meus olhos brilharem. Uma vez uma vez eu vi numa reportagem que o desmatamento aqui no cerrado, por conta da produção de soja e milho, estava baixando a oferta de alimentos nativos para as comunidades quilombolas e para os animais do cerrado. Inclusive hoje eu estou desenvolvendo um projeto de pesquisa com uma professora, no sistema reflorestada daqui da agroecologia, onde o meu foco é trabalhar com bioinsumos para observar o desenvolvimento das espécies nativas que produzem frutos. Essa curiosidade toda surgiu porque uma vez eu fiz uma prática com microrganismos, fiz uma solução e apliquei em uma árvore nativa que tenho lá em casa, que é a cagaíta. Por ela ser do cerrado o processo de desenvolvimento dela é muito devagar. Depois que eu fiz essa aplicação de bioinsumo, em 2 anos ela ganhou uns 3 metros. Isso me interessa muito, porque é um adubo natural. Você só vai estar dando mais condições para os microrganismos trabalharem mais rapidamente no crescimento da planta. Isso pode ajudar a aumentar a oferta de alimentos para comunidades quilombolas e também para os animais. Eu fiquei muito interessada em ajudar a acelerar o crescimento de plantas utilizando um processo que não agride o meio ambiente. Depois disso eu fui buscar por pesquisas sobre insumos que desenvolvem a agrofloresta e encontrei alguns artigos, interessante que eu cheguei a esses resultados antes da leitura desses artigos. Eu estou muito interessada em seguir com essa pesquisa e quero ganhar dinheiro com isso, trabalhar com esse tipo de projeto.

20

Trecho da entrevista com a estudante Heloisa:

Qual a sua relação com o meio rural?

Quando eu tinha 3 anos meus pais compraram uma chácara, então eu meio que cresci já no meio rural. Estudei no Jardim Botânico da primeira à quarta série. Acredito que sempre foi nossa orientação. Comecei a fazer trilhas, gostava de cachoeiras, então acho que meio que sempre tive essa relação bacana com o espaço rural.

Como você se autodeclara? Indígena, parda, preta, branca.

Me considero uma mulher preta.

O seu curso te proporciona momentos de discussão sobre as mulheres, suas lutas, suas conquistas e suas dificuldades?

Sim, com certeza. É uma coisa importante, porque quando eu estava estudando em uma outra instituição, a gente não tinha tantos espaços de debater, de ter um reconhecimento da mulher preta dentro do mercado de trabalho, e isso, faz total diferença, os debates me ajudaram muito, até para poder falar melhor, desenvolver meus pensamentos, esses espaços me ajudaram muito.

Como você considera que o IFB poderia contribuir para para fortalecer-la como profissional da agroecologia?

Lá no nosso curso tem os professores que sempre procuram nos inserir em projetos e eu acho que isso faz toda diferença na nossa experiência profissional, porque não é só teoria, a gente também tem essa oportunidade de vivenciar na prática e estar recebendo e desenvolvendo conhecimentos.

21

Dessa forma a gente já pega mais experiência profissional e quando chegar lá na frente conseguir abrir caminhos, pelas experiências que os professores nos proporcionaram.

Você acha que a mulher que trabalha no campo, hoje, tem condições de trabalho e oportunidade de ganho salarial igual ao homem? O que ela leva você a pensar dessa maneira?

Infortunadamente não né, a gente vê aqui a nossa sociedade que é machista estruturalmente, para nós mulheres é importante ter conhecimento, ter os cuidados com a Terra. Eu acho muito importante a luta. Precisamos estar ali para vencer e tornar a sociedade igualitária.

Quando você concluir o Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia, em que área você pretende trabalhar? Por que você escolhe essa área?

Minha família tem uma chácara. Quero continuar investindo na chácara, eu quero transformar ela numa agrofloresta, eu e minha mãe, a gente conversa muito sobre isso, sobre estar implementando e revitalizando sem produtos químicos, sem agrotóxicos e crescer esse espaço também, tenho muito interesse em fazer alguns projetos de reflorestamento que são super importantes nesse meio que a gente vive, visto que, os grandes latifundiários só pensam em plantar soja, então é necessário a gente ter esse espaço. Eu, também, quero visitar as comunidades ao redor, pra gente ter maiores conhecimentos. Eu, também... estou trabalhando em um projeto de plantas medicinais, porque gosto muito de tudo isso.

Trecho da entrevista com a estudante agressa Ceica:

Você acha importante discutir questões sobre as mulheres no espaço de trabalho?

Muito importante, em alguns segmentos a mulher fica segregada. Não é o caso da agroecologia, lá a mulher faz parte dessa construção.

Você acha que a mulher que trabalha no campo, hoje, tem as mesmas oportunidades de ganho salarial e oportunidades que o homem?

De jeito nenhum, nunca vi na vida, e uma exploração de milênios em que os homens às vezes se apropriam do trabalho, do produto do trabalho, do fruto do trabalho de uma mulher e eles que levam a fama. Lá na roça em todo DF está cheio de mulheres que cuidam da casa, dos filhos, da produção agrícola, produzindo e tal e às vezes o marido vai vender lá na rua, todo bonito... e todo mundo achando que são eles que estão produzindo e eles estão ali ajudando a comercializar, e ajudando a produzir também, só que a mulher fica sempre numa posição de ajudadora difícilmente ela recebe o protagonismo, ela quase nunca aparece.

O curso te proporcionou momentos de discussão sobre o impacto do racismo no trabalho da mulher?

A nossa turma, a primeira turma do curso, era bem diversa, então surgiram diversos debates, da minha parte eu acho que o grupo agregava todo mundo independente de cor, raça e credo. O curso foi muito enriquecedor porque tinha espaço de discussão, mas tinha também unidade, amizade.

Quando você estava no curso, quais eram as suas expectativas profissionais?

A expectativa no curso foi maior que as vantagens, tem muito agroecólogo desempregado, a profissão não tem reconhecimento, tem muitas barreiras, são organizações que não querem que a agroecologia vá pra frente, ficam "melando" as propostas da agroecologia, é muita fábula, se fala de agroecologia mas não se contrata agroecólogos. Então a gente cria expectativa de emprego, trabalho e não é bem assim e acontece. A gente cria o nosso trabalho e a partir de projetos, de institutos e Ongs que abrem espaço e fazem ações com a pegada agroecológica e aí surge a oportunidade. Sou uma agricultora aqui no DF tem 30 anos de história, primeiro eu lutei por terra, depois eu lutei por formação dentro da comunidade, inclusive para as crianças. Eu lutei tanto pela educação que eu fui educadora do Proner, ajudei a alfabetizar muitos dos meus vizinhos e isso me incentivou a estudar também. O que eu digo é que sou muito bem relacionada com secretaria de Agricultura, com Emater, com Senar DF que é/foram parceiro em alguns projetos. Mas essas instituições têm barreiras intransponíveis. Um exemplo: Emater DF tem um núcleo de agroecologia e nunca contratou um agroecólogo, tem traze anos que tem esse núcleo e nunca contratou um agroecólogo.



22

PROJETOS



Projetos desenvolvidos no Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia

A organização curricular do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFB está estruturada em três Eixos: Agroecossistemas; Educação Política e Ecológica e o Eixo Integrador. Em cada Eixo os conteúdos necessários à formação foram agregados em ÁREAS, articulando conhecimentos e métodos. Para o momento, apenas o Eixo Integrador será abordado. Neste Eixo, os conteúdos estão articulados nas seguintes áreas: Interações Comunitárias e Culturais; Interações no Campus e Interações Organizacionais. O Eixo Integrador se desenvolve a partir de grupos de trabalho para atuação nos espaços educativos do campus; para a realização de projetos e/ou pesquisas como base para a atuação nas comunidades; para o desenvolvimento de projetos culturais e de diálogo sobre temas da atualidade; e para o exercício da organicidade. Sintetiza a missão do Instituto Federal de Brasília ao territorializar as ações do curso em uma perspectiva de integração do tipo ensino-pesquisa-extensão. (Projeto Pedagógico Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, IFB - Campus Planaltina, 2019). Assim são desenvolvidos projetos como:

SAF da mata - Enriquecimento, Suporte e Desenvolvimento Geral do Sistema Agroflorestal "SAF da Mata", Valorizando as Espécies Nativas do Cerrado.

É um projeto cujo objetivo geral auxiliar no enriquecimento regenerativo e produtivo, suporte e desenvolvimento geral do Sistema Agroflorestal "SAF da Mata", valorizando as espécies nativas do cerrado, proporcionando a estabilidade do sistema, a fim de manter o local disponível como uma plataforma de experiências, estudos científicos e atividades pedagógicas para os estudantes do campus.

Bioinsumos

Este projeto tem como objetivo pesquisar o desenvolvimento de Sistemas Agroflorestais a partir da aplicação de Bioinsumos, fazendo acompanhamento com medições periódicas para saber o quanto a planta se desenvolveu.

Sistema Medicinal Biodiverso

Trabalha a restauração do SMBD (Sistema Medicinal Biodiverso), executando o manejo em toda área do sistema como a capina seletiva, a poda e os tratos culturais como cobertura de solo e identificação de carterios. Além de fazer a atualização do desenho do sistema, fazer o inventário florístico completo da área. A proposta geral do projeto foi a de capacitar um grupo de estudantes com o trabalho e processamento de um sistema de plantas medicinais, executando também o beneficiamento dessas plantas, na produção de fitoterápicos. Objetivando realizar o manejo adequado de toda área do SMBD; identificar as espécies e levantar o inventário florístico; mapear a posição dos indivíduos; Colheita e beneficiamento.

O campus também conta com outros projetos como: SAF café, banana, cacau; Construindo caminhos para a inclusão no curso e PANCA. Ao final do semestre o curso realiza Seminário Integrador no qual oportunizar a socialização e compartilhamento das ações e projetos desenvolvidos pelos estudantes como pode ser visto através do poster do Seminário Integrador referente ao 2º semestre de 2024.

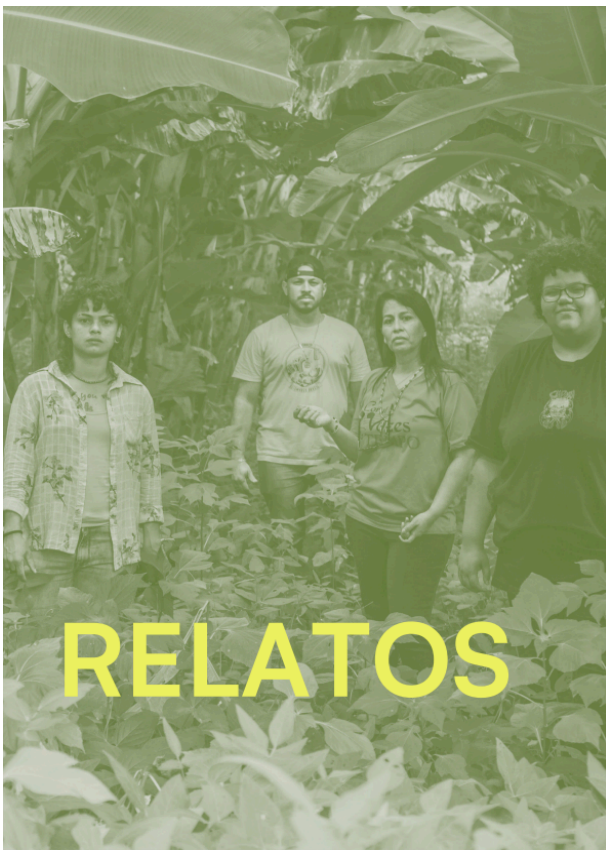


SEMINÁRIO INTEGRADOR FINAL DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA APRESENTAÇÕES DOS PROJETOS	
Data / Horário	Projetos
03/02/25 (Segunda) 14:00 às 18:30h	Visita de campo aos Projetos • VIGOR: café, banana, cacau; • Projeto Cadeia local
04/02/25 (Terça) 14h às 16:30h	Visita de campo aos Projetos • SAF da Mata, • SAF Café, banana, cacau; • Sistema Medicinal Biodiverso; • Bioinsumos; • Quilol produtivo.
04/02/25 (Quinta) 14h às 16:30h	Apresentação dos Projetos em Itinerários Pedagógicos • Produção de bioinsumos por estufas em diferentes substratos; • Saúde Comunal de Cerrado; • Pesquisa Sítio; • Espécies e desenho de agroecossistemas; (SAF); • Diagnóstico e Plano de Restauração Ecológica (SMBD).

SEMINÁRIO INTEGRADOR FINAL DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA APRESENTAÇÕES DOS PROJETOS	
Data / Horário	Projetos
03/02/25 (Segunda) 14:00 às 18:30h	Visita de campo aos Projetos • VIGOR: café, banana, cacau; • Projeto Cadeia local
04/02/25 (Terça) 14h às 16:30h	Visita de campo aos Projetos • SAF da Mata, • SAF Café, banana, cacau; • Sistema Medicinal Biodiverso; • Bioinsumos; • Quilol produtivo.
04/02/25 (Quinta) 14h às 16:30h	Apresentação dos Projetos em Itinerários Pedagógicos • Produção de bioinsumos por estufas em diferentes substratos; • Saúde Comunal de Cerrado; • Pesquisa Sítio; • Espécies e desenho de agroecossistemas; (SAF); • Diagnóstico e Plano de Restauração Ecológica (SMBD).

24

25



RELATOS

Relatos de mulheres que inspiram o trabalho de outras. Estudantes egressas do Curso superior de tecnologia em Agroecologia. Segurar a mão umas das outras, criar rede de cooperação, trocar experiência também compõem o conceito agroecológico.



Após concluir o curso Superior de Tecnologia em Agroecologia as estudantes egressas têm várias possibilidades de carreira e aplicação de seus conhecimentos. Embora haja inúmeros desafios a serem enfrentados, como por exemplo, a falta de regulamentação da profissão, o campo da agroecologia é amplo e em constante evolução, oferecendo oportunidades para as mulheres que desejam trabalhar nessa área, com produção própria em sua própria escala, como pode ser percebido nos relatos das mulheres egressas do curso Maria da Conceição N. Oliveira ou Ceça (como ela gosta de ser chamada) e Viviane Pereira.

Meu nome é Ceça, sou egressa da 1ª turma do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFB – Campus Planaltina. No interior do Piauí, há 50 anos eu nasci, numa noite de festa, canjica, quentão e a fogueira de São Pedro. Cresci na fazenda do meu avô, família grande, flocos, primas e muito trabalho. Plantávamos de tudo e ali se criava gado grande e gado miúdo, fazíamos rapadura, queijo, farinha, promessa e novela.

Cheguei em Brasília com 15 anos, fugindo da pobreza, seca e outras misérrimas. Em poucos anos me tornei militante do MST - Movimento dos Sem Terra. Em 1997 fundamos 4 grandes assentamentos no monturo da Capital Federal e eu passei a ser assentada de Reforma Agrária, moradora da chácara 01 do Assentamento Três Conquistas-Paraná. Ali criei meus filhos, plantei feijão, arroz, milho, flores, frutos, árvores, e sonhos...

Ainda no início do assentamento tornei-me educadora do PRONERA-Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. Alfabetizando parte da nossa comunidade. O que despertou em mim a vontade e a necessidade de estudar, eu só tinha o ensino fundamental. Aos 27 anos fiz 2º grau, EJA- Educação de Jovens e Adultos. Depois curso técnico, graduação no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia - Quando eu entrei no curso eu logo me identifiquei porque eu sou uma agricultora de origem né. O IFB através dos profissionais que trabalham ali participam das coisas que a gente constrói dentro do âmbito da agroecologia, como implementação de um projeto. Dentro do IFB principalmente no Campus Planaltina tem muito esse perfil de trazer lideranças comunitárias, as mulheres, as comunidades vizinhas para dias de campo para ações, para eventos que vai conectando a comunidade com aquele espaço de construção de conhecimentos, isso me fortaleceu. Foi fazer intercâmbio, especializações e mestrado. Me descobri educadora bem antes de me tornar professora. Preciso destacar aqui que a vivência em um acampamento muda a vida do sujeito. Em mim, fortaleceu o senso de coletividade e cooperação, valores que me guiam até hoje. A luta pela terra, por justiça social, fundir uma comunidade e juntos construir um lugar para se viver foi um espelho onde eu pude me perceber como sujeito político, histórico capaz de promover mudanças no mundo à minha volta. Aprendi principalmente que o flagelo da pobreza é consequência de um sistema e tem autoria.

Foi uma grande jornada de agricultora e educadora, atuo no âmbito da Agroecologia. Trabalho com projetos de desenvolvimento social e ambiental, com grupos de mulheres e agricultoras, estou professora de Meio Ambiente no IFB-Campus Estrutural. Contudo sigo apaixonada pela agricultura, amo plantar e colher, tenho uma produção de bananas no núcleo rural Taquara, minha produção é grande. Vejo o campo como um espaço de teoria e práticas e é nele onde podemos nos reeducar, nos reconectar com a natureza, nos tornarmos sujeitos ecológicos.

Convido a todos para juntarmos forças e construímos um futuro mais justo e sustentável. A Agroecologia é uma ferramenta poderosa no enfrentamento dos desafios ambientais e sociais que o mundo enfrenta. Vejo a Agroecologia como uma ferramenta necessária para o enfrentamento dos extremos climáticos e por uma terra mais resiliente.

27



E o IFB contribuiu bastante para minha trajetória profissional, vivi muitas coisas dentro do IFB que acabou me fortalecendo.

Meu nome é Viviane Pereira - Minha entrada no curso de Agroecologia se deu depois de participar do projeto da Escola Umbuzeiro, na qual participamos do CBA (em Fortaleza e lá conheci alunos do curso de agroecologia. Eu escolhi a agroecologia porque ela iria permitir, com os conhecimentos adquiridos, que eu produzisse a minha própria comida, para que eu não passasse mais fome. Como lá (Bahia) não chove muito, ter conhecimento dessas tecnologias sociais, dessa evolução, desses conhecimentos todos que eu não tinha. Aliás eu tinha, mas era pouco. Ali eu falei: Eu vou estudar que eu não passo fome. Meu pensamento foi esse - aprender para produzir para não passar fome. E o IFB contribuiu bastante para minha trajetória profissional, vivi muitas coisas dentro do IFB que acabou me fortalecendo, muita gente me ajudou, outras nem queria que ficasse ali. Eu sei que entrei com um conhecimento e sai com mais do que eu entrei. Após o curso trabalhei na chácara onde eu morava em Brasília. Entrando em contato com alguns colegas comecei a participar de grupos com a temática de agroecologia, participar também de cursos e reuniões em assentamentos.

Foi assim que conheci o grupo de mulheres que desenvolve um projeto em um assentamento rural no município de Uruana de Minas (MG) onde fui contratada para dar curso de "criação de galinha caipira" para mulheres do assentamento. Depois fui contratada para atuar como técnica de campo no projeto "Pró-Semárido" no estado da Bahia, atendendo comunidades rurais. Outra atividade desenvolvida foi como pesquisadora de campo para um projeto da Flocruz "Territórios Saudáveis e Sustentáveis" que atende quatro comunidades quilombolas no município de Chapada Gaúcha - MG. Atualmente trabalho como técnica de campo no projeto "Ater Biomus" em Vitória da Conquista - BA. As comunidades onde atuei eram assentamentos da Reforma Agrária, Comunidades Quilombolas e Comunidades Tradicionais.

Um dos grandes entraves, que eu sinto, é a falta de reconhecimento do profissional Tecnólogo em Agroecologia ou agroecólogo o que faz com que, nós formados, trabalharmos como técnico. Mesmo sendo nível superior não podemos concorrer a vagas de coordenador de projeto, não tem essa definição no perfil desejável para vagas na área de formação. Outro é a aquisição do CREA. Pagamos como agrônomo, porém não atuamos como tal. Infelizmente em vários espaços de debates de agroecologia como ANA, não vemos agroecólogos em espaços de tomadas de decisão.

28



VAMOS REFLETIR

Qual a importância das mulheres para a soberania alimentar no Brasil?

De acordo com o Ministério da Agricultura e Pecuária, as mulheres são responsáveis por mais da metade da produção de alimentos e também desempenham um importante papel na preservação da biodiversidade, garantindo a soberania e a segurança alimentar a partir da produção de alimentos saudáveis.

O Ministério da Agricultura e Pecuária denuncia que as mulheres rurais raramente possuem a terra que cultivam e muitas vezes são legalmente impedidas de serem proprietárias, cerca de 60% das pessoas com fome crônica no planeta são mulheres e meninas. Apesar de diretamente afetadas pela desigualdade de gênero, que se reflete nas mais diversas camadas de suas vidas, elas também possuem ideias e liderança que podem transformar a situação nutricional de suas comunidades.(Ministério da Agricultura e Pecuária).



Qual o envolvimento da Agenda 2030 a respeito da categoria gênero?

Faz parte da Agenda 2030 a adoção e fortalecimento de políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis. Para isso, as metas globais do ODS (Objetivo de Desenvolvimento Sustentável) destacam um conjunto menor de indicadores do que aqueles pactuados como mínimos pelos marcos internacionais específicos da luta pela igualdade de gênero.

5 Igualdade de Gênero



Sobre a autodeclaração dos estudantes

Considerando a cor e raça das estudantes do curso da agroecologia 50% das mulheres se autodeclaram pretas - 49% se autodeclaram pardas, 1% se autodeclaram brancas. Não houve autodeclaração para amarelas ou indígenas.



CHARGE



A relação agroecologia e a luta do trabalho da mulher do campo representada na charge de Latuff, 2012, revela os problemas enfrentados pelas produtoras e suas lutas para defender o meio ambiente de produtos a ações nocivas a ele. O trabalho da mulher no campo é uma fonte integradora da agroecologia à alimentação saudável que sustenta a saúde e a vida humana e a natureza. É uma luta constante dos movimentos sociais feministas do campo, lutar pelas condições de acesso à propriedade de terra, além de lutar pelo respeito à mulher rural e a igualdade salarial entre homens e mulheres.



RESENHA



TAINÁ: A ORIGEM
 Ano de publicação: 2011
 Direção: Rosane Swetman
 Duração: 83 min.
 Classificação: Livre
 Gênero: infantil, aventura
 País de origem: Brasil
 Elenco: Wlirau Tembê; Nuno Leal Maia; Gracindo Junior; Beatriz Noskoski; Igor Ozzi.

Por: Anívea Araujo Costa

Tainá: a origem faz parte de uma trilogia de narrativa voltada para preservação da floresta amazônica. Tainá, a protagonista do filme é uma garotinha indígena que sonha transformar-se em uma grande guerreira, para proteger a floresta e também descobrir sua verdadeira origem. Nessa jornada Tainá conhece Laura, uma garotinha burguesa que está perdida na floresta e Gobi, um garotinho indígena nerd. Ao superar as suas diferenças o trio se torna grandes amigos e juntos enfrentam o inimigo ancestral da família de Tainá, o Jurupari, a encarnação do mal, que quer destruir toda a floresta. Além da defesa das questões ecológicas, a pequena, vai também lutar contra o preconceito de gênero dentro de sua tribo, provar suas habilidades para se tornar a guerreira defensora da floresta.

O filme Tainá: a origem é a terceira parte de uma trilogia emocionante marcada pela ideia da defesa de questões ecológicas e disputa de gênero. A trilogia teve início com o primeiro filme no ano 2000, o segundo filme em 2004 e o último em 2011.

Através da simplicidade do olhar de crianças de etnias e culturas diferentes, Tainá e seus amigos se veem na luta pelo objetivo comum que é a proteção da floresta contra um antigo inimigo cujo objetivo é a depredação da floresta, concomitante ao objetivo da menina que quer provar o seu valor, enquanto guerreira, dentro da tribo. Além disso, Tainá está em busca de conhecer a sua origem. Encontrada ao pé, ou as raízes de uma grande árvore quando ainda era bebê, ela sonha em saber quem teria sido sua mãe e o motivo pelo qual fora deixada ali.

Em Tainá: a origem, assim como nos filmes anteriores da trilogia, seus valores dialogam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nas dimensões sociais e ambientais. Só para relembrar, os ODS compreendem quatro dimensões: social, ambiental, econômica e institucional, em prol de encontrar caminhos sustentáveis que defendem um mundo mais habitável. Nelas foram defendidos 17 objetivos e 169 metas globais interconectadas a serem alcançadas até o ano de 2030 - a Agenda 2030.

O grau de conexão que os temas levantados no filme faz com as dimensões sociais e ambientais discutidas nas ODSs geram reflexões até mesmo telespectadores mirins. Durante a narrativa do filme, a atenção para a defesa da floresta e o protagonismo feminino são pontos recorrentes de toda trama e diálogos.

Assim, a pequena indígena luta pela igualdade de gênero, ela não aceita não poder ser uma guerreira baseada no seu gênero e não por suas habilidades. A igualdade de gênero discutida no ODS 5: Igualdade de Gênero, cujo objetivo é alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, faz parte de um mote de discussões indispensáveis para a sociedade em todas as suas faixas etárias e gêneros. O ativismo feminino visto em Tainá certamente suscitaria um processo cético, para Telles (2002) a mulher em seu processo de emancipação precisou "rever a própria socialização" o que se constitui num processo moroso.

Tainá já superou esse processo, ela não aceita ser colocada no espaço doméstico, como a mulher fora socializada durante décadas pelos homens.

Nessa lógica, todo o contexto suscita a percepção de que escolher uma menina a um menino para protagonizar a história que gira em torno da proteção da floresta Amazônica, o diretor pretende trazer à tona duas reflexões muito importantes e necessárias para sociedade brasileira que são a discussão sobre a preservação ambiental e a discussão de gênero.

Dessa forma, parece que a indiazinha com a pureza dos povos originários, de uma criação e força de muitos adultos conscientes de si em relação ao meio ambiente sustentável têm conquistado a atenção dos brasileiros. Tainá: a origem é um daqueles filmes para assistir em família e depois quem sabe uma roda de conversa entre pais e filhos abordando assuntos sérios de maneira descontraída envolvendo igualdade de gênero e a defesa da natureza.



Fonte: Adoro Cinema - <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-101984/>



SÍNTESE DO PERCURSO DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

SÍNTESE DO PERCURSO DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

- ### CONHECENDO O CURSO

Certificação: Tecnólogo de Engenharia Rural
Turno: Matutino e/ou Vespertino
Duração: 3 anos
Local: Campus Planaltina, Rodovia DF 128, Km 21 – Zona Rural.
 Acesso em: <https://www.ifb.edu.br/index.php/vitrine-co-8/16-1746>

1 Novas e tradicionais
- ### FORMAS DE ACESSO

1 - Pelo Sistema de Seleção Unificada – SISU e pela nota do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM.
 2 - Vagas remanescentes - entrada por mérito/análise de currículo.

2
- ### ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO

A organização curricular do curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFB está estruturada em três EDCOs:
 (1) Agroecossistemas
 (2) Educação Política e Ecológica
 (3) Integrador.

3
- ### CAMPO DE ATUAÇÃO

O Tecnólogo em Agroecologia estará apto para atuar em diferentes espaços do mundo do trabalho que estejam envolvidos com processos agroecológicos: cooperativas e associações; propriedades rurais e empreendimentos de agricultura familiar; entre outros.

4
- ### PERFIL DO EGRESSO

O Projeto Pedagógico do Curso elenca 9 tópicos com perfil do egresso entre eles estão: Planeja, executa, gerencia e avalia sistemas de produção, processamento e comercialização agropecuária.

5
- ### ONDE ENCONTRO INFORMAÇÕES MAIS DETALHADAS?

Você pode encontrar informações mais detalhadas sobre o Curso de Tecnologia em Agroecologia no endereço digital:
 Acesso em: <https://www.ifb.edu.br/index.php/vitrine-co-8/16-1746>

6 Novas e tradicionais

37



38

RECEITA

Fertilizante

NPK caseiro

Ingredientes:

- 3 colheres de borra de café sem açúcar
- 4 cascas de banana
- 4 cascas de ovos
- 1 colher de sopa de canela
- 1 litro de água

Modo de fazer

1. Coloque todos os ingredientes no liquidificador e bata por aproximadamente 3 minutos.
2. Coloque a mistura em uma garrafa pet de 2 l.
3. Guarde a garrafa em um local escuro por 7 dias.
4. Todos os dias abra a tampa para sair o gás e acelerar o processo de fermentação.

Modo de usar

Após os 7 dias.

Faça a diluição na proporção de 1x1. Exemplo 500ml de água + 500ml do fertilizante. Colocar a mistura em volta das plantas.

OBS: O NPK são nutrientes importantes para as plantas:

N

é o nitrogênio — importante para o crescimento das plantas.

P

é o fósforo — importante para formação de flores e de frutos.

K

é o potássio — importante na formação da resistência das plantas contra doenças.

Receita indicada pela estudante Josimara de Sousa Silva do Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia, 2024

39



40

RECEITA

Geleia de Cagaita

Ingredientes:

- 1kg de cagaítas verdes sem as sementes
- 800g de açúcar

Modo de fazer

1. Leve ao fogo as cagaítas e o açúcar, sem caroço, sem casca. Mexa com uma colher de pau até levantar fervura.
2. Não é necessário adicionar água porque a cagaíta já é naturalmente aquosa. Continue mexendo até dar o ponto de geleia.
3. Retire do fogo.
4. Espere esfriar e coloque em potes de vidro.
5. Sirva a geleia fria ou gelada.

Receita culinária indicada pela estudante Shelly Lopes do Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia, 2024

RECEITA

Tijolo de mamão

Ingredientes:

- 30 Litros de caldo de cana;
- 10 L de leite;
- 6 mamões verdes

Modo de fazer

1. Lave bem os mamões; rale-os, deixe reservado, numa gamela ou tacho.
2. Em um tacho de cobre, ferva o caldo de cana em fogo alto.
3. Quando o caldo da cana estiver no ponto de "puxa", na consistência de melado, retire do fogo.
4. Aos poucos, despeje em todo o melado da cana, o leite e o mamão, em seguida comece a bater, com a ajuda de uma colher de pau.
5. Bata bastante até o doce começar a ficar duro, se precisar acrescente um pouco mais de mamão ralado, continue batendo até ficar duro.
6. Nesse ponto, despeje o doce com ajuda de uma cuia, nas formas tradicionais de rapadura.
7. Passe uma espátula para acertar a superfície e deixe esfriar, retire assim que endurecer.
8. Sirva ou armazene em local seco e arejado.

OBS: Quando o caldo começar a ferver, formará uma espuma na superfície do tacho. Retire essa espuma com a ajuda de uma escumadeira, sempre que ela se formar.

Rendimento: a receita rende 3 ou 4 tijolos dependendo do tamanho da forma que usar.

Receita culinária indicada pela estudante Sabrina Vieira Cardoso do Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia, 2024

41





VOCÊ SABIA?

Qual a movimentação distributiva da população feminina segundo a cor ou raça no Brasil nas últimas décadas?

O Censo 2022 mostra um aumento significativo na autodeclaração de mulheres pardas e pretas e a diminuição na autodeclaração de mulheres brancas.

Cor/raça	Ano 2015	Ano 2020	Ano 2022
Preta	7,5	8,7	10,3
Branca	46,1	43,4	43,3
Parda	45,7	47	45

Quadro 1. Elaboração própria.

Fonte: IBGE – tabela 640B - Variável – Distribuição percentual da população por sexo segundo a cor

Considerando a cor e raça das estudantes do curso da agroecologia 50% das mulheres se autodeclararam pretas - 49% se autodeclararam pardas. 1% se autodeclarou branca. Não houve autodeclaração para amarelas ou indígenas.



VOCÊ SABIA?

A mulher do campo não está mais só. No Brasil há pelo menos 27 movimentos de camponesas, de acordo com Observatório do agronegócio no Brasil - De Olho nos ruralistas.



Segundo o último Censo Agropecuario do IBGE, quase 20% dos empreendimentos rurais do país são dirigidos por mulheres. Em 2006, o percentual de mulheres rurais empreendedoras era de 12%. "É um salto significativo, mas ainda é muito pouco, quando sabemos que de 70% a 80% dos alimentos são produzidos pelas mulheres rurais, principalmente os alimentos para autoconsumo", comenta Geise Mascarenhas, consultora da Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Mapa



Que a ONU estabeleceu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável — ODS e que o tema gênero discutido na ODS 5 — Igualdade de gênero intersecciona em todos outros 16 ODS?



VOCÊ SABIA?

RECEITA PARA O SEU SUCESSO PROFISSIONAL EM AGROECOLOGIA

Por: Etelvino Rocha Araújo - professor do IFB campus Planaltina - Coordenador do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia

- INTERAGIR COM AS PESSOAS
- INTERAGIR NOS ESPAÇOS DE ORGANIZAÇÃO, EM ASSOCIAÇÕES E MOVIMENTOS RURAIS
- PENSAR O TRABALHO POR UMA PERSPECTIVA DE REDE, DE COLETIVO
- NÃO SE LEPTAR, TER SEMPRE UMA VISÃO CRÍTICA
- ACREDITAR NOS SEUS PROJETOS
- VALORIZAR E CONTRIBUIR COM OS PROJETOS DO OUTRO
- FICAR NA SUA PPRTÂNCIA NA ALPENTIAÇÃO DA SUA COOPERATIVA
- FICAR NA SUSTENTABILIDADE

SEJAM BEM VINDO AO QUINTAL PRODUTIVO AGROECOLÓGICO



RECEITA

Fertilizante

NPK caseiro

Ingredientes:

3 colheres de borra de café sem açúcar
4 cascas de banana
4 cascas de ovos
1 colher de sopa de canela
1 litro de água

Modo de fazer

1. Coloque todos os ingredientes no liquidificador e bata por aproximadamente 3 minutos.
2. Coloque a mistura em uma garrafa pet de 2 l.
3. Guarde a garrafa em um local escuro por 7 dias.
4. Todos os dias abra a tampa para sair o gás e acelerar o processo de fermentação.

Modo de usar

Após os 7 dias.

Faça a diluição na proporção de 1x1. Exemplo 500ml de água + 500ml do fertilizante. Colocar a mistura em volta das plantas.

OBS: O NPK são nutrientes importantes para as plantas:

N

é o nitrogênio — importante para o crescimento das plantas.

P

é o fósforo — importante para formação de flores e de frutos.

K

é o potássio — importante na formação da resistência das plantas contra doenças.

Receita indicada pela estudante Josimara de Sousa Silva do Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia, 2024

42



RECEITA

Geleia de Cagaita

Ingredientes:

1kg de cagaítas verdes sem as sementes
800g de açúcar

Modo de fazer

1. Leve ao fogo as cagaítas e o açúcar, sem caroço. Mexa com uma colher de pau até levantar fervura.
2. Não é necessário adicionar água porque a cagaíta já é naturalmente aquosa. Continue mexendo até dar o ponto de geleia.
3. Retire do fogo.
4. Espere esfriar e coloque em potes de vidro.
5. Sirva a geleia fria ou gelada.

Receita culinária indicada pela estudante Shelly Lopes do Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia, 2024



43

RECEITA

Tijolo de mamão

Ingredientes:

30 Litros de caldo de cana;
10 L de leite;
6 mamões verdes

Modo de fazer

1. Lave bem os mamões; rale-os, deixe reservado, numa gamela ou tacho.
2. Em um tacho de cobre, ferva o caldo de cana em fogo alto.
3. Quando o caldo da cana estiver no ponto de "puxa", na consistência de melado, retire do fogo.
4. Aos poucos, despeje em todo o melado da cana, o leite e o mamão, em seguida comece a bater, com a ajuda de uma colher de pau.
5. Bata bastante até o doce começar a ficar duro, se precisar acrescente um pouco mais de mamão ralado, continue batendo até ficar duro.
6. Nesse ponto, despeje o doce com ajuda de uma cuia, nas formas tradicionais de rapadura.
7. Passe uma espátula para acertar a superfície e deixe esfriar, retire assim que endurecer.
8. Sirva ou armazene em local seco e arejado.

OBS: Quando o caldo começar a ferver, formará uma espuma na superfície do tacho. Retire essa espuma com a ajuda de uma escumadeira, sempre que ela se formar.

Rendimento: a receita rende 3 ou 4 tijolos dependendo do tamanho da forma que usar.

Receita culinária indicada pela estudante Sabrina Vieira Cardoso do Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia, 2024

44



Caça Palavras

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, com palavras ao contrário.

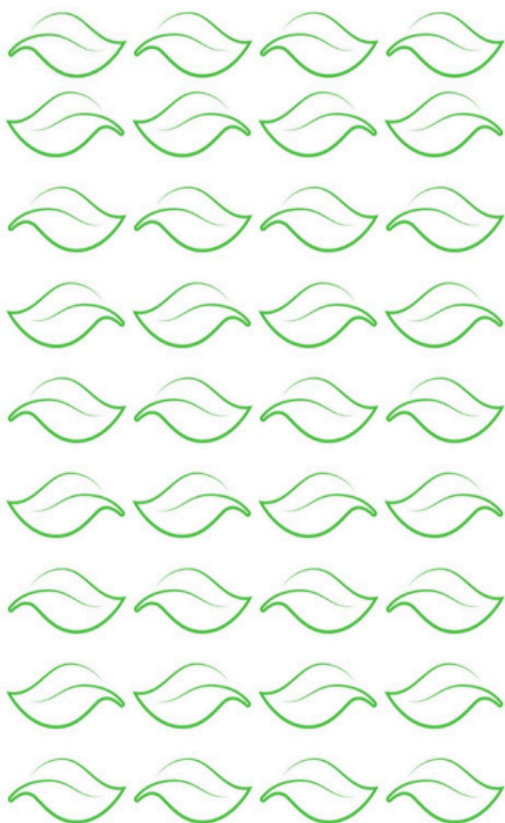
A E P O L Í T I C A S P Ú B L I C A S E N U
 B S Y O Y I G U A L D A D E D E G Ê N E R O
 I T U R O C T T G O C E R R A D O W T T S L
 O U H P S O B E R A N I A A L I M E N T A R
 I D D A E E E Q O S G P R O J E T O S H S T
 N A A O U E S U F D U R S T N L H N R M I R
 S N S O I S P I L I S E O R U H A E T U N A
 U T O H I S A D O R E W L E P T D F A A L B
 M E C S O A Ç A R R E U T E C N O L O G I A
 O S I E M P O D E R A M E N T O W N A H A L
 S T E E S B R E S F A M Í L I A L B I G A H
 A T D S S H U A T C F D S W E O O N I N O
 O T A T T E R G A P N T E C N Ó L O G O T N
 R N D F I I A E L C R D I Á L O G O S I I T
 H L E N O R L N T E C O S S I S T E M A A W
 I R A I S U S T E N T A B I L I D A D E I E

Encontre as palavras

- | | | | |
|---------------|---------------|---------------------|--------------|
| AGROECOLOGIA | EMPODERAMENTO | POLÍTICAS PÚBLICAS | TECNOLOGO |
| AGROFLORESTAL | ESQUINAS | PROJETOS | TRABALHO |
| BONSUÍMOS | ESPAÇO RURAL | RESISTÊNCIA | VISIBILIDADE |
| CERRADO | ESTUDANTES | SOBERANIA ALIMENTAR | ODS |
| DIALOGOS | FAMÍLIA | SOCIEDADE | TECNOLOGIA |
| ECOSSISTEMA | MATA | SUSTENTABILIDADE | |

Recorte e cole

Recorte as folhas da próxima página e escreva no interior de cada folha a sua dica para o sucesso profissional na agroecologia



AGROECOLOGIA: MULHERES PELA TERRA ALIMENTANDO MUDANÇAS

Por: Anívea Araujo Costa

Orientadora: Profa. Dra. Veruska Ribeiro Machado



APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Implicações de gênero nas autoperspectivas profissionais das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia

Pesquisadora: prof^a. Anívea Araujo Costa

Orientadora: Dra. Veruska Ribeiro Machado

Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa ***Implicações de gênero nas autoperspectivas profissionais das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia***. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assinar este termo e receberá uma via do mesmo. Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A pesquisadora deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem o objetivo: Investigar, a partir do espaço rural, quais implicações de gênero exercem sobre as auto perspectivas profissionais das estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia dentro desse campo de trabalho no sentido de que sigam trabalhando e se profissionalizando na sua área de formação.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de uma entrevista com perguntas abertas a respeito do seu curso e participar de uma de oficinas cujo tema será sobre assuntos do seu curso.
- Os procedimentos são: entrevista individual, por vídeo ou presencial; as oficinas serão realizadas em um (1) encontro previamente aprovado pela coordenação, no campus.
- A entrevista será gravada somente em áudio unicamente para transcrição posterior
- Para o produto educacional REVISTA a ser criado, você poderá, se quiser, ser fotografado (a) e sua foto poderá estar na REVISTA, caso você concorde.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos. De acordo com a Resolução CNS Nº 466/12 toda pesquisa envolve riscos. Os riscos da coleta de dados na entrevista são grau mínimo, mas caso aconteça algo com o/a entrevistado (a) por causa da entrevista, ou por causa da oficina, nós daremos toda a assistência necessária. Os possíveis riscos dessa pesquisa podem ser: desconforto ao responder o questionário, desconforto ao suscitar memórias que provoquem fadiga.
- Considerando os riscos potenciais deste estudo, caso seja necessário, será garantido o direito à assistência (imediata, integral e sem ônus) o/a participante, devido a danos decorrentes da participação na pesquisa e pelo tempo que for necessário (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens II.3.1 e II.3.2).
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo, ou poderá interromper sua participação a qualquer momento.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá ter a oportunidade de refletir e adquirir conhecimentos a respeito da sua perspectiva de atuação profissional nas áreas de seu curso, além de contribuir para maior conhecimento sobre o espaço da mulher no território rural.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pela pesquisadora e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Anívea Araujo Costa com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, respeitando sua privacidade.
- Importante esclarecer que o produto educacional REVISTA a ser criado será de domínio público.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo

e-mail cep.uniceub@uniceub.br. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h30 às 12h30 e 14h30 às 18h30.

O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Ao assinalar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os possíveis danos, entre em contato com a pesquisadora responsável Anívea Araujo Costa, no telefone (61) 992797066 ou pelo e-mail aniveaa@gmail.com.

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa Instituição:

IFB. Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília

Endereço da pesquisadora: Qd. 02 Res.: Nº: 06 /Complemento: MR 05 Rua E Bairro: /CEP/Cidade: S/ Leste - Planaltina Goiás - CEP: 75752 - 020. Telefones p/contato: (61) 992797066

Li e estou esclarecida a respeito desse termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Estou de acordo com a utilização da minha voz e minha imagem neste estudo. Estou de acordo de participar dessa pesquisa.

APÊNDICE D - FICHA DE AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICA TECNOLÓGICA (PTT) - ProfEPT

Ficha de validação da Produção Técnica Tecnológica (PTT) - ProfEPT



MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA | ProfEPT
COORDENAÇÃO ACADÊMICA NACIONAL | CAN - Gestão 2022/2025

IDENTIFICAÇÃO

Instituição Associada:	Instituto Federal de Brasília
Discente:	Anívea Araújo Costa
Produto/Processo Educacional:	AS PERSPECTIVAS DE TRABALHO DAS ESTUDANTES DO CURSO SUPERIOR DE AGROECOLOGIA (oficina com produção de revista)
Dissertação:	PROVOCAÇÕES SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO NO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA
Orientador (a):	Veruska Ribeiro Machado
Área de Concentração:	Ensino
Linha de Pesquisa:	Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)
Macroprojeto	Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT

TIPOS DE PRODUTOS TÉCNICO TECNOLÓGICOS

<input checked="" type="checkbox"/>	PTT1: Material didático/instrucional
<input type="checkbox"/>	PTT2: Curso de formação profissional
<input type="checkbox"/>	PTT3: Tecnologia social
<input type="checkbox"/>	PTT4: Software/Aplicativo
<input type="checkbox"/>	PTT5: Evento Organizados
<input type="checkbox"/>	PTT6: Relatório Técnico
<input type="checkbox"/>	PTT7: Acervo
<input type="checkbox"/>	PTT8: Produto de comunicação
<input type="checkbox"/>	PTT9: Manual/Protocolo
<input type="checkbox"/>	PTT10: Carta, mapa ou similar

CRITÉRIOS

	Sim	Não
À projeto de pesquisa	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Ficha de validação da Produção Técnica Tecnológica (PTT) - ProEPT

2

Aderência	À linha de pesquisa do Programa	X	
	Área de concentração do Programa	x	
	Ao macroprojeto	x	
Replicabilidade	O PE pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que ele foi produzido?	X	
Registro	Possibilidade de registro/dépósito de propriedade intelectual	X	

IMPACTO	
	Alto - PTT gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
X	Médio - PTT gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
	Baixo - PTT gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.
IMPACTO - DEMANDA	
X	Demanda espontânea
	Demanda contratada
	Demanda por concorrência (ex. Edital)
IMPACTO - OBJETIVO DA PESQUISA	
	Experimental
	Sem um foco de aplicação inicialmente definido
X	Solução de um problema previamente identificado

ABRANGÊNCIA TERRITORIAL	
X	Local
	Regional
	Nacional
	Internacional
INOVAÇÃO	
	Alto teor inovativo (desenvolvido com base em conhecimento inédito).
X	Médio teor inovativo
	Baixo teor inovativo
	Sem inovação aparente
COMPLEXIDADE (Mais de um item pode ser marcado)	
x	O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está

Ficha de validação da Produção Técnica Tecnológica (PTT) - ProfEPT

3

	atrelado à questão de pesquisa da dissertação.
X	A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE
	Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico empregados na respectiva dissertação.
	Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.
APLICABILIDADE	
	PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa.
X	PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o mestrado.
	PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.
ESTÁGIO DA TECNOLOGIA	
	Piloto/protótipo
	Em teste
X	Finalizado/implantado
	Não se aplica
ACESSO	
	PE sem acesso.
	PE com acesso via rede fechada.
X	PE com acesso público e gratuito.
	PE com acesso público e gratuito pela página do Programa.
	PE com acesso por Repositório Institucional com acesso público e gratuito.

PANORAMA SOBRE A ABRANGÊNCIA E/OU A REPLICABILIDADE DO PTT

--

Até 255 caracteres

DESCRIÇÃO DO TIPO DE IMPACTO DO PTT



--

Ficha de validação da Produção Técnica Tecnológica (PTT) - ProfEPT

4

--

Até 255 caracteres

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA	
Presidente da banca	 Documento assinado digitalmente VERUSKA RIBEIRO RICHARDS Data: 20/05/2025 11:09:23 -0300 Verifique em https://validar.it.gov.br
Membro interno ProfEPT/IA	 Documento assinado digitalmente DEBORA LEME SILLIANO Data: 20/05/2025 11:08:44 -0300 Verifique em https://validar.it.gov.br
Membro externo	
Data da defesa	05 de maio de 2025

Ficha elaborada a partir de:

1. Documento de Área Ensino CAPES. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/central-de-conteudo/ORIENTACOES_REGISTRO_PRODUCAO_TECNICA_TECNOLOGICA_ENSINO.pdf. Acesso em 08 nov. 2022.
2. RIZZATTI, et al. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: http://portal.sites.ufr.br/wp-content/uploads/sites/33/2020/09/Artigo_Co-Prod.-Educ.-dos-PPG-profissionais.pdf. Acesso em 08 nov. 2022.